UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

A RECEPÇÃO DE ÉLISÉE RECLUS NO BRASIL:

uma narrativa científica

Adriano Gonçalves Skoda

São Paulo

2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

A RECEPÇÃO DE ÉLISÉE RECLUS NO BRASIL:
uma narrativa científica

Adriano Gonçalves Skoda

Dissertação de mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação de Geografia Humana da Universidade de São Paulo (USP), FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Larissa Mies Bombardi
Área de Concentração: Geografia Humana
Linha de Pesquisa: Teoria e Método
Agência Financiadora: CAPES

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S628r Skoda, Adriano Gonçalves
A RECEPÇÃO DE ÉLISÉE RECLUS NO BRASIL: uma
narrativa científica / Adriano Gonçalves Skoda ;
orientadora Larissa Mies Bombardi. - São Paulo, 2016.
147 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Geografia. Área de
concentração: Geografia Humana.

1. GEOGRAFIA (HISTÓRIA). 2. Reclus, Élisée 1830-
1905. 3. PENSAMENTO GEOGRÁFICO. 4. EXPEDIÇÕES
CIENTÍFICAS -- SÉCULO 19 -- BRASIL. I. Bombardi,
Larissa Mies, orient. II. Título.

Advertência

As palavras presentes neste trabalho correram contra a urgência do tempo. Ansiosas por se proliferarem de modo mais abundante e livre tiveram como seu capataz o implacável prazo institucional, que fez com que estas se apresentassem cristalizadas – por ora – desta forma. Não temam desconfiar das palavras que este autor apresenta. Melhor será se motivados pelas dúvidas, pesquisarem as referências e escritos amplamente apresentados neste trabalho – por vezes de modo cuidadoso e, por outras, quase abandonados em notas de rodapé. É para possibilitar o encontro e a dúvida que esta narrativa científica foi criada.

Advertência final: Não temam as citações presentes no texto, algumas delas serão longas, contudo, são a forma encontrada por este autor, para dar voz aquelas pessoas que pareciam enterradas no passado.

Esta pesquisa foi contemplada, entre setembro de 2014 e setembro de 2016, com a bolsa CNPq/CAPES concedida pelo programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (FFLCH/USP).

“Sim, eu sou um geógrafo, mas acima de tudo sou um anarquista.”¹

Élisée Reclus

1 “Yes, I am a geographer, but above all I am an anarchist.” Afirmação feita em carta por Élisée Reclus ao anarquista holandês Ferdinand Domela Nieuwenhuis. Fonte: FLEMING, Marie. **The Geography of Freedom**. Montreal: Black Rose Books, 1988. p. 20. Tradução livre do autor.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa nas áreas de Teoria e Método e de História da Geografia e foi construída baseada no estudo de jornais, revistas e correspondências que abordaram os escritos de Élisée Reclus, em especial daqueles realizados e publicados no Brasil. O presente trabalho busca reabrir o debate em torno da hipótese levantada por Beatrice Giblin e Yves Lacoste na década de 1970 sobre o esquecimento ou silenciamento de Reclus na geografia. Para tanto, foi realizado um esforço de mapear e contextualizar as referências à obra de Reclus, desde 1862 – ano de aparição da primeira referência a Reclus em território brasileiro – até as pesquisas atuais produzidas no Brasil. Devido ao extenso período analisado o presente trabalho busca ao mesmo tempo catalogar essas referências (a fim de que sirvam de subsídios para futuros estudos) e analisar alguns debates que julgamos centrais na recepção das ideias de Reclus no Brasil, em especial sobre os temas da escravidão e da colonização. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é apontar e analisar esta visão produzida a partir de autores e publicações brasileiras da obra de Élisée Reclus.

Palavras-chave

Geografia; História da Geografia; Brasil; Élisée Reclus.

ABSTRACT

This dissertation is the result of research in Theory and Method and History of Geography areas and was built based on the study of newspapers, magazines and correspondence about Élisée Reclus writings, especially those carried out and published in Brazil. This work seeks to reopen the debate on the hypothesis raised by Beatrice Giblin and Yves Lacoste in the 1970s about the forgetting or silencing of Reclus geography. Therefore, an effort was made to map and contextualize the references to the work of Reclus, since 1862 - the year of appearance of the first reference to Reclus in Brazil - to current research produced in Brazil. Due to the extended period analyzed, the present work at the same time seeks to catalog these references (in order to serve as subsidies for future studies) and analyze some debates that we consider central to the receipt of Reclus ideas in Brazil, particularly on the issues of slavery and colonization. Thus, the objective of this research is to point out and analyze this vision produced from Brazilian authors and publications about the work of Élisée Reclus.

Key words

Geography; History of Geography; Brazil; Élisée Reclus.

RESUMEN

Esta tesis es el resultado de una investigación en las áreas de Teoría y Método y de Historia de la Geografía y fue construida teniendo como base el estudio de periódicos, revistas y correspondencias que abordaron los escritos de Élisée Reclus, en especial aquellos realizados y publicados en el Brasil. El presente trabajo busca reabrir el debate en torno a la hipótesis planteada por Beatrice Giblin y Yves Lacoste en la década de 1970, sobre el olvido o el silenciamiento de Reclus en la geografía. Por lo tanto, se ha realizado un esfuerzo de mapear y contextualizar las referencias a la obra de Reclus, desde 1862 –año de aparición de la primera referencia a Reclus en territorio brasileño– hasta las investigaciones actuales producidas en Brasil. Debido al extenso período analizado, el presente trabajo busca al mismo tiempo catalogar esas referencias (a fin de que sirvan de referencias para futuros estudios) y analizar algunos debates que consideramos centrales en la recepción de las ideas de Reclus en Brasil, en especial sobre los temas de la esclavitud y colonización. De este modo, el objetivo de esta investigación es apuntar y analizar esta visión producida a partir de autores y publicaciones brasileñas de la obra de Élisée Reclus.

Palabras clave

Geografía; Historia de la Geografía; Brasil; Élisée Reclus.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. A retomada de Élisée Reclus (1971-2016)	17
2. Um geógrafo desconhecido? A recepção de Reclus no Brasil (1862-1875)	36
2.1. Um geógrafo desconhecido?	38
2.2. <i>A Revue des Deux Mondes – O Brasil e a Colonização</i>	41
2.3. <i>A Revue des Deux Mondes – A Guerra do Paraguai</i>	65
2.4. <i>A Nouvelle Géographie Universelle (NGU)</i>	79
3. Um geógrafo esquecido? (1875-1970)	86
3.1. Um novo olhar da imprensa brasileira (1875-1905)	88
3.2. A recepção da comunidade geográfica brasileira	102
Considerações finais	116
Referências	119
Anexos	128

INTRODUÇÃO

O trabalho que agora o leitor tem em suas mãos é fruto do esforço coletivo. Seria impossível nomear ou saber ao certo quais foram as mãos que possibilitaram com que os dados apresentados nessa pesquisa pudessem encontrar agora o leitor, uma vez que, para que este trabalho pudesse existir, foi necessária a preservação de documentos, livros, cartas, bem como a realização de traduções e produções científicas, análises políticas, além de um trabalho incansável de compilação e organização destes materiais.

Por conta disto, é indispensável mencionar algumas pessoas e instituições responsáveis por permitir a preservação das fontes sobre as quais apoiamos nossa narrativa científica. Primeiramente prestamos reverência a todos aqueles professores que ao longo de sua vida docente trouxeram para debate e reflexão as ideias e obras de Élisée Reclus, e de outros personagens marginais. Lembramos com carinho das aulas dos professores Rui Ribeiro de Campos e Heinz Dieter Heidemman, sem estes o presente trabalho sequer teria sido iniciado.

Em segundo lugar cabe lembrarmos daqueles trabalhos silenciosos, mas, indispensáveis para a circulação do conhecimento dos editores e tradutores. É o desejo permanente de ver as palavras vibrando que mobilizam estas pessoas em seu trabalho heroico de conectar pessoas de todas as partes, do presente e do passado, permitindo assim que os sonhos permaneçam vivos, ainda que os corpos não estejam mais presentes para sonhá-los. Tal tem sido o trabalho do amigo Plínio Augusto Coelho com a Editora Imaginário a mais de 30 anos.

Por fim lembramos daquelas pessoas que empreenderam seus esforços para guardar, catalogar e manter acessível e vivos aqueles velhos pedaços de papel, encontrados amontoados e empoeirados nos sebos, doados por velhos militantes ou comprados com o suor dos esforços individuais. Este trabalho, de amor e respeito à memória e à história de tantas pessoas que viveram antes de nós e buscaram construir um mundo mais justo e digno é o que grupos como a Biblioteca Terra Livre e o Grupo de Estudios José Domingo Gómez Rojas tem realizado nos últimos anos. Sem estas pessoas, que mantêm vivas na prática as ideias de liberdade, teria sido impossível escrever estas linhas.

No ano de 2005, quando por ocasião do centenário da morte de Élisée Reclus (1830-1905)

se realizaram diversos seminários e colóquios na Europa e nos Estados Unidos para relembrar e colocar em debate a vida e obra do geógrafo anarquista francês, se verificou a partir de então, uma proliferação de trabalhos acadêmicos que tem por tema de estudo sua monumental obra.

Pesquisadores da geografia crítica e da história da geografia tem apresentado, ao longo de seus estudos, que os primeiros movimentos de retomada da obra reclusiana aconteceram na França e nos Estados Unidos nos anos 1970, com a contribuição de Yves Lacoste, Beatrice Giblin, Richard Peet, entre outros.

O que se tem visto na última década, desde as comemorações do centenário de morte de Reclus, é um aprofundamento e uma ampliação das discussões em torno dos escritos reclusianos. Nestes anos pesquisadores como Federico Ferretti, Philippe Pelletier, Ronald Creagh, Teresa Mosquete (na Europa), John Clark (nos Estados Unidos) e Daniel Hiernaux-Nicolás, David A. R. Palacios, Marcelo Miyahira (na América Latina) tem se destacado e dado uma importante contribuição para o avanço dos estudos reclusianos, tanto em quantidade quanto em qualidade.

A retomada das obras de Élisée Reclus, contudo, não tem ficado restrita aos limites da ciência geográfica, educadores e historiadores também tem apresentado diversos estudos baseados nos escritos de Reclus, o que tem possibilitado uma leitura rica e múltipla de seus textos. Tal fato se deve em grande parte ao contexto em que a vida e obra de Élisée Reclus aconteceu. O século XIX marcou o início de importantes transformações nos conhecimentos científico, filosófico, pedagógico, ambiental, político e social. Reclus, como apontaremos brevemente nesta introdução, não se furtou em tomar parte em nenhum desses fronts, mais do que isso, optou conscientemente em se envolver em cada um destes debates.

Élisée Reclus, ainda muito jovem, aos 19 anos, decidiu abandonar os estudos de teologia – carreira de seu pai, rechaçada por ele e por seu irmão Élie – e se tornar aluno do curso de geografia, ministrado por Carl Ritter (1779-1859), em Berlim. O encantamento e a paixão pela ciência geográfica não mais abandonariam a vida de Reclus após esse momento. Se a influência de Ritter foi decisiva para o desenvolvimento do fascínio de Reclus pela geografia, esta relação não ocorreu de forma unilateral, Ritter em suas aulas notava a atenção que aquele jovem francês dedicava as suas palavras, a relação de confiança mútua levaram o sábio alemão a confiar ao seu jovem estudante a introdução e tradução de seu texto *De la configuration des continents et de leurs fonctions dans l'histoire* para o francês². O texto traduzido por Reclus no início dos anos 1850 só seria publicado em 1859. (FERRETTI, 2010b)

2 A introdução inédita para o português está disponível no Anexo 1.

A estadia em Berlim e os trabalhos em conjunto com Ritter durariam somente um ano, seu retorno para a França ocorreria pouco antes do golpe de Estado de Napoleão III em 1851. Juntamente com seu irmão Élie e outros republicanos franceses, buscaram articular uma resistência ao golpe em sua cidade natal, Sainte-Foy-la-Grande. A resistência foi derrotada e tanto Élisée quanto os demais republicanos foram obrigados a abandonar a França para fugir das perseguições políticas. Este momento selaria o início de uma vida marcada por duas paixões, os estudos científicos e a luta pela justiça social.

Os anos posteriores seriam de inúmeras de viagens. Sua passagem por Londres seria breve, as dificuldades econômicas o levariam a buscar melhores condições na Irlanda. Esta mudança da capital inglesa para uma região rural na Irlanda, fez com que crescesse o interesse de Reclus pelo estudo da dinâmica da natureza bem como o fez reafirmar suas ideias políticas, uma vez que sofria, lado a lado com o povo irlandês, a dominação imperial inglesa. Foi também na Irlanda que começaria a esboçar a estrutura de sua primeira grande obra, *La terre, description des phénomènes de la vie du globe*, redigida e publicada quase duas décadas após os primeiros esboços. A crise econômica faria com que Reclus seguisse juntamente com tantos outros irlandeses para os Estados Unidos da América, onde ficaria por dois anos trabalhando como tutor em uma fazenda na Luisiana.

A escravidão vivenciada de maneira tão próxima causou impactos irreversíveis nas convicções políticas e filosóficas do jovem viajante. Reclus passou conscientemente a combater aquelas instituições que permitiam que tamanha atrocidade fosse possível e se perpetuasse. Neste momento cresceram suas convicções ateístas, anticapitalistas e antiestatais. Contudo, a falta de perspectivas de mudanças estruturais da sociedade escravagista do sul dos Estados Unidos fizeram com que Élisée buscasse, após dois anos de trabalho na Luisiana, um novo objetivo em sua vida.

Reclus, viajou para a Nova Granada (atualmente Colômbia) a fim de desenvolver um projeto de colonização agrícola baseada na criação de colônias de imigrantes livres para o cultivo do solo. Após uma série de tentativas frustradas de estabelecimento de tais colônias, Reclus regressou a França, após sua punição por haver resistido ao golpe de Napoleão III ser comutada. É neste retorno a França que o viajante inicia seus trabalhos como geógrafo.

Estes anos marcariam algumas transformações fundamentais na vida de Reclus, neste período iria aderir definitivamente as ideias socialistas e passaria a trabalhar como geógrafo, onde construiria uma exitosa carreira de escritor, sendo, provavelmente, um dos geógrafos mais conhecidos de sua época. (ANDRADE, 1985)

Se o início de seus trabalhos geográficos eram caracterizados pela produção de artigos para

revistas científicas, em especial para a *Revue des Deux Mondes*, e guias de viagens para grandes casas editoriais, os trabalhos posteriores assumiram uma característica mais geral. Sua primeira grande obra, *La terre, description des phénomènes de la vie du globe*, um tratado geral de geografia, seria publicado em dois volumes, nos anos 1868 e 1869, sendo traduzido para diversos idiomas e encontrando uma boa aceitação do público. Os trabalhos geográficos satisfaziam por um lado as inquietações científicas de Reclus e por outro garantiam a sua sobrevivência econômica. O sucesso editorial de sua obra *La terre*, lhe permitiu alçar voos mais altos. Com o suporte e apoio da casa editorial *Hachette*, iniciou na década de 70 do século XIX aquele que seria seu projeto mais reconhecido, a *Nouvelle Géographie Universelle*, publicada entre os anos 1875 e 1894. A “monumental” obra, longe de ser fruto de um trabalho isolado de um grande sábio, se constituía como uma obra coletiva, fruto de uma rede de colaboradores que auxiliavam no desenvolvimento de cada um dos volumes. Esta rede de colaboradores contudo, não era composta somente por pesquisadores e cientistas, se constituía principalmente por militantes anarquistas com os quais Reclus vinha estabelecendo relações desde a Primeira Internacional (1864), quando conheceu Charles Perron (1837-1909) e James Guillaume (1844-1916). O primeiro, cartógrafo de profissão, seria responsável por desenvolver os mapas da *Nouvelle Géographie Universelle*, o segundo, historiador, formaria junto com os geógrafos Piotr Kropotkin (1842-1921), León Metchnikoff (1838-1888), Michel Dragomanov (1841-1895) e outros, parte desta enorme rede de colaboradores.

As relações entre Élisée Reclus e os militantes anarquistas não se restringiam ao apoio científico para a produção de suas obras. Desde meados dos anos 1860 Reclus começou uma longa amizade com Mikhail Bakunin (1814-1876), com que, em 1867, se filiou a *Associação Internacional dos Trabalhadores* (AIT), após abandonarem a *Liga da Paz e da Liberdade*, por divergências políticas. A entrada dos ex-membros da Liga da Paz na AIT, tensionou ainda mais os debates dentro da associação entre os socialistas autoritários e os antiautoritários. O descontentamento de Karl Marx (1818-1883) era visível. Em 1876 escreveu: “O que pensam os socialistas de língua francesa me desagrada profundamente. Eles são representados, bem entendido, pela triste figura dos irmãos Reclus, co-fundadores da Aliança e profundamente desconhecidos por suas obras socialistas”. Assim como Marx, Friedrich Engels (1820-1895), não poupou Reclus por sua posição política, e em 1877 escreveu: “Élisée é um copiador ordinário e nada mais” . (ANDRADE, 1985)

Os comentários de Marx e Engels a figura de Reclus se caracterizavam mais como uma demonstração inimizades do que propriamente como uma análise da obra de Reclus. Um bom

exemplo que desmente as palavras de Marx é a participação direta de Reclus na revista internacionalista *Le Travailleur*, que tinha em seu coletivo editorial uma grande presença de militantes que atuaram na AIT, na Comuna de Paris, e que, também participavam da *Nouvelle Géographie Universelle*. Estes eram em sua maior parte exilados políticos, assim como Élisée Reclus, por suas ativas participações nas lutas revolucionárias de seus países. (FERRETTI e PELLETIER, 2013) A linha política adotada pelo coletivo editorial da revista *Le Travailleur* era federalista, coletivista e anti-autoritária, assim, diametralmente oposta a linha política defendida por Marx e Engels.

Em meio as polêmicas políticas e o trabalho geográfico, a vida de Reclus tomou novos rumos quando se iniciou a guerra franco-prussiana e, posteriormente, a Comuna de Paris. Reclus, diferentemente de Marx e Bakunin que não tomaram parte diretamente na Comuna, aderiu ao fronte de luta como soldado da guarda nacional, sendo preso e condenado ao desterro na Nova Caledônia, colônia penitenciária francesa na Oceania. Sua pena, contudo, foi comutada após uma forte pressão da comunidade científica e, assim, ao invés do desterro na longínqua ilha da Oceania passou a ter como pena a impossibilidade de regressar à França por dez anos. (NETTLAU, 1930)

Foi no exílio suíço que Reclus se dedicou a escrever a maior parte da *Nouvelle Géographie Universelle*, bem como foi lá que assumiu uma posição mais definitiva frente a suas convicções políticas, vinculando suas ideias ao anarco-comunismo, definido por Kropotkin. A amizade de Reclus e Kropotkin se tornou mais intensa em outubro de 1879, quando ambos tomaram parte na realização do Congresso do Jura, na Suíça. Foi nesta circunstância que Reclus escreveu seu primeiro artigo para o jornal *Revolté*, dirigido na época por Kropotkin, intitulado *Ouvriers, prends la machine! Prends la terre, paysan!* (Operário, toma a máquina! Toma a terra, camponês!). (NETTLAU, 1930)

Os trabalhos conjuntos entre eles se iniciariam em 1880 quando Élisée apresentou, em Genebra, uma conferência intitulada *Evolução e Revolução*, que foi assistida por mais de 400 pessoas. Dois dias depois Kropotkin escreveu no *Le Revolté*: “... lógica convincente, linguagem metafórica e engenhosa, sinceridade – isto possui Reclus”. Esta conferência foi prontamente publicada em forma de folheto, no dia 21 do mesmo mês, e serviu como base para o livro *Evolução, Revolução e o Ideal anarquista*, publicado em 1897, onde Reclus definia de maneira clara os conceitos evolução, revolução e progresso. Conceitos chave que retomaria em sua derradeira obra *L'Homme et la Terre*.

A última década do século XIX marcaria ainda profundamente a vida de Reclus. Prestes a

concluir sua monumental obra, Reclus realizou sua última grande viagem marítima para o Brasil, em 1893, afim de levantar informações sobre o país que seria tema no último volume da *NGU*. Após a conclusão do XIX volume da *NGU*, Reclus assumiu, em 1895, como professor do curso de Geografia Comparada da *Universidade Nova de Bruxelas*.

Ao longo dos anos que viveu na Bélgica, Reclus trabalhou ativamente na organização da sua derradeira obra, *L'Homme et la Terre*. O geógrafo descreveu esta obra como sendo uma “geografia social” em que “a luta de classes, a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo”, seriam as três “leis” que guiariam seu estudo. Élisée Reclus faleceu em 1905, mesmo ano da publicação de *L'Homme et la Terre*.

A indissociabilidade entre o fazer científico e o fazer político se apresentavam cada vez mais interligados conforme analisamos o amadurecimento e desenvolvimento da vida de Élisée Reclus. Apesar do maior interesse apresentado recentemente pela comunidade acadêmica, estudar a obra de Élisée Reclus ainda se trata de um exercício árduo que se impõe aos pesquisadores interessados. A bibliografia ainda pontual em língua portuguesa se apresenta como uma barreira que necessita ser superada para o aprofundamento e ampliação dos estudos.

O presente trabalho busca se somar aos trabalhos de Robledo Mendes da Silva, *A Influência de Élisée Réclus na Educação Operária no Brasil: das Ciências Naturais à Educação Integral*, de Marcelo Augusto Miyahiro, *O Brasil de Élisée Reclus: território e sociedade em fins de século XIX* de, Luciene P. Carris Cardoso, *A visita de Élisée Réclus à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, de Francisco Alambert, *Elisée Reclus e a Geografia da Barbárie* e de Milton Lopes, *Elisée Reclus e o Brasil*, para trazer novos elementos para o debate sobre a recepção e influência da obra de Élisée Reclus no Brasil.

Os trabalhos precedentes buscaram analisar alguns temas chave para a compreensão e influência da obra de Reclus no Brasil, como por exemplo a escravidão, a colonização, a visita de Reclus ao Brasil, as influências de Reclus no movimento operário brasileiro e a publicação e influência da obra *Estados Unidos do Brasil*. O presente trabalho, pouco se acrescentará a estes temas centrais, contudo, se diferenciará destes, principalmente pela forma da abordagem.

Procurando construir uma narrativa científica, ou seja, contar uma história a partir de fontes seguras e buscando transitar entre a descrição e a análise teórica, o presente trabalho toma como fonte principal – mas não exclusiva – os escritos de jornais publicados no Brasil entre os anos de 1862 a 1909. Ao que pudemos perceber em nossas pesquisas sobre o autor, tal abordagem ainda parece ser inédita. Assumimos o risco da palavra e convidamos ao leitor a caminhar conosco.

1. A retomada de Élisée Reclus (1971-2016)

Tivesse nascido 100 anos depois, Élisée Reclus teria vivido em um mundo ainda mais conturbado do que aquele do longínquo ano de 1830. O século XX, dando continuidade e aperfeiçoando os projetos totalitários dos Estados Modernos gestados no século anterior, foi marcado por algumas utopias mas principalmente pela destruição de tantas destas. As duas Grandes Guerras europeias, a expansão e concentração do Capital econômico, as ditaduras militares, o aperfeiçoamento das máquinas de destruição em massa e o advento da micro eletrônica, marcaram cada um dos elementos que compõem a vida na Terra. Nenhum saiu ileso. A economia, a política, a cultura, a ciência, enfim, cada dimensão da vida foi sensivelmente afetada por estas transformações.

Foi em meio a este contexto global que as pessoas envolvidas no desenvolvimento e legitimação da geografia enquanto ciência realizaram seus trabalhos. Reclus, morto logo após a virada do século XIX para o XX, não podia mais interferir pessoalmente neste processo. Enquanto esteve vivo o cientista foi, também, um ativo militante político e se envolveu em todas as lutas que pode participar ao longo do século XIX. Defendeu sem sucesso a república contra o golpe de Napoleão III, participou da organização da *Associação Internacional dos Trabalhadores* (AIT), compôs as fileiras dos *communards* durante a Comuna de Paris de 1871 e, a beira da morte, se utilizou de sua pena para apoiar os levantes sociais e a criação dos soviets – que estavam em curso na Rússia no ano de 1905 – que buscavam a derrubada do governo czarista e a criação de uma nova sociedade. Élisée foi derrotado em cada uma destas batalhas. No âmbito pessoal as derrotas por muitas vezes lhe impuseram o exílio, no campo político e social mais amplo, se caracterizavam como um duro golpe a luta e organização dos trabalhadores na busca de sua dignidade e liberdade.

A geografia praticada por Reclus era dotada de tais características. Generosa, sua ciência estava a serviço dos seres humanos e da liberdade e em constante transformação, como o próprio afirmava, “A geografia não é uma coisa imutável; se faz e refaz todos os dias, e a cada instante se modifica pela ação do homem” (RECLUS, H&T vol.V p.357). O contraste entre as ideias reclusianas e as de alguns de seus contemporâneos, como Ratzel, Vidal de la Blache ou Mackinder era evidente. Os grandes nomes da geografia no período pós guerra franco-prussiana estavam diretamente ligados aquilo que os geógrafos historiadores chamaram de “escolas nacionais” ou geografia colonial, na qual a geografia servia como instrumento de legitimação dos Estados Modernos e de seus projetos de expansão e colonização. (SANTOS, 2004. p.31)

Reclus por outra parte defendia a geografia como uma ciência contra as fronteiras, pensava

que o seu desenvolvimento deveria ocorrer com o propósito de facilitar esta solidariedade, e não o contrário. Élisée compreendia bem que nem toda geografia praticada no final do século XIX seguia as orientações estatais. Frente a isso afirmava:

Compreende-se por que o governo russo proibiu até uma época recente (1884) o ensino da geografia nas Universidades do Estado: “É uma vã Ciência” — dizia o discurso oficial — “que apresenta ao aluno fatos estranhos às tradições nacionais e desvia-o do caminho de obediência em que deve procurar manter-se todo o ensino sério”. De fato, a geografia pode ensinar à criança russa que existem países cujos habitantes não obedecem ao czar da mui santíssima Rússia, que aqui e acolá estalam às vezes revoluções libertadoras e que certos *loucos* proclamaram em alguma parte os *Direitos do Homem*. Aos olhos destes loucos, entre os quais temos a satisfação de contar-nos, a geografia é a Ciência que demonstra a unidade perfeita do grande domínio terrestre e o absurdo das fronteiras. (RECLUS, 2014. p.31)

No século XX, as estruturas de poder e de controle se aperfeiçoavam rapidamente. A ciência que outrora havia sido um campo de disputa entre anarquistas, comunistas, burgueses e conservadores – ao longo de todo o século XIX –, se tornava rapidamente um eficiente instrumento de classe para fazer a guerra. Os recursos econômicos passavam, cada vez em maior escala, a ser incorporados na economia política de guerra, onde a manutenção e desenvolvimento do exército e o desenvolvimento de uma ciência de guerra, apoiados por uma intensa propaganda midiática, adquiriam um discurso de legitimidade perante a sociedade civil. A geografia, a biologia, a química, a matemática, a física, a história, a economia, a medicina, enfim, quase todas as ciências foram mobilizadas pelos Estados e suas Universidades para cumprirem este propósito.

Neste contexto a geografia não tinha como passar isenta. Yves Lacoste, ao analisar a ação dos Estados no início do século XX, aponta claramente como os saberes desenvolvidos pela geografia assumiam uma característica estratégica e como os mapas e os dados estatísticos passaram a ser chaves analíticas centrais para as ações territoriais das forças repressivas, fossem elas externas as suas fronteiras, promovidas pela ação do exército na luta contra um país inimigo, ou internas, promovidas pela polícia, na luta contra as ações dos trabalhadores e sindicatos. (LACOSTE, 2012. p.39) Que diferença ao comparar com o uso feito do mapa por Reclus em 1905, quando um pouco antes de sua morte trabalhou na publicação do mapa *Peuples de toutes les Russies et d'autres Pays soumis au Tsar*³ a fim de apoiar as lutas sociais que estavam ocorrendo na Rússia contra o totalitarismo.

3 Disponível no Anexo 2.

O fim da segunda Grande Guerra europeia marcou também profundas transformações nas ciências, tanto no que concerne aos métodos e instrumentos, quanto ao uso dado a estas. A geografia seguiu a tendência que em voga nas ciências econômicas e políticas e passou a recorrer ao uso da quantificação⁴ como processo metodológico de pesquisa, desta forma assumiu “novos paradigmas” frente a geografia que se havia desenvolvido até então. Este movimento ficou conhecido como *Nova Geografia*. (SANTOS, 2004. p.61)

A resposta a essa ciência fria e super-especializada, que estava em curso dentro dos órgãos oficiais e acadêmicos, não tardou em ser ouvida. Maio de 1968 criou fissuras nessas estruturas que se impunham, condicionavam e oprimiam a sociedade em diversas partes do mundo. As lutas estudantis e feministas, a reivindicação do direito a cidade, os rachas do partido comunista, o movimento anti-guerra, a libertação sexual, as greves e ocupações de fábricas, enfim, todos estes elementos povoavam as mentes das pessoas e agiam em seus imaginários apresentando novos horizontes de atuação, tanto políticos, quanto sociais e científicos.

Esta crise social, que influenciava diretamente a produção e reprodução da ciência, começou a criar um mal estar na comunidade geográfica. Um impasse se deu ao se constatar que começaram a surgir geógrafos que se recusavam a continuar desenvolvendo a *Nova Geografia*. Contudo, esta resposta crítica não estava clara, o caminho a ser seguido ainda não havia sido construído, era necessário criá-lo. (LACOSTE, 2012. p.150)

Neste contexto a história, a filosofia, a antropologia e a sociologia apresentavam interessantes movimentos que viriam a influenciar de modo mais ou menos direto a geografia nas décadas seguintes. O historiador inglês, E. P. Thompson (1924-1993), já na década de 1960, publicou uma nova forma de abordar a história em seu artigo *A História vista de Baixo*, em que apresentava o limite de uma análise de classe restrita a experiência econômica dos sujeitos, afirmando que esta envolvia também as experiências cotidianas dos mesmos. Com uma abordagem um pouco distinta, o filósofo Cornelius Castoriadis (1922-1997) participou ativamente do grupo editor da revista *Socialismo ou Barbárie* – publicada na década de 1960 na França – que inspirou uma boa parte das ações e reflexões teóricas ocorridas em Paris em 1968. As publicações e pesquisas de Castoriadis influenciaram diretamente o trabalho realizado por Pierre Clastres (1934-1977), antropólogo, que publicou em 1974 a obra *A Sociedade contra o Estado*, no qual ao resgatar

4 “Tais condições instrumentais eram, para começar, um resultado dos processos obtidos pelas ciências exatas, tanto por causa das necessidades da própria guerra, como em resposta às exigências de uma nova organização da economia, tornada possível após o término da guerra. Além disso, e influenciando muito mais do que as condições instrumentais, as necessidades do novo período da história do capitalismo internacional iam exigir que as ciências do homem se adaptassem e se acomodassem.” (SANTOS, 2004. p.100)

a história e os hábitos das sociedades ameríndias e desconstrói o mito científico defendido por autores como Ratzel, de que as sociedades mais evoluídas se organizam de modo hierárquico e desenvolvem estruturas estatais. Clastres se aproxima muito em suas análises das conclusões realizadas por Élisée Reclus em seus escritos sobre as comunidades indígenas (GÓMEZ, 2013, p.12). Neste mesmo contexto, Henri Lefebvre (1901-1991), publicou duas de suas obras que seriam marcantes na reflexão sobre a vida na cidade e nos estudos desta, *O Direito a Cidade* e *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*, ambas no ano de 1968, influenciando posteriormente toda uma linha de pesquisa sobre o urbano e a cidade na geografia.

É neste contexto de mal-estar na geografia que novas abordagens começam a surgir. Autores que há muito não eram revisitados voltam a ser estudados nas Universidades e fora delas com o intuito de dar subsídios ao caminhar da geografia. Na França, é notável o esforço realizado na geografia por Béatrice Giblin e Yves Lacoste, para a retomada do pensamento de Élisée Reclus. O grupo de Giblin e Lacoste, responsável pela publicação da revista *Hérodote*, publicou uma edição especial inteiramente dedicada ao geógrafo anarquista francês no ano de 1981. A publicação resgatava tanto os debates em torno dos assuntos estritamente geográficos, como a influência de Ritter na obra de seu aluno Élisée, quanto os temas polêmicos, como os debates entre Reclus e Marx e a geopolítica reclusiana.

Um dos temas que ganham destaque na revista é o do silenciamento de Reclus, tanto por parte de Lacoste, quanto Giblin. A autora apresenta a tese de que foi a militância anarquista a causa da exclusão acadêmica de Reclus, enquanto Lacoste entende que a repulsa pelo político como elemento da análise geográfica por parte da geografia francesa universitária é que afasta a presença de Reclus dos estudos de então.

Uma década antes da publicação temática na revista, a pesquisadora Béatrice Giblin apresentaria, no ano de 1971, sua pesquisa de doutorado, realizada sob orientação de Yves Lacoste na Universidade de Paris-Vincennes, intitulada: *Élisée Reclus. Pour une géographie*. Este estudo pioneiro realizado por Giblin renderia frutos em 1976, ao subsidiar a publicação do artigo *Géographie et anarchie: Élisée Reclus*, na mesma revista *Hérodote*, marcando assim a retomada dos estudos de Reclus.

A pesquisa de doutorado de Giblin ganharia reconhecimento e expressão na década posterior. No ano de 1982 seria publicada, pela editora *François Maspero*, a obra *L'homme & la terre*, uma compilação de textos de Élisée Reclus, referentes, principalmente, ao dois últimos volumes da obra *O Homem e a Terra* do anarquista francês, sob a supervisão e comentários de

Béatrice. O sucesso editorial e o interesse no tema fariam com que no ano de 1986 a obra fosse traduzida para a língua espanhola. Não é de se estranhar que a tradução tenha sido realizada para a língua espanhola, uma vez que desde o fim do século XIX até o final da década de 1930 quase todas as obras de Élisée Reclus vieram a ser publicadas em espanhol.⁵

No ano de 1985, o *Institut des Hautes Etudes* da Bélgica e a Sociedade Real Belga de Geografia organizariam em Bruxelas, um colóquio em homenagem a Élisée Reclus. O colóquio, ocorrido entre os dias 1 e 2 de fevereiro, seria um dos primeiros eventos temáticos a reivindicar dentro do espaço acadêmico as contribuições científicas de Élisée Reclus.

Influenciada por esta retomada, a historiadora francesa, Hélène Sarrazin, publicaria no ano de 1985 o livro *Élisée Reclus ou la passion du monde*. A biografia escrita por Sarrazin serviria anos mais tarde como base para o documentário homônimo de Nicolas Eprendre⁶, lançado em 2012, que contou com a participação dos geógrafos anarquistas Federico Ferretti e Philippe Pelletier.

Neste processo de retomada dos autores clássicos, os principais nomes da geografia francesa da época participavam ativamente do debate. Lacoste, na edição especial da revista *Hérodote* sobre Reclus propõe um diálogo entre a obra de Reclus e as então recentes publicações de Claude Raffestin, *Por uma geografia do poder* (1980) e Paul Claval, *Espaço e poder* (1978), em um claro movimento de retomada da dimensão política na geografia. No ano seguinte à publicação de Lacoste, seria a vez de Paul Claval, em sua resenha do livro de Gary S. Dunbar, *Élisée Reclus, historian of Nature*, publicada na revista *Espace géographique*, afirmar que Reclus estava na moda, mas ainda era, entre os geógrafos clássicos, o menos conhecido. Claval entendia que o trabalho de Dunbar cobria uma lacuna deixada pela obra de Giblin, pois este conseguia de modo breve e denso tratar das questões biográficas e geográficas de Élisée Reclus. (CLAVAL, 1982. p.315)

De fato, Gary Dunbar seria um dos primeiros estudiosos da obra de Élisée em língua anglo-saxã. Sua obra citada anteriormente, publicada no ano de 1978, juntamente com os trabalhos de Myrna Breitbart, constituíram os primeiros trabalhos apoiados sobre teoria anarquista que apareceriam publicados em livros e em revistas, em especial na *Antipode: A Radical Journal of Geography*. A revista contou durante toda a década de 70 com artigos que retomavam as ideias de Reclus, mas também as ideias de Kropotkin, Proudhon e as práticas de coletivização e organização social promovidas pelos anarquistas durante a Revolução Espanhola (1936-1939). Estes temas demonstravam já uma interlocução e horizonte mais amplos por parte da *Antipode*, em relação

5 Lista de obras traduzidas para o espanhol disponível em <http://raforum.info/reclus/spip.php?article272> (Acessado em 13/03/2015)

6 Mais informações sobre o documentário em <http://www.antoinemartinprod.fr/film/affiche/id/419> (Acessado em 13/03/2015)

aqueles propostos pela revista *Hérodote*.

Foi especialmente entre os anos de 1975 e 1978 que a revista estado-unidense apresentou a maior quantidades de artigos de temática anarquista. A edição de 1975 contou com os artigos *Impressions of an anarchist landscape* de Myrna Breitbart e *For Kropotkin* de Richard Peet. No ano seguinte seria publicado o artigo de Robert Galois, *Ideology and the idea of nature: the case of Peter Kropotkin*, mas seria no ano de 1978 que a revista contaria com suas contribuições mais expressivas sobre a geografia anarquista. Naquele ano foram publicados os artigos: *Industrial collectivization under workers' control: Catalonia, 1936–1939*, de John Amsden; *Élisée Reclus, geographer and anarchist*, de Gary Dunbar; *Anarchist decentralism in rural Spain, 1936–1939: the integration of community and environment*, de Breitbart; *The shaping of a rural anarchist landscape: contributions from Spanish anarchist theory*, de M. D. Garcia-Ramon; *Kropotkin and the city: the socialist ideal in urbanism*, de G. M. Horner; e, *The geography of human liberation*, de Peet.

No ano seguinte (1979) as publicações seguiriam, James O. Berkland, geólogo, apresentaria o estudo *Elisée Reclus—Neglected geologic pioneer and first(?) continental drift advocate* na revista *Geology*, trazendo a tese de que Reclus haveria sido o primeiro a teorizar sobre a deriva continental. Outro trabalho notável, este fora do campo estritamente geográfico, foi realizado pela economista e filósofa Marie Fleming, autora do estudo biográfico *The Anarchist Way to Socialism: Élisée Reclus and Nineteenth-Century European Anarchism*, a obra era fruto da pesquisa de doutorado que a autora apresentou naquele mesmo ano na *London School of Economics*, sob o título *The Theoretical Works and Political Activities of Elisee Reclus: A Study in the Development of Anarcho-Communism*. Uma década mais tarde Marie publicaria ainda outro estudo sobre Reclus, intitulado *Geography of Freedom*.

Alguns dos artigos publicados na revista *Antipode* seriam compilados e publicados em livro no ano de 1988 pelo geógrafo Richard Peet, com o título *Anarchism and Environment*. No ano seguinte a editora espanhola *Oikos-tau*, traduziria a obra para o espanhol com o título *Anarquismo y geografía*, dando assim mais um passo para a difusão dos trabalhos sobre Élisée Reclus e a geografia anarquista fora das fronteiras francesas e estado-unidenses.

Os trabalhos de Giblin, Lacoste, Breitbart e Dunbar serviram de apoio para as pesquisas realizadas por Teresa Vicente Mosquete na Espanha. A autora, influenciada pela geografia crítica francesa e pela geografia radical estado-unidense, seria o principal nome na retomada dos estudos sobre Reclus em língua espanhola nos anos 1980. No ano de 1981 a autora apresentou como

trabalho de conclusão de sua licenciatura um estudo sobre Reclus. Este daria base, no ano de 1983, para o livro, *Eliseo Reclus: la geografía de un anarquista*, publicado na coleção *Realidad Geográfica*, organizada por Horacio Capel Sáez. No ano de 1987 Mosquete defenderia seu doutorado intitulado *La incorporación del pensamiento de Eliseo Reclus a la ciencia española: geografía y anarquismo*. A autora seria reconhecida não somente pelo pioneirismo na retomada do pensamento reclusiano em língua espanhola, como também seria uma das primeiras geógrafas a desenvolver pesquisas relativas a questão de gênero na geografia⁷. Vale ressaltar o fato de que nos três principais países a retomar a obra reclusiana foram pesquisadoras mulheres que assumiram o papel de destaque deste trabalho.

Outro importante trabalho de difusão das ideias reclusianas em terras catalãs foi aquele promovido pelo *Colectivo de geógrafos*, um grupo de estudantes da disciplina Pensamento Geográfico, ministrada no Departamento de Geografia da Universidade Autônoma de Barcelona, que sob a coordenação de Rosa Ascón publicou em formato de livro uma antologia de textos de Reclus na obra *La geografía al servicio de la vida*, em 1980.

Contudo nem todos os autores partilhavam de uma visão necessariamente positiva desta retomada das ideias de Reclus. Horácio Capel, no ano de 1981, mesmo ano de defesa do trabalho de conclusão de curso de Mosquete, ao publicar sua célebre obra *Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea*, oscila entre definir Reclus como um positivista, que ao desenvolver o método comparativo de Ritter e ser influenciado pelo darwinismo adora um discurso determinista, e entre considerá-lo pai da geografia social e um dos primeiros geógrafos a ter como preocupação de sua geografia a questão da justiça social (CAPEL, 1981. p.305). Mas o que realmente chama a atenção em Capel é que, diferentemente de Mosquete, sua obra não apresenta referências aos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos tanto em língua francesa quanto inglesa desde a década anterior.

A postura dos geógrafos brasileiros nas décadas de 1970 e 80, foram múltiplas em relação aos geógrafos anarquistas. A primeira obra especificamente dedicada a Élisée Reclus seria publicada no ano de 1985, como parte da *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, coordenada por Florestan Fernandes e organizada por Manuel Correia de Andrade, intitulada *Élisée Reclus*. A obra era claramente inspirada na publicação francesa de Béatrice Giblin de 1982 e, o texto de apresentação de Andrade se apoiava amplamente nos textos que compunham a edição temática da revista *Hérodote* sobre Reclus. É interessante notar que nesta obra publicada em português nenhuma referência é feita as obras em inglês e espanhol, demonstrando assim o forte vínculo entre

⁷ Para mais informações sobre as pesquisas de Mosquete acesse: http://mujeres.usal.es/index.php?option=com_comprofiler&task=userProfile&user=619&Itemid=42 (Acessado em 15/03/2015)

a geografia desenvolvida entre os geógrafos de língua portuguesa e de língua francesa.

As referências a Reclus na geografia de língua portuguesa começam no entanto alguns anos antes. No ano de 1978 Milton Santos talvez tenha sido um dos primeiros, neste contexto de crítica a ciência quantitativa, a colocar em evidência as ideias de Reclus e Kropotkin, em sua obra *Por uma Geografia Nova*, o autor faz uma breve menção aos geógrafos anarquistas:

Diante da marcha triunfante do imperialismo, os geógrafos dividiram seus pontos de vista. De um lado, aqueles que lutavam pelo advento de um mundo mais justo, onde o espaço seria organizado com o fim de oferecer ao homem mais igualdade e mais felicidade: são os casos de Elysée Reclus e Camille Vallaux. Será que se pode também incluir Kropotkine entre os que viam no espaço uma das chaves da construção de uma nova sociedade? Não importa que o príncipe anarquista não tenha sido oficialmente um geógrafo. (SANTOS, 2004. p.30)

A referência a Reclus como um militante social era um dos motes da análise dos pesquisadores brasileiros, estes ao resgatar as contribuições geográficas de Reclus não pareciam preocupados em recorrer a fontes seguras para escrever suas breves análises do autor. Antonio Carlos Robert Moraes, em seu livro de 1983, *Geografia: Pequena História Crítica*, apresenta o geógrafo francês nos seguintes termos:

Em termos de outros autores, um relevo deve ser dado à figura de Élisée Reclus, menos por suas formulações do que por seu engajamento político, ímpar entre os geógrafos. Reclus foi um militante anarquista, que pertenceu à Primeira Internacional e participou da Comuna de Paris. Entretanto, suas obras, *Geografia Universal*, publicada em dezenove volumes, e *A Terra e o homem*, em quatro volumes, foram pouco revolucionárias em termos de método e de propostas. Além do mais, Reclus viveu grande parte de sua vida exilado, tendo assim pouca influência na evolução da Geografia francesa. (MORAES, 1983. p.68)

A afirmação de Moraes é descuidada em alguns pontos, principalmente quando comparamos sua observação sobre as obras geográficas de Reclus com a de outros autores contemporâneos a ele. Ruy Moreira, fazendo uma análise similar a de Cvijic⁸, já observava que as contribuições de Reclus a geografia eram reconhecidas pela comunidade científica e geográfica, notando

8 “Além de um livro, agora ultrapassado: *A Terra*, de Élisée Reclus, a ciência francesa ainda não tinha um tratado completo da geografia física.” (p.386) em CVIJIC, J. Un nouveau Traité de Géographie physique. In: *Annales de Géographie*, t. 18, n°102, 1909. pp. 385-389. Tradução livre do autor.

que em 1869 por fim materializa seu velho projeto, publicando *A Terra, descrição dos fenômenos da vida do globo*, um livro em 2 volumes, que os geógrafos da Universidade de Friburgo classificaram como um discurso do método da geografia e Emmanuel de Martonne irá considerar em 1909 dos poucos trabalhos de geografia física a que poderá comparar seu Tratado de Geografia Física. (MOREIRA, 1999. p. 108)

José W. Vesentini seria o primeiro autor a tratar especificamente da obra de Piotr Kropotkin, na revista Seleção de Textos da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) no ano de 1986, o autor organizou uma edição intitulada *Piotr Kropotkin*. Este trabalho trazia à tona, pela primeira vez na geografia brasileira, a discussão sobre a obra de Kropotkin. No texto de apresentação da obra Vesentini afirma que ao contrário de Kropotkin,

Em Reclus é possível separar o joio do trigo: suas obras anarquistas, como o relato sobre a Comuna de Paris ou a exposição de princípios libertários, não são apresentadas como geografia e, de fato, diferem bastante dos trabalhos geográficos como *L'Homme et la Terre* ou a *Nouvelle Geographie Universelle*. (VESENTINI, 1986. p.II)

O esforço de Vesentini em diferenciar os geógrafos anarquistas entre si se caracteriza mais por um artifício retórico do autor do que propriamente por uma análise das obras. O próprio Vesentini relativiza sua afirmação, e contrapõe a visão de Moraes, na nota de rodapé inserida a respeito deste parágrafo, dizendo:

É bem verdade que Élisée Reclus, especialmente na obra *L'Homme et la Terre* (cujo título, por si só, representa uma inversão do rótulo que simboliza o paradigma da geografia tradicional: a Terra e o Homem), aborda temas avançados para o discurso geográfico de sua época, tais como a luta de classes, a educação e as ciências, as formas de propriedade, o colonialismo e a dominação dos países desenvolvidos em relação aos demais. (VESENTINI, 1986. p.XIV)

O texto de Vesentini assim como a obra organizada por Andrade se apoia nos escritos de Giblin e Lacoste para construir sua interpretação sobre os geógrafos anarquistas. Mesmo para analisar a vida e obra de Kropotkin, muito menos trabalhado pelos geógrafos de língua francesa do que pelos de língua inglesa, o autor faz referência somente uma vez a revista *Antipode*, exatamente no que concerne a publicação de excertos do texto *O que a geografia deve ser*, de Piotr Kropotkin publicado na edição de 1976 da revista estado-unidense, perdendo assim a oportunidade de

apresentar os estudos em língua inglesa para a comunidade de geógrafos brasileiros.

Manoel Correia de Andrade, voltaria a dedicar sua atenção aos geógrafos anarquistas em seu livro *Geografia Ciência da Sociedade*, publicado em 1987, no capítulo *Por uma geografia libertária – Reclus e Kropotkin*. É interessante analisar que, apesar de não avançar na análise dos autores em relação a sua obra anterior e a contribuição de Vesentini, Andrade incorpora às suas referências a obra de Teresa Mosquete, ampliando assim o diálogo e apresentando as novas pesquisas sobre o tema.

Neste mesmo ano, ocorreria no mês de outubro, um curso de extensão universitária, na Universidade de São Paulo, organizado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) intitulado “Geografia e Anarquismo”. Conforme relata Jaime Cubero, no curso “se estudou o pensamento científico e político de Élisée Reclus e Kropotkin, fazia-se a reavaliação conceitual do papel da geografia como saber, na interpretação do desenvolvimento das sociedades humanas.” (2002. p.9)

Mas diferentemente do que ocorreu nos anos 1970 e nos primeiros anos da década de 1980, a segunda metade da década contou com um número significativamente menor escritos e debates sobre os anarquistas dentro da geografia. Simon Springer, em seu artigo *Anarchism and Geography: A Brief Genealogy of Anarchist Geographies* aponta o avanço dos modelos neoliberais de Margaret Thatcher e Ronald Reagan como possíveis razões para esta diminuição significativa das pesquisas. (SPRINGER, 2013. p.52)

Na década de 1990 o quadro iniciado nos anos 1980 pouco se alteraria. O contexto do fim da Guerra Fria com a derrota do bloco soviético e a consequente ideia da vitória do capitalismo criou um impasse entre os cientistas. A ideia do fim da história, bradado por Francis Fukuyama em 1989, se não era uma expressão tomada como absoluta, ao menos apresentava uma dimensão da sensação de impasse vivida pelos pesquisadores naquele momento, mesmo dentro da comunidade geográfica.

Alguns trabalhos contudo prosseguiram e são dignos de menção. Um foi certamente a publicação da revista *Contemporary Issues in Geography and Education* 3, em 1990, organizada por Ian Cook e David Pepper, na qual os autores apresentavam dois artigos sobre anarquismo e educação. Em seu artigo, *Anarchist alternatives: an introduction*, Cook apresentava um panorama amplo da educação anarquista, enquanto Pepper, trazia, no artigo *Geography and the landscapes of anarchistic visions of Britain: the example of Morris and Kropotkin*, um debate sobre as teorias de William Morris e Piotr Kropotkin no contexto inglês do século XIX. Outra contribuição a esta edição da revista seria de Myrna Breitbart, com o artigo *Calling up the community: exploring the subversive terrain of urban environmental education* no qual analisava as potencialidades do

anarquismo dentro da vida urbana.

No mesmo ano Rosa Canada Torrecilla, professora de Geografia Física, da Universidade Autônoma de Madri, publicaria o artigo *Aproximación a los avances climáticos durante el siglo XIX a través de "La Atmósfera" de Reclus*, na revista *Estudios geográficos*, ampliando os horizontes de debate sobre a contribuição reclusiana dentro da geografia.

Em 1996 o filósofo John P. Clark, publicaria o livro *La pensée sociale d'Élisée Reclus géographe anarchiste*, pela editora *Atelier de Creation Libertaire*, de Lyon. O livro inauguraria uma polêmica que se desenrolaria durante as décadas seguintes. O livro de Clark apontava como uma de suas teses centrais a defesa de que Reclus seria um dos primeiros – senão o primeiro – ecologista. A resposta a esta tese foi publicada no ano seguinte na revista anarquista *Itineraire* temática sobre Élisée Reclus. O artigo *Géographe ou écologue? Anarchiste ou écologiste?* do geógrafo Philippe Pelletier apresentava uma sólida argumentação histórica do conceito de ecologia, desde sua concepção moderna criada por Ernst Haeckel, à recusa da utilização desta pelo próprio Reclus e sua opção pelo conceito de mesologia. O debate contudo se aprofundaria nos anos posteriores com a publicação do livro *Anarchy, Geography, Modernity: The Radical Social Thought of Elisée Reclus*, de John P. Clark, publicado em 2004, e dos livros *Elisée Reclus, géographie et anarchie* e *Geographie & Anarchie: Reclus, Kropotkine, Metchnikoff*, de Philippe Pelletier, nos anos de 2009 e 2013 respectivamente.

No ano de 1998, a prefeitura da cidade natal de Élisée Reclus – Sainte-Foy-la-Grande – promoveu um evento cultural intitulado *Rencontres Élisée Reclus*. O evento de caráter amplo contava com palestras e diversas atividades culturais, e ocorreu entre os dias 13 e 14 novembro. No ano seguinte ao evento realizado em Sainte-Foy-la-Grande, seria a vez de Montpellier organizar um encontro temático sobre Reclus. O evento *L'Écologie sociale et la Cité. Élisée Reclus, Patrick Geddes: Les idées et l'action dans la cité 1899-1999*, contou com a participação de eminentes geógrafos que contribuiriam ao longo dos anos seguintes para a difusão dos estudos reclusianos, como Paul Boino, Philippe Garnier, Tom Steele e Philippe Pelletier.

Neste mesmo ano a revista GEOgraphia, da Universidade Federal Fluminense, publicaria em seu segundo número, na seção Nossos Clássicos, uma breve biografia de Élisée Reclus assinada por Ruy Moreira, citada anteriormente. A publicação trazia ainda a tradução do capítulo O Renascimento, da obra *O Homem e a Terra*, de Reclus. Este seria o primeiro de muitos capítulos da última obra de Reclus que seriam traduzidos e publicados pela editora Imaginário, ao longo dos anos seguintes.

Antes do fechamento das cortinas do século XX seria publicada outra obra sobre Reclus. Se tratava da seleção de textos realizada por Daniel Hiernaux-Nicolas, editada no México, no ano de 1999, sob o título *La geografía como metáfora de la libertad*. Os textos selecionados por Hiernaux-Nicolas apresentavam algumas similaridades em relação as obras organizadas por Giblin e Andrade, abordando temas políticos e geográficos da obra de Reclus, mas possuía também uma clara diferença, uma vez que Hiernaux-Nicolas propunha um recorte temático à sua seleção, dando ênfase principalmente a abordagem reclusiana da questão mexicana. Para isso o autor se utilizou principalmente das referências retiradas da obra *Nouvelle Geographie Universelle*.

A virada do século XX para o XXI trouxe novamente o debate sobre os geógrafos anarquistas à tona. As crises econômicas provocadas pelo crescente endividamento dos Estados Modernos junto ao sistema financeiro, em especial ao Fundo Monetário Internacional (FMI), a crescente onda de repressão e controle social exercida pelas multinacionais e Estados, bem como o rápido crescimento da miséria e o permanente ataque às comunidades originárias, provocaram uma onda de reações globais, que ficaram conhecidas como Ação Global dos Povos (AGP). A AGP era constituída por grupos de ação direta, descentralizados, que atuavam simultaneamente em diversas cidades do mundo segundo um calendário de lutas acordado internacionalmente, com o intuito de promover ações globais anticapitalistas, como, por exemplo, inviabilizar os encontros dos grandes grupos econômicos como o FMI ou a Organização Mundial do Comércio (OMC), manifestar repúdio e praticar o boicote às corporações responsáveis pelo crescente processo de empilhamento da natureza, entre outras ações.

Os momentos de maior visibilidade da AGP ocorreram entre os anos de 1999, em Seattle, Estados Unidos, durante as manifestações contra a reunião OMC e 2001, em Gênova, Itália, no ato contra a reunião do G8⁹. Este avanço das ações anticapitalistas, que contavam com uma grande participação popular, sofreria um duro golpe com os atentados de 11 de setembro de 2001 e o decorrente aumento da vigilância e controle social por parte das corporações e dos Estados. Contudo, as estratégias de ações desenvolvidas na AGP dariam subsídios práticos e teóricos para a atuação de grupos políticos e pesquisadores ao longo da década seguinte.

Foi neste contexto que um novo tipo de pesquisa começou a ocorrer dentro do que podemos chamar de estudos de geografia anarquista. Se até os últimos anos do século XX a maior parte dos pesquisadores que se debruçavam sobre Reclus, Kropotkin e os demais temas anarquistas eram mais ou menos simpáticos às ideias anarquistas, do início do século XXI, até o presente momento, uma

9 Atualmente G7. O G7 é um grupo internacional que reúne os sete países mais industrializados e desenvolvidos economicamente do mundo.

boa parte dos pesquisadores que se debruçaram sobre esta temática atuam efetivamente como militantes anarquistas.

Assim, as pesquisas com um viés ácrata ganharam uma nova qualidade, sendo possível compreendê-las de dois modos. Por um lado, inspirados pelas ações anticapitalistas da AGP, estão os geógrafos anarquistas que estudam temáticas contemporâneas, enfatizando as questões do neocolonialismo, dos conflitos urbanos e militares, da opressão das minorias, da gentrificação, etc. Por outro, estão aqueles que se debruçam e aprofundam as análises sobre as teorias e as obras dos geógrafos anarquistas clássicos.

Entre os pesquisadores do primeiro grupo estão autores como Uri Gordon, geógrafo israelense, membro do grupo *Anarchists Against the Wall* – composto por anarquistas israelenses e palestinos que apoiam a causa palestina –, que publicou nos últimos anos alguns trabalhos de destaque. Em 2012, Gordon publicou o artigo *Anarchist Geographies and Revolutionary Strategies*, na revista *Antipode*, publicação que repetia o que havia feito em 1978 e trazia novamente um número temático sobre a geografia anarquista¹⁰. No ano seguinte Gordon publicou o livro *Anarchists Against the Wall: Direct Action and Solidarity with the Palestinian Popular Struggle*, no qual aborda o histórico do conflito entre israelenses e palestinos, bem como, as diferentes estratégias políticas do grupo em solidariedade a causa palestina.

Outro autor que ao longo dos últimos anos vem desenvolvendo um trabalho científico e político é o grego Antonis Vradis. Vradis tem desenvolvido pesquisas nas áreas de geografia urbana e política, tendo analisado principalmente o processo de gentrificação na cidade de Atenas e os impactos sociais e econômicos decorrentes da realização dos jogos olímpicos na Grécia em 2004. Em 2012 o autor participou da edição temática, sobre geografia anarquista, da revista *Antipode*, com o artigo *The Right against the city*. Dois anos depois publicou o artigo *From crisis to gentrification*, na revista *Political Geography*. No ano de 2011, publicou, em conjunto com Dimitris Dalakoglou, o livro *Between a Present Yet to Go and a Future Yet to Come: Revolt and Crisis in Greece*, uma coletânea de artigos sobre o contexto político, econômico, geográfico e social grego, organizado pelos autores a partir dos textos publicados no jornal anarquista *Occupied London: An Anarchist Journal of Theory and Action*, do qual fazem parte.

Já entre os pesquisadores do segundo grupo é possível destacar uma rede mais vasta. Desde 2005, centenário da morte de Élisée Reclus, diversos eventos científicos e publicações tem sido realizadas para debater as contribuições dos geógrafos anarquistas, promovendo assim uma ampla

10 *Antipode*, November, 2012. Volume 44, Issue 5.

divulgação das ideias de Reclus e dos demais geógrafos anarquistas.

O primeiro destes eventos ocorreu entre os dias 4 e 6 julho, na Université Paul Valéry de Montpellier sendo intitulado *Autour de 1905: Elisée Reclus – Paul Vidal de la Blache. Le géographe, la cité et le monde, hier et aujourd’hui*. O colóquio de três dias contou com a participação de Claire Auzias, John Clark, Marianne Enckell, Paul Boino, Ronald Creagh, Jean-Marc Besse, Philippe Pelletier, Massimo Quaini, entre outros, tendo as memórias do evento sido publicadas em formato de livro no ano de 2009, sob o título de *Elisée Reclus - Paul Vidal de la Blache. Le géographe, la cité et le monde, hier et aujourd’hui. Autour de 1905*. Dentre os autores que participaram deste primeiro colóquio é digno de menção a atuação de Philippe Pelletier, geógrafo e anarquista, militante da Federação Anarquista Francófona, que desde o encontro de 1999 em Montpellier, participa ativamente de debates para a difusão da obra de Élisée Reclus, sendo provavelmente o principal divulgador da obra de Reclus na atualidade.

O segundo colóquio ocorrido no ano do centenário da morte de Reclus tomou lugar em Lyon, entre os dias 7 e 9 de Setembro, sendo realizado na Université Lyon 2, com o título *Élisée Reclus et nos géographies. Textes et prétextes*. O colóquio contou com a participação de Massimo Quaini, Paul Claval, Dana Ward, Hélène Sarrazin, Béatrice Giblin, Daniel Colson, Teresa Vicente Mosquete, Jean-Baptiste Arrault, Regina Horta-Duarte, Marcella Schmidt Di Friedberg, Fabrizio Eva, Yves Lacoste, Gerry Kearns, entre outros. É interessante notar tanto a presença de pesquisadores que participaram da retomada dos estudos de Élisée Reclus nos anos 70, como a de novos pesquisadores. As memórias do colóquio seriam publicadas na íntegra no livro homônimo somente no ano de 2013, pela editora anarquista francesa *Noir et Rouge*.

O terceiro grande colóquio de 2005 ocorreria em Milão, entre os dias 12 e 13 de outubro, na Università di Milano. O colóquio intitulado *Elisée Reclus. Natura ed educazione. Convegno Internazionale*, contou com a participação de geógrafos e educadores entre eles Marcella Schmidt di Friedberg, John P. Clark, Ronald Creagh, Giampietro Berti, Teresa Vicente Mosquete, Fabrizio Eva, Francesco Codello. Diferentemente dos eventos realizados na França que tinham um caráter estritamente acadêmico, o colóquio de Milão foi realizado com a colaboração do grupo anarquista *Centro Studi Libertari*. Dois anos após a realização do evento se publicou em formato de livro as apresentações realizadas ao longo do colóquio, em um livro de título homônimo. Dentre os textos publicados, cabe destacar a inclusão de um artigo de Claude Raffestin, geógrafo francês, que não participou do colóquio, mas escreveu uma contribuição sobre a obra *A história de um riacho*, de Élisée Reclus.

No ano seguinte seria a vez de Nova Orleans realizar um encontro temático sobre Reclus. Entre os dias 27 e 30 outubro, John Clark e Kent Mathewson organizaram, na Loyola University o colóquio *Humanity and The Earth / l'Homme et la Terre: The Legacy Of Elisee Reclus (1830-1905)*, que contou com a participação dos organizadores, bem como de Peter Marshall, Dana Ward, Serena Keshavjee, entre outros.

O evento realizado nos Estados Unidos seria o último do ciclo de eventos realizados por ocasião dos 100 anos da morte de Élisée Reclus. Dentre as publicações comemorativas, vale ressaltar a publicação temática apresentada pela revista *Hérodote* (nº 117), cerca de vinte e cinco anos após a primeira publicação da primeira edição temática sobre o geógrafo anarquista. Seguindo uma linha editorial semelhante a da primeira edição (nº 22), a revista *Hérodote* contou com textos de Yves Lacoste, Béatrice Giblin, autores que já haviam contribuído largamente à edição dos anos 80, bem como com a participação de Frédérick Douzet, Delphine Papin, Joël Cornuault e Philippe Pelletier, dentre estes os dois últimos publicaram diversos estudos sobre Élisée a partir dos anos 2000.

A característica de forte mobilização em torno das ideias reclusianas ocorrida em 2005 prosseguiu nos anos que sucederam. No ano de 2007 o pesquisador Ernesto Mächler Tobar, seria o responsável pela seleção de textos de Reclus que dariam corpo ao livro *Un nom confisqué: Élisée Reclus et sa vision des Amériques*, título publicado na França, no qual se resgatava os escritos de Élisée sobre a Colômbia. Esta obra seria traduzida para o espanhol e publicada no ano de 2014 sob o título *Un nombre expoliado. Élisée Reclus y su visión de América*.

Outro movimento de retomada editorial das obras reclusianas seria realizado pela editora Imaginário, de São Paulo, que no ano de 2010 publicaria o livro *Élisée Reclus e a geografia das liberdades*, com estudos da obra de Élisée realizados por Ronald Creagh, Philippe Pelletier, Georges Roques e Tom Steele. A editora, que havia iniciado a publicação das obras de Reclus em 2002, com *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista*, publicaria, a partir de 2010 uma série de livros de Reclus inéditos em português. Em 2010, a editora publicou três obras: *Do Sentimento da Natureza nas Sociedades Modernas, Renovação de uma cidade – Repartição dos homens e, Da ação humana na geografia física – Geografia comparada no espaço e no tempo*. No ano seguinte foram 9 livros publicados, sendo 3 a partir de textos escritos por Reclus para a *Revue des Deux Mondes*, intitulados: *Da escravidão nos Estados Unidos, O Brasil e a colonização e, As republicas da América do Sul*. As seis demais obras compunham originalmente a obra *O Homem e a Terra*. Com intuito de tornar a obra acessível a um público mais amplo, o editor selecionou alguns capítulos

para transformá-los em livros independentes. Assim, ao longo de 2011, foram publicados os seguintes livros da coleção O Homem e a Terra: *Internacionais*; *A cultura e a propriedade*; *O Estado moderno*; *Educação*; *A indústria e o comércio*; e, *Progresso*.

O esforço editorial empreendido pela Imaginário já colheria frutos no ano de 2011. A temática do Novo Mundo, tão em voga nas recentes publicações editoriais latino-americanas, seria amplamente debatida no colóquio *Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo*, realizado pelo Laboratório de Geografia Política na Universidade de São Paulo e que contou, assim como o evento ocorrido na Itália, com a colaboração de um grupo anarquista, a Biblioteca Terra Livre, em sua organização. Assim como nos colóquios realizados no ano do centenário da morte de Reclus, participaram do colóquio de São Paulo alguns dos principais estudiosos de Élisée Reclus da atualidade, como Béatrice Giblin, Kent Mathewson (organizador do colóquio de Nova Orleans), Marcella Schmidt di Friedberg (organizadora do colóquio de Milão), Philippe Pelletier (organizador do colóquio de Lyon), Ronald Creagh e Federico Ferretti. Destes o único que não havia participado dos eventos comemorativos como palestrantes era Ferretti, que no ano de 2011 defendeu a tese de doutorado *L'Occident d'Élisée Reclus, l'invention de l'Europe dans la Nouvelle Géographie Universelle (1876-1894)*, sob orientação de Marie-Claire Robic e Franco Farinelli. Contudo, desde de 2005, o geógrafo italiano já se debruçava sobre os estudos reclusianos analisando os debates realizados por Reclus a respeito da questão italiana, publicando seus estudos pela editora anarquista italiana Zero in Condotta. Ferretti se tornaria ao longo dos anos o principal divulgador de estudos sobre Élisée Reclus e os geógrafos anarquistas, tendo publicado até o presente 5 livros sobre Reclus e mais de 50 artigos em cinco idiomas diferentes¹¹.

O colóquio realizado em São Paulo seria marcado ainda pela participação de pesquisadores provindos de diversas partes da América Latina – Venezuela, Colômbia, Chile –, bem como de diversas partes do Brasil, que ofereceram uma ampla análise a partir dos estudos reclusianos, dentre os quais podendo destacar as seguintes contribuições: *“Nouvelle-Grenade”: a primeira publicação geográfica de Élisée Reclus*, de David Ramírez Palacios; *História da formação territorial da fronteira do Brasil com a Europa*, de Marcelo Miyahiro; *Élisée Reclus e a Escola Moderna de Francisco Ferrer i Guardia*, de Rodrigo Rosa da Silva; *Élisée Reclus e “Histoire D'un Ruisseau”*: *Os Rios Também Têm História*, de Rui Ribeiro de Campos; *Territorio y sindicalismo. Un análisis reclusiano del movimiento obrero de la Patagonia*, de David Maximiliano Astroza-León; *A atualidade de Élisée Reclus em sua análise sobre as Cidades*, de Michele Rostichelli. Tendo este

11 A relação completa de publicações está disponível no site <http://www.unige.ch/sciences-societe/geo/collaborateurs/publicationsFF.html> (Acessado em 18/03/2015)

último artigo, juntamente com o artigo apresentado por Philippe Pelletier, *Élisée Reclus: théorie géographique et théorie anarchiste*, sido traduzidos para o espanhol e publicados na revista *Erosión* em 2014¹², bem como no ano seguinte, a contribuição de Federico Ferretti, *A geografia de Élisée Reclus frente ao extermínio dos ameríndios: questões científicas e políticas*, apareceria no quarto volume da revista *Élisée*, da Universidade Estadual de Goiás, como também em espanhol no quinto número da revista *Erosión*.

O estudo apresentado por Maximiliano Astroza-León seria ampliado e publicado em 2012 na Espanha, em uma coedição entre as editoras anarquistas Biblioteca Terra Livre (Brasil), Editorial Eleuterio (Chile) e LaMalatesta (Espanha), com o título *Geografía Social Austral: La Dinámica del Anarquismo en Patagonia y Tierra del Fuego*. Sobre este, Frank Mintz afirmou,

O caráter internacionalista não é apenas um desejo dos editores, mas se reflete na abordagem do autor, geógrafo comprometido e libertário, que dispensa a fronteira artificial entre Chile e Argentina para cobrir a região e evocá-la através das citações de Eliseo Reclus e outros geógrafos.¹³

A disseminação e interesse pelos estudos reclusianos era crescente. Na Universidade Estadual de Goiás (UEG), era criada a revista de geografia *ÉLISÉE*, que como o próprio conselho editorial da revista anuncia em seu Editorial:

É com muita satisfação e alegria que apresentamos à comunidade acadêmica o primeiro volume de *Élisée*, publicação semestral editada pela Universidade Estadual de Goiás. *Élisée* nasce com o propósito de se consolidar como mais um meio de divulgação da produção geográfica em âmbito nacional e internacional. O nome da revista é uma homenagem a Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905), um grande nome do pensamento geográfico francês do século XIX. (p. V)

No mesmo ano seria publicado no México outro livro sobre a temática latino americana, intitulado *La geografía contemporánea y Elisée Reclus*, uma coletânea de artigos organizados por Guénola Capron, que abordavam de forma multidisciplinar o debate sobre a geografia, a América Latina e as possibilidades de diálogos contemporâneos a partir dos escritos de Reclus. Dentre os palestrantes presentes no colóquio de São Paulo somente Pelletier contribuiu para a edição, com o

12 *Érosion – Revista de Pensamiento Anarquista*. N°4, año II, primer semestre de 2014.

13 Publicado originalmente no site http://www.fondation-besnard.org/article.php3?id_article=1675 (Acessado em 17/09/2014)

texto *El binomio Oriente-Occidente: metageografía, geohistoria y geopolítica*.

O ano de 2012 seria marcado ainda pela publicação de duas edições temáticas de revistas acadêmicas sobre a geografia anarquista. Tanto a revista digital *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, quanto a revista *Antipode*, apresentavam uma abordagem ampla, com artigos que dialogavam tanto com uma perspectiva anarquista quanto com uma marxista autônoma. Este novo viés apresentado pelas revistas anglo-saxãs trouxe também novos colaboradores, como Nathan Clough, Renata Blumberg, Pierpaolo Mudu, Richard JF Day, bem como contou com a contribuição de Uri Gordon e Antonis Vradis. A única autora que voltaria a escrever no número temático da *Antipode* seria justamente Myrna Breitbart, aquela que havia sido a responsável pela organização do primeiro número temático sobre anarquismo na revista *Antipode* número 10, de 1978.

Os debates iniciados nas páginas das revistas anglo-saxãs teriam continuidade no ano seguinte na conferência anual da Sociedade Geográfica Real, a *RGS-IBG Annual International Conference 2013*, que contou com uma sessão temática sobre geografia anarquista, intitulada *Demanding the impossible: transgressing the frontiers of geography through anarchism*. O evento foi organizado por Richard White, Simon Springer, que haviam sido os coordenadores da edição temática da *Antipode* no ano anterior, bem como por Collin Williams, Federico Ferretti, Alexandre Gillet, Marcelo Lopes de Souza e Philippe Pelletier, e contou com pesquisadores e militantes de diversas partes do mundo (México, Brasil, Grécia, Índia, Canadá, França, Inglaterra e Itália). Os temas apresentados nas 4 mesas sobre anarquismo traziam debates históricos, como por exemplo a territorialização dos grupos anarquistas magonistas durante a Revolução Mexicana, ou debates sobre alguns pontos chave nas obra de Reclus, Kropotkin, Metchnikoff e Perron, bem como análises sobre a apropriação das teorias libertárias pela geografia e pelos geógrafos. Estiveram presentes também questões contemporâneas, como análises da crise econômica e dos movimentos sociais na Grécia pós 2008, ou mesmo estudos da manutenção de espaços anarquistas e das práticas de autogestão, tanto no caso da cidade de Glasgow quanto no da cidade de São Paulo.

Outro evento que traria uma dimensão mais ampla e social aos estudos de geografia anarquista seria o festival cultural e científico *Les Reclusiennes*. Organizado desde 2013 na cidade de Sainte-Foy-la-Grande por um grupo de geógrafos e entusiastas locais, o evento que se realiza anualmente, conta com o apoio da prefeitura, bem como de grupos universitários e da Federação Anarquista Francófona. Para além das palestras e resgates históricos dos personagens da pequena cidade, o evento ainda se caracteriza por realizar trabalhos de campo, exposições artísticas, concertos

musicais, exibição de filmes e promover uma série de espaços para debates sobre questões atuais da comunidade. Em 2015, por exemplo, os debates tiveram como ponto central a questão alimentar, em especial os transgênicos, sendo pautada também no encontro a questão da imigração.

Em 2015 a editora Imaginário voltaria ao trabalho de difusão das obras de Reclus, trazendo a inédita tradução do livro *História de um Riacho*, publicado originalmente em francês no ano de 1869 e que nunca havia sido traduzido para o português. Outras duas obras seriam ainda publicadas pela editora em coedição com outros grupos editoriais. Com a Edusp, publicou a obra *Do Sentimento da Natureza Nas Sociedades Modernas e Outros Escritos*, e com a Biblioteca Terra Livre e o Plebeu Gabinete de Leitura, o livro *O Homem e a Terra - Textos Escolhidos*. As duas obras coeditadas pela Imaginário traziam em grande parte os textos editados entre os anos de 2010 e 2011, além de alguns estudos e traduções inéditas.

Como se pode ver, os debates em torno das teorias reclusianas, bem como as apropriações das ideias e práticas anarquistas tem encontrado um amplo espaço dentro da geografia e da sociedade. Ao que tudo indica esta abordagem e trabalhos seguirão nos próximos anos e cabe a nós analisarmos suas contribuições e realizarmos as críticas para o desenvolvimento de práticas mais sociais e efetivas tanto dentro destas áreas.

2. Um geógrafo desconhecido? A recepção de Reclus no Brasil (1862-1875)

A retomada realizada a partir dos anos de 1970 da obra de Élisée Reclus pela geografia crítica evidenciou um movimento particular da produção geográfica, colocando novamente em evidência os textos e debates suscitados pela obra do geógrafo anarquista. A narrativa criada neste processo de retomada, contudo, escamoteou por vezes leituras e debates realizados nos períodos que a antecederam.

A hipótese do esquecimento ou silenciamento de Reclus na geografia, e na produção intelectual em geral, que compreende o período entre 1905 (morte de Reclus) e 1971 (publicação do doutorado de Beatrice Giblin), defendida especialmente por Giblin e Lacoste, e seguida por pesquisadores posteriores a estes, é bastante questionável se analisamos as referências ao geógrafo anarquista entre os pesquisadores e cientistas do período apresentado. É certo que são restritas as produções teóricas e eventos de caráter científico que abordassem exclusivamente a produção de Reclus, contudo, foi recorrente, em diversas partes do mundo, geógrafos, cientistas e intelectuais citarem, com mais ou menos propriedade e profundidade, as contribuições de Élisée Reclus.

O pesquisador Jean-Baptiste Arrault foi um dos primeiros pesquisadores contemporâneos a relativizar a hipótese sustentada por Giblin e Lacoste. Em um trabalho apresentado no colóquio *Élisée Reclus et nos géographies. Textes et prétextes*, realizado em Lyon, por ocasião do centenário da morte de Élisée Reclus, Arrault buscou retomar as referências feitas a Reclus¹⁴ nos textos publicados na França, em especial na revista *Annales de Géographie* – fundada e dirigida por Vidal de La Blache –, entre os anos de 1891 e 1913. O levantamento apresentado por Arrault aponta que, ainda que de forma pontual, as alusões feitas a Reclus são diversas, autores como Lucien Febvre, por exemplo, em seu livro *La Terre et l'évolution humaine* (1922), faz referência a Élisée Reclus por sete ocasiões, as referências são poucas se comparadas aos geógrafos que foram contemporâneos a ele, como Vidal de la Blache (38 vezes) e Friedrich Ratzel (36 vezes), contudo, o geógrafo libertário aparece de forma não desprezível.

Tal como Febvre, Arrault afirma que às referências feitas por Max. Sorre à Élisée Reclus, ao longo de sua obra, são esparsas, feitas de maneira retrospectiva e memorialista, na qual nutre uma admiração pelo humanismo e pela sensibilidade literária de Reclus. A referência mais conhecida do público brasileiro feita por Sorre a Reclus talvez seja aquela presente no prefácio do livro

14 ARRAULT, Jean-Baptiste, “La «référence Reclus». Pour une relecture des rapports entre Elisée Reclus et l'Ecole française de géographie”, Lyon, **Colloque Élisée Reclus et nos géographies**, Lyon, 2005, 14 p. Disponível em: http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/10/02/97/PDF/JB_ARRAULT_La_reference_Reclus_.pdf

Geopolítica da Fome de Josué de Castro, na qual afirma:

Em seu livro *Geopolítica da Fome*, o professor Josué de Castro apresenta um dos aspectos mais prementes e, sem dúvida, o mais trágico desta geografia da alimentação, que é o capítulo inicial de toda geografia humana.

Realmente, a importância de tais problemas não era desconhecida dos entendidos do assunto. Existe muito de humanidade profunda na obra de um E. Réclus ou de um Vidal de la Blache, para que não se tivesse deles uma clara consciência. Na verdade nossos antigos mestres não estavam enganados a respeito dos tabus que Josué de Castro denuncia.

Todavia, ele tem muita razão quando afirmava que o comum dos geógrafos e, principalmente, o comum dos homens, preferiria nada dizer a propósito desse assunto. [...] (SORRE, 1965)

De fato, como bem aponta Sorre, Reclus não só conhecia o problema da fome, como sua análise do tema influenciou diretamente a de Josué de Castro. No prefácio da *Geografia da Fome*, o geógrafo pernambucano afirma:

Ao lado dos preconceitos morais, os interesses econômicos das minorias dominantes também trabalhavam para escamotear o fenômeno da fome do panorama espiritual moderno. É que ao imperialismo econômico e ao comércio internacional a serviço do mesmo interessava que a produção, a distribuição e o consumo dos produtos alimentares continuassem a se processar indefinidamente como fenômenos exclusivamente econômicos — dirigidos e estimulados dentro dos seus interesses econômicos — e não como fatos intimamente ligados aos interesses da saúde pública. E a dura verdade é que as mais das vezes esses interesses eram antagônicos. Veja-se o caso da Índia, por exemplo. Segundo nos conta Réclus, nos últimos trinta anos do século passado morreram de inanição naquele país mais de vinte milhões de habitantes; só no ano de 1877 pereceram de fome cerca de quatro milhões. (CASTRO, 31-32)

Os dados apresentados por Josué neste prefácio aparecem publicados no volume VIII — *L'Inde et l'Indo-Chine* — da *NGU*, no ano de 1883, mais de 60 anos antes da *Geografia da Fome*. Não seria nenhum despautério acreditar que a leitura da obra de Reclus, por Josué de Castro, não tenha se restringido a *NGU* e de que este também se influenciou pela *d'O Homem e a Terra* (1905), uma vez que sua análise faz eco a de Reclus quando afirma que o problema da fome é político e econômico. Reclus, no capítulo *A Cultura e a Propriedade* na referida obra, afirma:

Significa dizer que, no estado atual de uma agricultura ainda rudimentar em grande parte da superfície terrestre, os recursos totais da produção são mais do que o dobro das necessidades do consumo. Entretanto, a mesa não está servida para todos no banquete da vida! Há famélicos, e, inclusive, são numerosos; [...]. Evidentemente, se a sociedade não fosse sempre dirigida pela sobrevivência das sociedades anteriores, se o morto não continuasse a apoderar-se do vivo, os homens atuais não teriam preocupação mais urgente do que aquela de assegurar a todos esse pão, necessário à vida, que o lavrador fornece-lhe, e que, em nossos dias, desvia-se no caminho e estraga-se, desperdiça-se por mil acidentes, *in loco*, nos vagões e nos navios, nos celeiros, nos entrepostos e, sobretudo, nas mil mercearias. A primeira coisa a fazer seria introduzir a ordem e a segurança na distribuição; consistiria em expedir e repartir os diversos produtos, farinhas, legumes e frutas, com tanto método quanto são distribuídos todas as manhãs as cartas e os jornais. A coisa é factível para os alimentos, pois ela se faz para o papel; todavia, para realizar essa revolução de justiça e de bom senso, será preciso erguer a mão contra a “arca sagrada”, violar essa desigualdade tão cara aos privilegiados e que lhes assegura não só o monopólio da terra e dos produtos da terra, mas também as fábricas e todas as obras do trabalho humano, sobretudo o poder, o direito de dizer-se senhores e dominar, com efeito, adulados, respeitados, adorados por esses mesmos que eles oprimem. (RECLUS, H&T, 221-222)

Esta análise reclusiana encontra muito eco no estudo de Josué, os jogos políticos e o monopólio econômico, são apontados por ambos os autores, como as principais causas da fome no mundo. Diferentemente de Sorre, o geógrafo pernambucano incorpora a dimensão da análise política e econômica em sua geografia e a desenvolve. Tal fato abre um precedente para pensarmos se houveram outros autores brasileiros que leram Élisée Reclus e se influenciaram pela extensa obra do geógrafo anarquista.

A conclusão da pesquisa de Arrault é de que a hipótese de banimento de Reclus pelos geógrafos franceses do século XX é falsa. Seria esta esta conclusão também cabível para a análise da circulação das ideias de Élisée Reclus no Brasil?

2.1. Um geógrafo desconhecido?

Poucas foram as pesquisas que seguiram a linha de Arrault buscando mapear o impacto da obra de Reclus em diversas comunidades científicas e intelectuais ao redor do mundo. No Brasil, podemos apontar alguns trabalhos recentes que nos ajudam a mapear esta recepção, as dissertações *A Influência de Élisée Réclus na Educação Operária no Brasil: das Ciências Naturais à Educação*

Integral de Robledo Mendes da Silva e *O Brasil de Élisée Reclus: território e sociedade em fins de século XIX* de Marcelo Augusto Miyahiro, bem como os artigos “Uma certa ideia do Brasil”: segundo a geografia de Élisée Reclus, de Miyahiro, *A visita de Élisée Réclus à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* de Luciene P. Carris Cardoso, *Elisée Reclus e a Geografia da Barbárie* de Francisco Alambert e *Elisée Reclus e o Brasil* de Milton Lopes, trazem dados e elementos interessantes que aprofundaremos adiante.

Estes trabalhos sistematizam e apresentam, a partir de diferentes enfoques, como se deu a passagem de Élisée Reclus pelo Brasil, em 1893, como foi o processo de tradução e recepção da obra *Estados Unidos do Brasil* (EUB) e, os impactos desta e de outras obras de Reclus entre os pesquisadores brasileiros.

Como apresentam Miyahiro e Silva, a circulação das ideias geográficas de Élisée Reclus no Brasil se deu em grande parte pelo impacto da obra *Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatistica*, correspondente ao capítulo *États-Unis du Brésil*, do tomo XIX, do livro *Nouvelle Géographie Universelle* (NGU), publicada originalmente em 1894, que abrange as regiões Amazônica e do Prata: Guianas, Brasil, Paraguai, Uruguai e a Argentina.

A tradução do capítulo *États-Unis du Brésil*, em 1899 pelo Barão Benjamim Franklin Ramiz Galvão, foi realizada um ano após Élisée Reclus ser convidado a se tornar sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.¹⁵ Galvão ao escrever a advertência ao leitor, apresenta a obra da seguinte forma:

AO LEITOR

Traduzindo esta excellente obra de Elisée Reclus, não nos julgamos auctorizados a modifica-la em pontos substanciaes, ainda que nem sempre concordassemos com a opinião do auctor. Corrigimos apenas alguns lapsos do texto, particularmente no que respeita a nomes proprios e datas; aponctamos por vezes em nota os equivocos em que o eminente geographo caiu, e substituímos por dados estatísticos recentes os que ocorrem no original francez que foi dado á estampa em 1893, como se sabe. As largas annotações e a grande ampliação do texto dariam ao livro dimensões que se não quiz attingir. Ainda assim parece-

15 Sessão de 25 de outubro de 1898, com a presença de Machado de Assis, Rodrigo Octavio, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Visconde de Taunay, Graça Aranha, Lucio de Mendonça, Filinto de Almeida, Araripe Junior, Inglês de Souza e Teixeira de Mello, sob a presidência de Machado de Assis, foram eleitos dezesseis sócios correspondentes estrangeiros: Guerra Junqueiro, Teophilo Braga, Eça de Queiroz, Eugenio de Castro, D. José Echequeray, Herbert Spencer, Conde Leão Tolstoi, Paul Groussac, Bartholomeu Mitre, Garcia Merou, Guilherme Blest Gana, Giosuè Carducci, Theodor Mommsen, Henrik Ibsen, Rafael Obligado e Élisée Reclus. **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**. Ata da sessão de 25 de outubro de 1898. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

nos que a obra prestará bons serviços e merece o favor do público brasileiro.

RAMIZ GALVÃO.

Rio, 24 de Maio de 1899.¹⁶

A nota de tradução da obra *Estados Unidos do Brasil*, publicada no Rio de Janeiro em 1900, pela editora Garnier, adverte o leitor que a opinião do tradutor e da editora não necessariamente coincidiam com aquela das análises do geógrafo francês. Estas notas explicativas eram muito semelhante aquelas apresentadas pelas outras publicações latino-americanas de capítulos da *NGU*.

Algumas traduções como a do livro *Colombia*, traduzido e anotado por Francisco Javier Vergara y Velasco, no ano de 1893 – que inaugurou uma série de traduções de capítulos da *NGU* sobre os países latinos – contava com uma série de notas de rodapé do tradutor em que este “comentava, discordava, polemizava, corrigia ou acrescentava as colocações do autor e até fazia uma crítica de suas fontes”(2010, p. 65), como afirma Palacios em sua dissertação *Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia cartografia de uma interseção*.

Outras duas traduções de capítulos relacionados a países latino americanos seriam realizadas até a primeira década do século XX. No ano de 1896, o professor Ramón de Olascoaga, da Universidade Nacional do Paraguai, prologou, traduziu e comentou o livro *Paraguay*, correspondente ao tomo XIX da *NGU*. O último livro traduzido e publicado a partir da *NGU* foi *Jeografía de Chile*, traduzido por Enrique O’Ryan González e publicado no ano de 1903, correspondente ao tomo XVIII.

A edição brasileira, diferentemente das demais edições latino americanas apresentava os mapas, gravuras, tabelas e imagens originais da publicação francesa, em uma edição de luxo. O cuidado editorial e os custos envolvidos na obra certamente selecionaram o público leitor e restringiram o acesso da obra à elite intelectual e científica brasileira.

A recepção da obra publicada pela Garnier é difícil de ser mensurada. Até o presente momento nenhum trabalho analisou detalhadamente a recepção e influência desta obra na história da geografia brasileira. Fica evidente, contudo, ao pesquisarmos nas páginas algumas revistas científicas publicadas no Brasil a partir do final do século XIX, como por exemplo o *Boletim da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro* (BSG-RJ), o *Boletim Geográfico* (BG) e a *Revista Brasileira de Geografia* (RBG), que, a obra de Reclus foi lida e debatida dentro da comunidade

16 RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatística. Tradução e Breves Notas de B.-F. Ramiz Galvão e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

geográfica no Brasil.

Contudo, as referências e debates à obra de Élisée Reclus no Brasil são muito anteriores a estas em torno do *EUB*. Já em meados do século XIX, alguns jornais brasileiros passaram a debater em suas páginas os artigos de Élisée Reclus publicados na *Revue des Deux Mondes* (*RDM*) que tratavam da América Latina e em especial do Brasil.

2.2. A *Revue des Deux Mondes* – O Brasil e a Colonização

As primeiras menções feitas a Élisée Reclus por intelectuais brasileiros são bem anteriores a publicação da obra de referência *Estados Unidos do Brasil*. Cerca de 30 anos antes da publicação da obra, o *Diário de Pernambuco* (*DP*) trazia em suas páginas uma extensa análise à dois artigos escritos por Élisée Reclus para a *Revue des Deux Mondes* (*RDM*), intitulados *O Brasil e a colonização*¹⁷. Esta crítica do jornal pernambucano consiste, até onde pudemos levantar junto as fontes nesta pesquisa, na primeira referência feita à Élisée Reclus no Brasil.

A referência ao artigo de Reclus sobre o Brasil em um jornal do império contudo não era um fato isolado e acidental. A *Revue des Deux Mondes*, publicada na França, era uma revista de ampla circulação e que tinha como leitores políticos e intelectuais brasileiros. Fundada em 1829, a *RDM* buscava através de suas páginas dar ênfase à relação entre os dois mundos: o velho (Europa) e o novo (América / África / Oceania). Assim, por diversas ocasiões, o Brasil foi assunto de interesse da revista, autores como Auguste de Saint-Hilaire, Théodore Lacordaire, Francis Castelnau, Adolphe d'Assier e Élisée Reclus, realizaram análises sobre o Brasil para as páginas da publicação. Além destes, dois brasileiros também integraram o grupo de escritores, Émile Adêt, francês naturalizado brasileiro, redator-chefe do *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro) e Pereira da Silva, político, que se dedicou a “corrigir” os erros das imagens criadas pelos autores estrangeiros sobre o Brasil naquele momento. (CAMARGO, p.1)

A revista francesa era uma das principais referências teóricas para os estadistas e intelectuais do império brasileiro, Machado de Assis e o imperador D. Pedro II, fizeram uma série de referências a publicação, o imperador chegou a afirmar na época que sua leitura ‘É quanto basta’. (CAMARGO, p.3)

O acesso a *Revue des Deux Mondes* se estendia para além dos intelectuais e políticos, cópias da revista estavam disponíveis para o público em geral em espaços como o Gabinete Português de

17 Os dois artigos foram transcritos na íntegra e inseridos na seção de anexos, correspondendo ao Anexo 3.

Leitura e no Gabinete Literário, ambos em Pernambuco, a Biblioteca Pública da Bahia, a Biblioteca Fluminense e o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.

Por isso, não surpreende que a matéria *O Brasil e a colonização*, tenha sido publicada no *DP* em Recife poucos meses após sua publicação na revista francesa, uma vez que a capital da província contava com ao menos dois espaço literários em que se encontravam disponíveis a *RDM*. O jornal *Diário de Pernambuco*, de propriedade de Manoel Figueiroa de Faria, era uma espécie de órgão oficial do governo provinciano, trazia em suas páginas análises políticas, econômicas e anúncios de toda a província de Pernambuco bem como as principais notícias do império e do exterior.

A crítica ao artigo de Reclus, publicada nas edições de número 223 e 224, de setembro 1862, é extensa e minuciosa em detalhes, fazendo referencia a diversas passagens da publicação original. Cabe destacar que estes artigos de Reclus, publicados em 1862 na revista francesa, só seriam traduzidos para o português quase 150 anos após a publicação original, no ano de 2011, graças ao trabalho editorial de Plínio Augusto Coelho, que traduziu e publicou os artigos em livro¹⁸ homônimo.

Desconhecido ainda do grande público, fazia poucos anos que Élisée Reclus havia começado a se dedicar ao trabalho de geógrafo. Foi somente após seu primeiro exílio e retorno da experiência nas Américas, ocorrida em meados da década de 1850, que Élisée passou a se dedicar a escrita de textos geográficos. Foram seus textos publicados na *Revue des Deux Mondes* e sua participação na *Société de Géographie de Paris* – na qual foi aceito como membro em julho de 1858 – que lhe deram os primeiros destaque como geógrafo, mas, certamente, o que conferiu a Reclus o prestígio, do qual passaria a gozar junto a comunidade científica internacional, a partir da década de 1860, foram seus trabalhos realizados para a editora Hachette.

Na *RDM* Reclus colaborou com 33 artigos, entre os anos de 1859 e 1868, sendo 20 destes especificamente sobre questões relacionadas ao continente americano¹⁹. Os escritos de Élisée para a revista abordavam temas que ele conhecia com alguma proximidade. Os três anos que passou trabalhando como tutor em uma fazenda de algodão no sul escravagista dos Estados Unidos da América (1853-1856), ou o período de quase dois anos (1856-1857) em que realizou uma incursão pela Nova Granada – atual Colômbia – lhe permitiram escrever uma série de artigos para a revista a partir de sua vivência, uma vez que percorreu aquelas terras com o intuito de se estabelecer ali como um colono.

18 RECLUS, Élisée. **O Brasil e a Colonização**. São Paulo: Imaginário, 2011

19 No anexo 4 consta a lista dos 33 artigos publicados por Élisée Reclus na *RDM*.

Como Alambert aponta, em seu artigo *Elisée Reclus e a Geografia da Barbárie*, a *Revue des Deux Mondes*, foi possivelmente uma das publicações que mais se preocupou com a situação mundial em sua época, muitas vezes utilizando essas informações a serviço do imperialismo europeu, mas, em algumas ocasiões, sendo “um espaço privilegiado também para os intelectuais anti-imperialistas.” (ALAMBERT, p.2)

Contudo, se os textos sobre as questões relacionadas aos Estados Unidos da América, ou a Nova Granada, eram análises que contavam com a sensibilidade de alguém que conhecia muito bem aquelas regiões e que estava atento as relações sociais daquele período – combatendo e denunciando a escravidão e as oligarquias monocultoras –, a mesma experiência direta não havia acontecido em relação ao Brasil. As impressões de Reclus em seus artigos sobre a colonização no Brasil se apoiavam especialmente nas obras *Reise durch Sud-Brazilien im Jahre 1858* e *Reise durch Nord-Brazilien im Jahre 1859*, do médico e explorador alemão Robert Christian Avé-Lallemant (1812-1884) e *Deux années au Brésil* do pintor e naturalista francês François-Auguste Biard (1799-1882), publicada em 1862.

Apesar do fato de que Élisée, não haver visitado o Brasil naquele momento – fato que ocorreu em 1893 –, o geógrafo francês se utilizou de pesquisas que haviam sido recém-publicadas – a mais antiga publicada três anos –, em diferentes idiomas, para subsidiar sua análise sobre o Brasil império. Tal procedimento metodológico de busca de fontes recentes e de autoria de indivíduos que tivessem tido contato direto com as relações apresentadas no território estudado eram uma característica da escrita de Élisée. Como Palacios apresenta em sua dissertação, Reclus buscava coletar e sistematizar de forma crítica o maior número possível de referências, dando preferências aquelas mais recentes e, posteriormente buscava “‘confrontar e retificar umas com as outras’, cuidadosamente, desenvolvendo para aquilo – adaptando, re-elaborando – determinados mecanismos, encruzilhadas conceituais ou ‘teorias’ com o fim de poder ‘separar o grão da palha’, diferenciar, hierarquizar, entrecruzar, dar sentido e traduzir as informações.” (PALACIOS, p. 76)

Tal procedimento é explicitado logo no início do artigo sobre o Brasil. Élisée assim justifica a escolha dos textos e autores para a sua análise:

De todas essas obras, a mais extraordinária é aquela do sr. Avé-Lallemant, viajante modelo que viveu por mais de vinte anos no Brasil e percorreu-o em todas as direções. O sr. Avé-Lallemant pertence a essa plêiade de doutos ultrarrenanos que elevaram as viagens à altura de uma missão social. Preparados para o seu trabalho pelos mais avançados estudos, simultaneamente geógrafos, botânicos, etnólogos, médicos, esses homens, aos quais

nenhum campo da ciência é estranho, estudam ao mesmo tempo a terra, o homem, as instituições. O autor de *Süd-Brasilien* e de *Nord-Brasilien* não é recomendado só pela ciência, ele também se distingue por raras qualidades de escritor: sua frase, leve, viva, emocional, nada tem desse pesadume e dessa complicação verborreica que tão amiúde embarçam o estilo de seus compatriotas; suas impressões poéticas, sempre da melhor qualidade, são exprimidas em termos imbuídos de um profundo encanto: ele cativa facilmente o leitor, e não se deixaria de contemplar com ele os espetáculos graciosos ou magníficos que ele descreve alternadamente. Quanto ao livro do sr. Biard, ele é repleto de agradáveis relatos e engenhosas observações; mas seu principal mérito é reproduzir pelo lápis as paisagens das quais o sr. Avé-Lallemant não nos pode dar a ideia senão pela pena. Alguns dos desenhos do sr. Biard são obras primas de verdade, e exprimem vivamente a beleza das regiões tropicais: um rio perdido na floresta, uma árvore, um cipó bastam-lhe para compor quadros encantadores. (RECLUS, 2011)

Parece evidente para Reclus que suas fontes eram confiáveis e lhe permitiam fazer um estudo não somente cientificamente rigoroso, mas também esteticamente agradável. O elogio a utilização de um aparato iconográfico por parte de Biard, é exaltado por Reclus e será adotado por este em suas obras posteriores publicadas pela editora Hachette, em especial na *Nouvelle Géographie Universelle*, como demonstra seu plano de trabalho para a preparação da obra, em que aponta para seu editor Émile Templier:

Quanto às gravuras propriamente ditas [...] cabe a vós julgar se elas seriam úteis para ampliar o círculo de leitores. Se elas parecem-vos úteis, seria bom ter uma por fascículo, e nesse caso eu escolheria sempre uma paisagem característica ou um tipo original.²⁰

Mas Élisée não somente se atém a uma análise paisagística ou pitoresca do Brasil. Para ele discutir o papel do Brasil império, principalmente a escravidão e seus impactos, naquele contexto era estratégico e urgente, uma vez que a Guerra de Secessão (1861-1865) havia acabado de eclodir nos Estados Unidos da América e a servidão dos negros no país começava a ser questionada. Este tema já aparecia com centralidade em seus artigos de dezembro de 1860 e janeiro de 1861, na *RDM*, intitulados *A escravidão nos Estados Unidos*. Desta forma, realizar uma análise comparativa entre o Brasil e os Estados Unidos não só era válido, pois os países possuíam algumas características territoriais semelhantes, como também era desejável, uma vez que Reclus buscava intensamente apoiar o fim da escravidão.

²⁰ *Plan de géographie descriptive*, IFHS, 14 AS 232. FERRETTI, Federico. *A verdade do olhar: a ideia de paisagem em Élisée Reclus* in. RECLUS, Élisée. **A história de um riacho**. São Paulo : Intermezzo, 2015. p.19

Para Reclus:

Do ponto de vista geográfico, os dois países oferecem a mais curiosa semelhança. De extensão aproximadamente igual, ambos ocupam a parte central de continentes simétricos; são irrigados por sistemas fluviais de gigantesco desenvolvimento e bordejados a leste por estreitas cadeias de montanhas paralelas ao litoral; apoiam-se a oeste sobre a enorme espinha dorsal do Novo Mundo. A história dos dois povos oferece igualmente uma impressionante analogia malgrado o importantíssimo contraste que as instituições monárquicas do Brasil e a população latina formam com a organização republicana e com os cidadãos anglo-saxões dos Estados Unidos. Consideravelmente inferiores à nação americana pelo número, pela riqueza e sobretudo pela indústria, os brasileiros não passam menos por evoluções paralelas àquelas do grande povo da América do Norte. Nos dois países, o branco de início entrou em contato com o indígena, e, para para penetrar no interior, avançou cruelmente sobre ele. No Brasil bem como nos Estados Unidos, ele fez-se seguir pelo negro escravo para fazer-lhe arrotear o solo; no continente do sul, assim como no do norte, formou-se uma aristocracia de plantadores cujo poder repousa no monopólio de um pequeno número de produtos agrícolas, e, sob a pressão das mesmas causas, o feudalismo brasileiro pode ter de sofrer cedo ou tarde as temíveis consequências hoje sofridas pela confederação escravagista. (RECLUS, 2011)

Esta análise geopolítica de Reclus, em que relaciona comparativamente os dois processos em voga no continente americano não foi recebida de maneira amistosa por parte da imprensa brasileira. Na crítica realizada aos dois artigos²¹ do geógrafo francês na *RDM*, o *Diário de Pernambuco* não poupou esforços para analisar de forma ampla e dura os escritos do francês.

Logo no início a crítica pernambucana esclarece o porque da necessidade de responder a publicação realizada além-mar:

Não nos póde ser indifferente o que se escreve e se pensa a respeito do nosso paiz e das nossas cousas na parte mais civilisada do velho mundo; e se por ventura nos é licito desprezar as invenções ridículas e os aleives grosseiros que enchem os livros e os escriptos de charlatães improvisados em viajantes observadores da nossa terra, indispensavel se torna refutar os erros que se podem passar como verdadeiros apadrinhados pelo prestigio ou de um nome de autor conhecido, ou de uma publicação periodica justamente apreciada.

A *Revista dos Dous Mundos* está neste caso: é um periodico estimado dos sabios e

21 A crítica publicada no *Diario de Pernambuco* em suas edições de número 223 e 224, de 1862, infelizmente se encontra incompleta, foram pesquisadas todas as edições posteriores a de número 224, sem ser localizado, contudo, o trecho final do artigo. As duas primeiras partes abrangem a totalidade do texto de Élisée, tendo se perdido as considerações finais do autor e o nome deste.

dos litteratos, é um dos mais considerados órgãos da imprensa de Paris; quasi sempre escolhe com esmero os artigos que publica, e portanto as noticias que espalha, as ideias que propaga, produzem mais ou menos impressão no espírito dos seus leitores, que se contam por milhares.

Assim, pois, era para nós mais do que simples satisfação de curiosidade, era um dever a leitura desses dous artigos assignados por Elisée Reclus, porque embora não estivessem apadrinhados por um nome deslumbrante na republica das letras, tinham por si o reflexo do prestigio do periodico que os estampava nas suas paginas.

Abrimos com empenho a *Revista dos Dous Mundos*; mas infelizmente logo na introdução, logo no primeiro periodo do trabalho do Sr. Elisée Reclus achamos fundamentos seguros para duvidar do bom resultado do seu estudo e da justeza das suas apreciações.

As fontes principaes, as decididamente preferidas pelo Sr. Elisée Reclus, as fontes elle bebeu quasi todas as informações que serviram de base ao seu trabalho, foram, o Sr. Elisée Reclus o declara, as obras do Sr. Avé Lallemand e do Sr. Biard, os *Reise durch Sud-Brazilien im Jahre 1858*; *Reise durch Nord-Brazilien im Jahre 1859* do primeiro e *Deux années au Brésil* pelo segundo, isto é, a obra da maledicencia e a da ingratidão, ou a do alieve e do charlatanismo.

Para o Sr. Elisée Reclus, o Sr. Avé Lallemand é um viajante que pertence a essa pleiade de sabios que tem elevado as viagens á altura de uma missão social; e o livro do Sr. Biard está cheio de observações engenhosas e de desenhos que são obras primas de verdade.

Fazendo tal juizo dos escriptos dos dous viajantes, era impossivel que o Sr. Elisée Reclus deixasse de tornar-se muitas vezes écho dos aleives e das falsidades de um, e das extravagantes, imaginarias e ridículas observações do outro.

E é isto tanto mais para sentir, quanto mais devemos dizê-lo, o Sr. Elisée Reclus enuncia bons principios, e parece desejoso de procurar a verdade; mas desditosamente o seu trabalho tem um vicio original, nasceu das fontes envenenadas.

É curioso notar que ao contextualizar a *RDM*, Élisée Reclus, Avé-Lallemand e Biard, o autor do artigo procura deixar claro a sua apreciação pela publicação francesa, “um dos mais considerados órgãos da imprensa de Paris”, já em relação a pessoa de Reclus o desconhecimento era evidente, “embora não estivessem apadrinhados por um nome deslumbrante na republica das letras [...]”. Se o nome de Reclus ainda não era conhecido entre os intelectuais brasileiros, a primeira impressão que criaram em torno deste certamente não foi a mais positiva, uma vez que o autor da crítica advertia ao leitor que era necessário “duvidar do bom resultado do seu estudo e da justeza das suas apreciações.” pois entendia que o pesquisador francês estava baseando sua análise em dois

autores que os estudos sobre o Brasil eram “obra da maledicencia e a da ingratidão, ou a do alieue e do charlatanismo.”

A crítica do jornal segue apontando os limites e desqualificando as fontes de Reclus, contrapondo a estes o estudo *O Imperio do Brasil – Monographia completa do Imperio Sul-Americano* de Baril²², conde de La Hure.

O que nos indigna é a falsidade que nos insulta, emprestando-nos vícios e até crimes, de que não podemos ser accusados.

Agora mesmo acabamos de lêr *O Imperio do Brasil – Monographia completa do Imperio Sul-Americano*, de Baril, conde de La Hure, obra em cujo ultimo capitulo se enxtram algumas observações criticas sobre certos costumes da população do interior do nosso paiz, e nem de leve nos ressentimos do que escreveu o autor desse livro, porque reconhecemos o justo fundamento das suas reflexões; mas entre o conde de La Hure e Avé Lallemand e Biard ha uma distancia de verdade dos homens do embuste.

A monografia do conde de La Hure, publicada no mesmo ano que o livro de Biard, se baseava em grande parte nas observações diretas do autor e nos escritos de M. Freycinet, F. Denis, J. Henderson, A. Cazal, Casado Giraldes, M. Graham, Martin, X. Eyma, F. S. Constancio e, surpreendentemente, no controverso, R. C. Avé-Lallemant.

A presença de destaque Avé-Lallemant nos artigos de Reclus é certamente o ponto central da crítica do jornal recifense. O autor pernambucano apresenta a seguinte ressalva antes de iniciar a crítica detalhada aos dois artigos:

Demoramo-nos lembrando os escriptos dos Srs. Avé Lallemand e Biard para tornar menos dolorosos ao Sr. Elisée Reclus os graves erros que commetteu, e as injustas apreciações que fez nos seus dous artigos estampados na *Revista dos Dous Mundos*; mas esta consideração não o absolve de tudo, porque o homem que se julga habilitado para escrever sobre uma materia, deve assumir a responsabilidade das proposições que enuncia, da historia que conta, e dos factos de que se suppõe sabedor; deve ter pelo menos criterio bastante para escolher as fontes das suas observações, e para não confundir Ferdinand Denis com Biard, ou o principe Maximiliano com Avé Lallemand.

Entretanto não seremos demasiadamente severos com o collaborador da *Revista dos Dous Mundos*, devemos dar-lhe meio perdão ao menos de um duplo erro que tambem commettemos; tambem o nosso governo acreditou facilmente no criterio do Sr. Avé

22 BARIL, V. L. *L'empire du Brésil: monographie complète de l'empire sud-américain*. Ferdinand Sartorius, Libraire-Éditeur. Paris: 1862.

Lallemant, e também nós julgamos digno de consideração o Sr. Biard.

O tom de *mea culpa* apresentado pelo artigo acaba evidenciando que as críticas estavam voltadas muito mais para o “íngrato” Avé Lallemant do que propriamente para o geógrafo francês. O artigo do jornal concentra suas críticas principalmente em uma série de equívocos e imprecisões sobre o Brasil feitos por Reclus, são apontados e corrigidos erros de grafia de lugares e plantas, bem como é ironizado o erro de se atribuir à região amazônica, em especial as margens do rio, algumas espécies da flora que não tinham incidência na região.

O escriptor francez penetra no magestoso Amazonas, e extasiado com razão ao contemplar tantas maravilhas de uma natureza colossal, triumpho em breve do próprio assombro, e começando uma rápida descrição, encontra nas florestas das margens do grande rio o pau-brasil e o cafeseiro de mistura com outras arvores, que realmente ali crescem.

Estes e outros erros indicam que o Sr. Elisée Reclus não tem os necessários conhecimentos para escrever sobre um país que nunca visitou, e a respeito do qual proferiu os piores livros para beber luzes que não tinha.

Não bastassem “os erros de historia, de geographia e de topographia do paiz”, a própria proposta de divisão regional de Reclus para o império incomodava. Esta proposta consistia em compreender o país em duas partes distintas, uma ao norte do Cabo de São Roque, que seria a região setentrional e outra ao sul, a região meridional. Como critérios para realizar esta divisão Reclus se baseava em elementos hidrográficos, urbanos, econômicos e culturais. A primazia destes elementos como referenciais para a sua regionalização do território consistia no fato de Reclus atribuir aos rios – diferentemente de outros autores – o papel de meio de circulação e encontro entre diferentes povos e não como fronteiras naturais. Para ele, os rios “não formam linhas de divisão geográfica, pois, em geral, eles antes unem que separam” (RECLUS, Élie e Élisée, 1869: LVI).

Mapa 1: Proposta de divisão regional do Brasil império, por Élisée Reclus

Fonte: **Acervo Digital Biblioteca Nacional (adaptado)**. Acessado em 14/7/2016. Disponível em:
http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart30746/cart30746.jpg

Esta proposta de Reclus foi recebida pelo articulista pernambucano de modo negativo, uma vez que contrapunha o projeto de afirmação da unidade nacional por parte do governo imperial. Para o jornal, nesta “divisão tão arbitrária não vemos a conveniência de se sacrificarem idéas estabelecidas, na historia do passado, e aceitas e firmadas no espirito da população”. A manutenção

e ampliação das fronteiras administrativas representava o centralismo e conseqüentemente a força do império e, esta proposta de Reclus, ainda que de modo incipiente, apontava que a unidade nacional era frágil, uma vez que diferentes dinâmicas econômicas, políticas e culturais – por vezes antagônicas entre si – estavam operando simultaneamente no Brasil.

Ainda que o autor da crítica estivesse de acordo com Reclus em alguns pontos, como a da liberdade de navegação do Amazonas e do fim da escravidão dos indígenas, a proposição do geógrafo francês era recebida como uma afronta a soberania brasileira. Para o crítico estas questões “hão de ser decididas pelos poderes publicos do Brasil com prudencia e patriotismo”, refutando a proposta de Reclus para que “os ribeirinhos do Amazonas rompam toda a solidariedade com os seus compatriotas do sul”, uma vez que o projeto imperial brasileiro escravizava e subjugava todos os povos autóctones.

Esta análise reclusiana, como bem aponta Federico Ferretti em seu artigo sobre as fronteiras móveis, foi fortemente influenciada pela proposta de Ritter. O geógrafo alemão ao analisar as fronteiras da Europa, afirmou que: “Os limites Orientais da Europa são uma questão relativa, e não absoluta, conforme referimo-nos à análise das fronteiras dos povos, dos Estados ou da Natureza” (RITTER apud FERRETTI). Do mesmo modo, Reclus não afirmava as fronteiras políticas do império brasileiro – tanto internas como externas – como estáticas e bem consolidadas, longe disso, já nesse instante iniciava uma análise sobre os limites imperiais, que seriam posteriormente, em espacial, após a Guerra do Paraguai e a disputa do território contestado franco-brasileiro, na década de 1890, temas de análise e sobre os quais se posicionaria publicamente.

A influência de Ritter sobre Reclus ficaria evidente também no que tange o método geográfico. O método comparativo proposto por Reclus, seguramente havia sido herdado de Carl Ritter, que foi seu professor dez anos antes em Berlim e do qual havia traduzido para o francês e publicado, alguns anos antes em 1859, o artigo *La Configuration des Continents sur la surface du globe, et de leurs fonctions dans l'histoire*²³.

É a partir desse método geográfico que Élisée propõe uma análise comparada entre os eventos em curso no Brasil e nos EUA. Esta comparação, contudo, incomodou profundamente a elite imperial, uma vez que, além de apresentar as similaridades geográficas entre os dois países, a análise reclusiana apresentava as similitudes entre os processos políticos e históricos, em especial quando analisava a condição dos indígenas e dos negros. Frente a isso, a crítica do jornal

23 Um interessante estudo sobre esta tradução foi realizado por Georges Nicolas e Anne Radeff em seu artigo “Élisée Reclus traducteur de Carl Ritter, passeur de la logique Tout/Partie”. Publicado em 15/1/2015 na revista eletrônica CYBERATO e disponível em: http://www.cyberato.org/sites/default/files/cyberato/nicolas-georges/publications/eratosthene/reclus_ritter_texte_novembre2014.pdf

pernambucano, se posicionou em defesa do governo imperial:

A guerra civil que se acha travada nos campos da confederação norte-americana traz com uma viva anxiedade o pensamento do Sr. Elisée Reclus a considerar todos os paizes da America em que ainda existe a escravidão, e muito especialmente o Brasil, nas circumstancias e na historia do qual acha este escriptor muitos pontos de semelhança com as dos Estados-Unidos.

Acreditamos como o Sr. Elisée Reclus, que o resultado da luta terrivel que rebentou na grande confederação americana pôde ter immensa influencia sobre os destinos do imperio brasileiro: mas entre os pontos de analogia que o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* encontrou nos dous paizes, protestamos desde já contra a expansão que se pôde das á sua proposição sobre os Indios.

É verdade que em um e outro desses vastos territorios o Europeu conquistador penetrou no interior, levando diante de si o Indio, é verdade que no Brasil o colono fez do indio seu escravo; é verdade que o nosso gentio experimentou tormentos indizíveis em uma peregrinação violenta e cruel. Mas é verdade tambem, cumpre dizê-lo, que desde meados do seculo XVIII a escravidão do gentio cessou, e a protecção a essa gente infeliz foi um preceito da lei, e não se conservou como systema o extermínio do gentio, a guerra quasi sem quartel aos miseros selvagens.

Nos Estados-Unidos essa pratica não foi considerada como um crime.

Podem-se entre nós apontar abusos e violencias de que mesmo ainda hoje estejam sendo victimas alguns indios; mas esses abusos são crimes diante da lei, e se muitas vezes escapam impunemente é que a espada da justiça não pôde facilmente chegar a esses longinquos e occultos retiros onde a prepotencia assim alça o collo.

A crença no aparato jurídico do Estado, defendida pelo artigo, para a salvaguarda dos povos ameríndios não era compartilhada por Reclus. Dentre as ponderações é interessante notar que o autor da crítica propõe uma distinção entre a escravidão dos índios e a dos negros, e de como relativiza a guerra aos autoctones promovida pelo Estado brasileiro, apresentando como contra argumento que nos Estados Unidos a guerra e o extermínio destes ainda prosseguia, e que esta somente ocorria no Brasil onde “a espada da justiça não pôde facilmente chegar”.

Contudo, é baseando-se no relatório do tenente estado-unidense William Lewis Herndon, sobre suas expedições à bacia do Amazonas, entre os anos de 1851 e 1853, que Reclus constrói seu argumento entre a similaridade de ações entre governos dos Estados Unidos e do Brasil. Segundo um trecho do relatório do tenente Herndon, transcrito pelo geógrafo francês em seu artigo, o projeto para as populações indígenas da Amazônia consistia em

“suprimir as aldeias e reunir os indígenas em grandes colônias, nomear um governador-geral de grande influência, munido de poderes ditatoriais e recebendo salários elevados. Seria necessário, além disso, obrigar os habitantes a fornecerem ao governador uma força permanente, e abrir a região à colonização concedendo privilégios e concessões de terra. Dessa maneira, se o indígena não é melhorado, ao menos será exterminado, e a admirável região do Amazonas poderá contribuir em larga escala para a prosperidade da espécie humana.” (HERNDON apud RECLUS, p.146)

Reclus ressalta que o governo português propôs para os indígenas um regime que tinha “certa analogia com aquele caridosamente proposto pelo tenetente Herndon”. A ironia de Reclus frente a proposta de Herndon parece ser a única forma de diálogo possível frente a defesa de tamanha brutalidade em nome da “prosperidade da espécie humana”.

Reclus lembra ainda que:

Sob a dupla ameaça do açoite e da excomunhão, sob o peso desse despotismo sapiente que oprimia simultaneamente o corpo e a alma, os tapuias e os ticunas, arrancados de suas florestas natais, estabeleciam-se nos locais previamente indicados, construíam as casas que lhes ordenavam que construíssem, cultivavam os campos que lhes assinalavam. Assim, ergueram-se as cidades e prepararam as plantações das regiões amazônicas. A cultura do solo fez rápidos progressos, principalmente às margens do rio Negro, e em fins do século passado [XVIII] as cidades ribeirinhas desse rio, Airão, Barcelos, Moreira, Tomar, haviam se tornado relativamente importantes. [...] Essa época, anterior à Revolução francesa, foi, do ponto de vista da produção agrícola, a verdadeira idade do ouro dos distritos do rio Negro, e ainda em nossos dias os ricos comerciantes de Manaus e de Belém falam com admiração do governador Manoel da Gama Lobo d’Almada, que administrava à época as províncias amazônicas: eles não se perguntam ao preço de que dolorosa servidão os indígenas haviam dado à região essa aparência de prosperidade. (RECLUS, 146-147)

Desprovidos de toda sua liberdade, os indígenas conduzidos a “civilização” de modo forçado, entre os séculos XV e XVIII, pelos portugueses, não tinham motivos para acreditar em qualquer proposta governamental pudesse vir a garantir a liberdade dos povos indígenas.

Para transformar esse povo, que necessita de um vasto território de caça, para modificar seus hábitos, para enraizá-los ao solo em um pequeno vilarejo de casas estreitas e próximas umas das outras, só empregam dois meios: apelar à força, como outrora, e fazer desses

indígenas escravos, isto é, seres sem responsabilidade moral, ou então submetê-los a essa doce e longa influência que só a instrução pode exercer. De qualquer modo, esta provado que esse sistema sabidamente opressor que reduzia os indígenas escravos ao estado de máquinas, e regulava todos os seus movimentos ao som do sino, só produziu ruínas e desolação em todas as partes da América onde ele foi aplicado. (RECLUS, 149)

A crítica do *Diário de Pernambuco* não se opõe as críticas apresentadas por Reclus em seus artigo, ao contrário, após pontuar algumas diferenças de análise em relação àquela apresentada pelo geógrafo francês afirma:

Feitos estes reparos, declaramos com franqueza e prazer que estamos de accordo com o autor do artigo da *Revista dos Dous Mundos* a respeito de quasi todas as suas idéas sobre o gentio do Amazonas.

Pensamos, como elle, que abusos lamentaveis, e uma incuria desastrosa, tem dado causa a emigração de muitas hordas de Indios do Amazonas para as terras das republicas vizinhas, e que essas emigrações são da maior insonveniencia para o Brasil.

Pensamos, como elle, que o nosso governo não se tem esforçado, como deve, no empenho da catechese e da conquista civilisadora do gentio, necessidade palpitante do paíz, que não póde dispensar tantos braços vigorosos, e que tão uteis seriam.

Pensamos, como elle, que o gentio poderia dar-nos a melhor das colonisações para o Amazonas, se com vontade forte, esforço constante, paciencia e caridade chegassemos, e isso é possível, a arrancar do seio das florestas e aldear essas hordas numerosas que muito contribuiriam para a riqueza futura das provincias ribeirinhas do grande rio.

Vejam embora nestas idéas uma utopia, um sonho irrealisavel, alguns ou muitos homens que testemunhando o poder da força humana domando os mais ferozes animaes, ainda assim não admittem que se chegue a catechisar e aproveitar o indio selvagem! Vejam-o embora, nós acompanharemos nesse ponto o Sr. Elisée Reclus, e pediremos ao governo brasileiro que reflecta seria e demoradamente sobre tão grave e tão importante assumpto.

É interessante notar o movimento da crítica do jornal que, ao sinalizar uma aproximação e um acordo com a análise de Reclus, a interpreta e ressignifica, trazendo uma compreensão ambígua das afirmações de Reclus.

Para Reclus o “empenho da catechese e da conquista civilisadora do gentio” ao invés de promover um avanço da “civilização” para a Amazônia, “só produziu ruínas e desolação em todas as partes da América onde ele foi aplicado”.

Esta compreensão ambígua dos escritos de Reclus da relação entre povos autóctones das

Américas e dos colonizadores europeus contudo não se limitou às análises feitas no século XIX. Recentemente, Emmanuel Lézy²⁴, publicou um artigo intitulado *Una geografía sacrificada: Elisée Reclus y los indios americanos*, no livro *La geografía contemporánea y Elisée Reclus*, no México em 2011, na qual, elencando o tema do protestantismo como chave para a compreensão da obra reclusiana apresenta através de fragmentos das obras *Voyage à la Sierra Nevada de Sainte Marthe* (1861) e da *Nouvelle Géographie Universelle* (1892-1894) uma conclusão perigosa e questionável. Para Lézy, o projeto reclusiano para América se constituía em um projeto de integração continental e de abertura ao comércio internacional, em que os Estados Unidos, por sua superioridade tecnológica, militar e moral, assumiria assim a liderança do processo de desenvolvimento na América. Compreendido desta forma, Reclus se torna para Lézy um grande exaltador da doutrina Monroe (1823) e dos progressos científicos desenvolvidos na Europa e aplicados no Novo Mundo de forma etnocida.

Estas conclusões de Lézy parecem frágeis quando confrontadas com a análise proposta por Federico Ferretti em seu artigo *A geografia de Élisée Reclus frente ao extermínio dos ameríndios: questões científicas e políticas*, apresentado no mesmo ano do artigo de Lézy no Colóquio Internacional “Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo” na Universidade de São Paulo e publicado em português na revista *Élisée* em 2015. Ferretti, realiza sua análise utilizando as mesmas referências de Lézy, contudo, chega a conclusões antagônicas.

Ao contrário do que afirma Lézy, para Ferretti apesar de Reclus ser um admirador do progresso técnico e científico de sua época ele denuncia em seus escritos o genocídio dos povos ameríndios causado pelos conquistadores europeus entre os séculos XVI e XIX. Ferretti, dialoga com uma série de estudos sobre a questão colonial na obra de Reclus, como os escritos de Beatrice Giblin, *Élisée Reclus et les colonisations*, de 1981, publicado na revista *Hérodote*, de Axel Baudouin, *Reclus: un colonialiste?*, de 2003, publicado na *Cybergeog: European Journal of Geography*, Florence Deprest, em seu livro *Élisée Reclus et l'Algérie colonisée*, publicado em 2012 e Philippe Pelletier, no livro *Géographie et anarchie: Reclus. Kropotkine, Metchnikoff*, de 2013. Estes autores tem uma análise bastante diversa e algumas vezes antagônica frente a questão colonial em Reclus, uns apontando Reclus como um colonialista e outros como um anticolonialista.

É justamente em conjunto com Pelletier que Ferretti aprofunda suas análises sobre a questão dos povos ameríndios, em especial da questão colonial, e busca trazer uma análise mais cuidadosa e

24 Emmanuel Lézy é doutor em Geografia pela Universidade Paris X-Nanterre. Professor-investigador na Universidade de Paris Ouest-Nanterre La Défense. Seus principais temas de pesquisa são nas áreas de geografia cultural e epistemologia da geografia. Possui uma série de estudos sobre o Brasil e a Guiana Francesa.

ampla nos artigos “*Eles têm o direito de expulsar-nos*”: a Nova Geografia Universal de Élisée Reclus na revista *Espaço e Economia* e no artigo “*Indígenas do universo*”: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff na revista *Território Autônomo* de 2013.

Os autores fazem referência, no artigo *Indígenas do Universo*, a uma carta de 1885 em que Reclus escreve ao anarquista inglês Henry Seymour (1861-1938) uma explícita posição frente a questão colonial, em que afirma, “nós não reconhecemos mais o que se chama 'pátria' e que, na sua significação habitual, representa a solidariedade dos crimes de nossos antepassados contra outros países, e das iniquidades das quais nossos respectivos governos são responsáveis. Para fundar uma nova sociedade, falta primeiro renegar toda obra de sangue.” (FERRETTI, PELLETTIER, p. 14)

Esta postura explícita e consciente de Reclus em sua correspondência com Seymour apresenta um aprofundamento na análise de Reclus, que já estava presente em seus textos da *Revue des Deux Mondes*, 20 anos antes. São, inclusive, estes crimes decorrentes do modelo de colonização baseada na escravidão que serão aqueles mais combatidos pelos críticos aos escritos de Élisée Reclus sobre o Brasil.

No artigo do *Diário de Pernambuco*, de 1862, o autor não exita em afirmar que:

Depois de muitas e longas reflexões sobre o trabalho escravo no Brasil, reflexões justas umas vezes, e outras inexactas, e fundadas em bases falsas, o Sr. Elisée Reclus passa a considerar a colonização, e especialmente os colonos allemães, e então entrega-se de olhos fechados ao Sr. Avé Lallemand, que o conduz aonde o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* certamente não quizera ter ido, pois que não temos razão alguma de suppô-lo desejoso de cahir e de perder-se no feio abysmo da diffamação e da falsidade.

Novamente a desconfiança e a ilegitimidade atribuída às apreciações de Élisée Reclus sobre a escravidão e a colonização recaiam sobre o argumento de que o “Sr. Elisée Reclus tem um mau genio que incessantemente se esforça para desvia-lo do bom caminho: esse mau genio é mais do que o Sr. Biard, é o Sr. Avé Lallemand.” Contudo, ao reduzir a análise da argumentação reclusiana à má influência de Avé Lallemand, o autor da crítica perde a possibilidade de aprofundar o debate sobre as questões da escravidão e da colonização tão combatidas por Reclus.

A crítica consegue, pontualmente, enxergar alguma singularidade na análise de Reclus sobre a colonização, em especial em sua crítica ao sistema de parceria, ainda que o faça com ressalvas:

O Sr. Elisée Reclus principia condemnando o systema de parceria e de salario em materia de colonisação e preconizando a emigração espontanea.

Inclinamo-nos não pouco para esta opinião do collaborador da *Revista*; mas nem por isso entendemos que na pratica da colonisação um systema seja absolutamente, e em todas as circumstancias, o melhor e único adoptavel.

Élisée Reclus contudo, não está apresentando uma proposta única de colonização para o Brasil. Sua análise se concentra mais em apontar os limites e contradições dos processos em voga em território brasileiros do que apontar um único caminho. Para Reclus era necessário entender tanto como estavam se estabelecendo as relações de trabalho no Brasil naquele contexto, quanto a possibilidade ou não de acesso a terra.

A relação de trabalho foi assim descrita pelo geógrafo:

[...] para recrutar seus trabalhadores, em geral, [...] uns deram preferência ao sistema do salário, que mantém o emigrante numa dependência pura e simples; outros escolheram o sistema mais complicado da *parceria*, que se assemelha ao regime de meação, mas que, na prática, tem por desfecho resultados bem diferentes. (RECLUS, 187)

Por conta disso, Reclus aponta que o agricultor europeu tinha pouco estímulo para emigrar para o Brasil, uma vez que sistema de trabalho (meeiro) não lhe garantia o acesso à propriedade da terra, diferentemente do que acontecia nos Estados Unidos. Reclus entendia que, para que o processo de colonização pudesse ocorrer de forma mais digna, eram indispensável certas reformas da legislação brasileira, em especial da lei de terras de 1850, pois, ainda que esta apresentasse alguns pontos positivos a sua aplicação era praticamente impossível, pois a oposição apresentada pelos fazendeiros brasileiros a qualquer mudança real no acesso a terra era enorme. Para ele, todas as boas decisões relativas à colonização do Brasil encontravam o mesmo obstáculo, o poder excessivo dos grandes proprietários de terras.

Para atrair um número considerável de cultivadores laboriosos, o mais simples teria sido imitar o procedimento que já logrou exito de uma maneira tão admirável na república americana. Bastaria cadastrar as terras, partilhá-las em domínios de uma área rigorosamente especificada, fixar seu valor a um preço módico, fornecer ao comprador todas as garantias desejáveis, e esperar pacientemente que as populações famélicas da Europa ocidental fossem aproveitar esses campos e essa independência que se lhes oferecem nas solidões do oeste. O governo brasileiro parece pender para esse sistema e até mesmo aplicou-o em pequena escala nas províncias meridionais do império; mas em todas as outras partes do

Brasil os proprietários de escravos, que só querem dispor de um número maior de braços para a cultura de seus próprios domínios, não querem sob nenhuma circunstância criar-se concorrentes na pessoa dos emigrantes livres. (RECLUS, 187)

[...]

Ignorando que uma população de emigrantes só pode prosperar sob a condição de cultivar o solo livre, eles acalentam o sonho insensato de poder fazer trabalhar tranquilamente lado a lado camponeses da Europa e escravos da África: contam ligá-los à mesma gleba. (RECLUS, 186-187)

Esta inexistência do acesso a terra e a coexistência de modelos de trabalho antagônicos desestimulavam a emigração de trabalhadores livres da Europa para o Brasil. Assim, para conseguir atrair os trabalhadores europeus, os fazendeiros brasileiros passaram a realizar uma intensa propaganda na Alemanha, Suíça e Bélgica, se utilizando de agentes recrutadores que exaltavam as maravilhas do Brasil, através de circulares e brochuras, que fizeram

brilhar nos olhos dos cultivadores oprimidos pela necessidade a perspectiva de uma terra generosa onde a bananeira, a laranjeira, o limoeiro florescem quase sem cultura, onde a miséria é aproximadamente desconhecida, onde a abundância vem recompensar os esforços de todos aqueles que consentem empregar suas mãos no trabalho. (RECLUS, 187-188)

Esta propaganda se tornava ainda mais atraente, pois

o emigrante nem mesmo necessitava pagar o custeio da viagem: o plantador antecipava-lhes generosamente; transportava-o de Hamburgo ao Rio de Janeiro, do Rio de Janeiro à colônia; alimentava-o durante a travessia e durante os primeiros meses, ou, inclusive, no primeiro ano de sua permanência no Brasil. É surpreendente que milhares de pobres cultivadores tenham dado ouvidos a essas ofertas sedutoras? Mas quando chegavam com suas famílias no local de destino, depois de ter custado a seu patrão uma considerável soma, eles enfim compreendiam quão duro é não desembarcar na qualidade de homens livres sobre o solo estrangeiro. [...] esmagados de dívidas antes de terem cortado um único galho ou revolido um torrão de terra, punham-se ao trabalho com a consciência de não trabalharem para si próprios. Desde o primeiro dia, deviam abandonar uma grande parte de seu salário, ou, então, se fossem meeiros, agravar sua dívida por novos empréstimos. (RECLUS, 188)

As promessas de abundância, facilidades e garantia de trabalho logo se transformavam em dívidas incalculáveis e levavam os trabalhadores “livres” a sucumbir a esta extenuante condição social e de trabalho. “Aqueles que não sucumbiam, restabeleciam-se ainda mais endividados do que antes, e, às vezes, deviam comparar tristemente seu destino com aquele dos negros, seus companheiros de servidão.” (RECLUS, 188)

Estes elementos apontados por Reclus, não eram de todo ignorados pela crítica. O jornal pernambucano admite que tal relação de trabalho estabelecida no império era desfavorável, em alguns casos, para os colonos.

É verdade que pensando e escrevendo assim, serve elle ao seu principio e demonstra com esses factos como a *propriedade* moralisa, eleva e felicita o colono, o migrante, que pelo contrario se encontra sempre desgraçado e offendido em seus direitos nas colonias das parcerias ou naquellas em que trabalha por salario; mas, seja ou não por isso, o Sr. Elisée Reclus não foi cruel, nem injusto comnosco, tratando das colonias do Rio Grande do Sul e de Santa Catharina.

Se a análise de Reclus para os estados do sul do Brasil não eram tidas como injustas, aquela realizada pelo autor francês sobre as outras regiões do Brasil, em especial a colonização do Mucuri (BA), era muito combatida, uma vez que

o Sr. Elisée Reclus tinha considerado a colonização do Mucury, e obedecendo á inspiração do seu mau genio; derramado todo o fel da diffamação que na fonte envenenada bebêra, sobre um distincto Brasileiro que não conhece, e sobre estabelecimentos coloniaes de que não tem idéa alguma, que não seja mais ou menos falsa.

O collaborador da *Revista dos Dous Mundos* depois de referir como pôde e como quiz o começo e desenvolvimento da companhia do Mucurym e da respectiva colonisação, acompanha o Sr. Avé-Lallemant ao Mucury em 1859, isso é, conta o que contára este famoso viajante modelo, averbando a calumniosa relação com insinuações perfidas e profundamente injuriosas.

[...]

Mas o Sr. Elisée Reclus devia pensar que o nome do viajante modelo não o salva da responsabilidade de propalador de falsidades: devia comprehender que era da sua obrigação de homem de bem informar-se completamente da verdade dos factos antes de publicar tão graves accusações contra um homem, uma companhia e um governo.

Estas “inverdades” apontadas pelo jornal buscavam deslegitimar a análise de Reclus, que

apontava as barbaridades sofridas pelos imigrantes pobres na região do rio Mucuri. Como aponta Francisco Alambert, em seu artigo *Elisée Reclus e a Geografia da Barbárie*, “Essas colônias não passavam de 'carnificina' de brancos, meras extensões das senzalas dos negros.” (ALAMBERT, p. 12)

É a pesquisadora Cláudia Santos que em seu livro *Narrativas de viagem e escrita da história: os franceses no processo abolicionista brasileiro (1850-1899)* que consegue analisar de forma mais cuidadosa a polêmica em torno da colonização do Mucuri e seus impactos no Brasil e no exterior.

Cláudia aponta que o artigo *O Brasil e a Colonização* de Élisée Reclus teve uma ampla divulgação no período e foi a principal fonte para a escrita do livro *La traite, l'emigration et la colonisation au Brésil* (1864), de Charles Expilly. Neste livro, Expilly pede às autoridades francesas que tomem medidas para evitar a emigração dos seus conterrâneos ao Brasil uma vez que estes assumiriam o risco de vida, face aos recentes “desastres do Mucuri” e os conflitos de Ibicaba, narrados por Reclus.

Estas posições de Reclus e, posteriormente, Expilly, sobre os casos do Mucuri e de Ibicaba tiveram grande repercussão, tendo um grande impacto na formação da opinião pública europeia e das elites intelectuais ao redor do mundo, o que levou os defensores do governo brasileiro, entre eles o jornal pernambucano, a debater o tema, “instaurando-se, assim, um debate para definir os verdadeiros responsáveis por esses problemas.” (SANTOS, p. 280) O impacto da exposição dos escritores franceses foi tamanho que serviram de base para as medidas restritivas instauradas pelos governos europeus em relação à emigração para o Brasil.

Em defesa do processo de colonização no Brasil, o *Diario de Pernambuco* recorreu a diferentes argumentos – em especial às questões climáticas – para apontar as causas das dificuldades de adaptação dos colonos europeus ao novo território. Segundo o jornal, “Com efeito é uma verdade que as terras mais septentrionaes do Brasil são menos favoraveis que as do sul aos colonos europeus, e especialmente aos colonos do norte da Europa, e isto perfeitamente se explica pela grande diferença do clima.”

Para Reclus contudo, não era o clima mas sim a escravidão o principal perigo para os emigrantes europeus. Conforme afirma Santos:

Para Élisée Reclus, a proximidade da escravidão era tão ou mais perigosa do que o clima tropical e, por isso, somente as províncias do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul – onde o número de escravos era pequeno e onde o governo possuía mais terrenos livres

– eram adequadas à colonização europeia. (p. 295)

Tal preocupação de Reclus se apoiava na compreensão de que a escravidão além de criar problemas econômicos causavam uma série de outros prejuízos aos negros, como os castigos, as vendas e o desmembramento das famílias seriam as causas de sua destruição e degradação. (SANTOS, p. 133)

Não bastasse tal violência, Reclus denuncia minuciosamente o Estado brasileiro por estar reduzindo pessoas livres a escravidão.

Uma cláusula da convenção feita com a Inglaterra dizia que os escravos arrancados dos negreiros só gozariam de sua liberdade após terem feito uma aprendizagem de sete anos sob a tutela dos agentes do governo brasileiro. Esses agentes eram eles próprios plantadores que recebiam em suas propriedades os negros recém-desembarcados; faziam-nos trabalhar como escravos, e para evitarem o embaraço de devolvê-los à liberdade, tiveram o cuidado de mudar seus nomes com os trabalhadores velhos ou enfermos. Todas as vezes que um desses últimos expirava, traziam para ocupar o seu lugar um dos recém-chegados na lista dos mortos, e, desse modo, regularizavam a situação com a administração, que cerrava complacentemente os olhos sobre todos esses pecadilhos. (p. 179)

Por esses motivos Reclus entendia que a escravidão se constituía como uma instituição econômica, social e política sobre a qual o governo brasileiro se apoiava. Contudo, este processo não ocorria de modo pacífico e sem resistência. O geógrafo francês faz menção a alguns levantes sociais em que negros e indígenas se uniram para combater as hostilidades dos colonizadores brancos. Entre os inúmeros casos de resistência apontados por Reclus, estão o da luta de independência do Rio Grande do Sul, em 1831; a tomada de Salvador pelos negros e mulatos, em 1838; as diversas lutas populares na década de 1840, que eclodiram de norte a sul do país. Reclus dá especial destaque a resistência cabana:

Em 1835, os indígenas, levados ao extremo pela arbitrariedade da administração, ousaram sublevar-se; com a ajuda dos escravos negros, apoderaram-se da cidade do Pará, mantiveram-se ali por muito tempo contra as tropas consideráveis, e, sob o nome de *cabanos*, conservaram até 1837 a posse de várias vilas da província. (p. 138)

Este relato de Reclus, que aponta a história das lutas sociais ocorridas em território brasileiro, demonstra a fragilidade do projeto unitário do império e do modelo econômico, político e

social apoiado na escravidão, levando-o a afirmar:

quando estudamos as razões secretas das guerras e das revoluções sucessivas que por tanto tempo entravaram os progressos do império brasileiro, percebemos que as grandes causas da desordem que agiam antes de 1848 não cessaram de existir. Uma dessas causas, completamente política, é o antagonismo dos interesses provinciais. [...] Para evitar o retorno de convulsões tais como aquelas que outrora estremeciam o império, o poder central tem o cuidado de não se ingerir em demasia na administração particular das províncias e das comunas; mas podemos duvidar que essa política prudente baste sozinha para resolver em uma paz geral o antagonismo dos brasileiros do leste e do oeste, do norte e do sul, e perguntamo-nos se a reconciliação das diversas províncias não se deve bem mais à sua solidariedade diante de um mesmo perigo do que a todas as precauções do governo. A escravidão, essa chaga que devora mais ou menos todas as porções da sociedade brasileira, cria aos senhores uma comunidade de interesses e força-os a negligenciarem a política local para prevenir-se de concerto contra o perigo que os ameaça a todos juntos. Outrora, durante insurreições de escravos do Pará, de Pernambuco, da Bahia, os negros e os indígenas sublevados reivindicavam a altos brados a morte dos brancos, e até mesmo nas revoluções de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, que tinham um caráter mais especificamente político, a luta à mão armada ameaçava degenerar em verdadeira guerra de raças. (p. 172-173)

Esta argumentação de Reclus é fortemente combatida pela crítica do *Diário de Pernambuco*. O jornal ironicamente afirma que, “Lembrando alguns factos da nossa historia, o Sr. Elisée Reclus nos ensina que houve uma revolta de *cabaneiros* nas provincias do norte e nas margens do Amazonas, revolta que ainda considera uma *insurreição servil*.”

É por esses apontamentos e debates fomentados por Reclus que a crítica pernambucana afirma categoricamente que:

o seu trabalho perde qualquer merecimento que chegaria a ter a algum respeito; porque não pode nem deve escrever sobre um paiz quem tão pouco sabe da sua historia, da sua geographia e dos costumes do seu povo.

Tantos erros, tão falsas apreciações, tantas injustiças davam-nos o direito de rejeitar *in limine* o trabalho do Sr. Elisée Reclus: são erros imperdoáveis, são apreciações pueris e extravagantes, são injustiças tão manifestas que nós os apontamos sem corrigir os primeiros, e sem responder ás outras; mas nem por isso desconhecemos a verdade que apparece em uma ou outra das observações do collaborador da *Revista dos Dous Mundos*.

A deslegitimação parece ser a única forma encontrada, naquele contexto, pela crítica para invalidar a maior parte dos apontamentos e reflexões apresentadas por Reclus. A convicção e a clareza com que o geógrafo francês se refere a instituição escravista em voga no Brasil atacam de forma precisa a contradição do modelo econômico e social mantido pelo império. Para Reclus o suposto bom tratamento dado aos escravos, ou ainda, a existência de bons proprietários – que eram apontados por parte da imprensa internacional e até por alguns grupos antiescravagistas como uma característica da escravidão no Brasil – nada mais pareciam do que uma falsa propaganda que buscava perpetuar a manutenção de tal projeto.

A própria legislação brasileira que, diferentemente da dos Estados Unidos, não parecia impor ao escravo um círculo intransponível de servidão, nem criar uma distância insuperável entre o branco e o negro, na prática se manifestava de forma muito mais perversa, uma vez que “o próprio Estado compra ou recebe negros em herança e faz com que trabalhem por conta do orçamento”(RECLUS, p.174). Assim, ainda que o Estado brasileiro se comprometesse juridicamente com o fim gradual da escravidão, na prática, os resultados de tais medidas eram sempre dúbios e impediam a libertação real dos negros no Brasil.

Para Reclus,

O agravamento da escravidão é a consequência natural da abolição do tráfico de escravos e da penúria dos trabalhadores. [...] a instituição servil do Brasil segue perfeitamente o exemplo fornecido pela república americana. Nos dois países, a escravidão tornou-se mais dura a cada nova concessão que lhe é arrancada, e a supressão do tráfico, esse grande triunfo da Inglaterra abolicionista sobre a América escravagista, só serviu para tornar ainda mais doloroso o destino dos negros. Entretanto, alguns otimistas ainda têm a ingenuidade de crer que a servidão involuntária acabará por desaparecer por si mesma no Brasil. O mal não morre assim: sua natureza é piorar incessantemente, alastrar-se pouco a pouco, corromper tudo o que o cerca, e desaparece apenas como consequência a uma violenta crise na qual todas as forças vitais reúnem-se para expulsá-lo.

Ao mesmo tempo que o peso da escravidão torna-se mais pesado, a força do feudalismo territorial cresce. (RECLUS, 181)

Esse agravamento da violência e esse aumento da força dos grandes produtores só aumentava a tensão social no Brasil. Para Reclus, o governo brasileiro nunca teria autoridade para sugerir reformas e contrariar o poder dos grandes proprietários. Assim defendia aquela que era entendida como uma medida drástica: a abolição radical e completa da escravidão.

Para ele, somente

homens livres cultivando um solo livre podem, com efeito, salvar o império brasileiro e arrancá-lo de uma iminente desorganização. A inimizade das diversas raças do Brasil cria elementos de desordem que uma forte centralização e a liga de interesses comerciais podem reprimir por muito tempo, mas não deixam de perturbar as profundezas da sociedade, e não cessarão de existir enquanto a escravidão for a pedra angular do império. Ainda que os plantadores fossem assaz hábeis para conjurar para sempre a revolta e conter os mulatos, que em geral distinguem-se por tanta audácia e iniciativa, saberiam dar uma solução favorável a todos os problemas econômicos gerados pela servidão dos negros? (RECLUS, p. 204-205)

O trabalho livre contudo, além de alterar a estrutura econômica em voga traria, segundo Reclus, impactos para a estrutura política do Brasil, levando-o a acreditar que os processos iniciados em território imperial poderiam em pouco tempo desencadear um processo de lutas sócias que colocariam em questão a própria estabilidade desta estrutura política. Uma vez que:

Se o Brasil só pode prosperar pelo trabalho livre, é justo acrescentar que esse mesmo trabalho livre pode cedo ou tarde criar para o império uma situação das mais perigosas, pois é fato que o bem agrava o mal antes de destruí-lo. Outrora, os proprietários de escravos ocupavam em força quase todas as partes do Brasil e davam ao conjunto desse imenso território certa homogeneidade de interesses; atualmente, a escravidão é lentamente rejeitada para o norte por essa classe nascente dos camponeses livres que germina nas províncias do sul. Essa é uma revolução que pode parecer insignificante porque se opera sem ruído; mas não deixa de ser indiscutível, e podemos de antemão predizer seus resultados. (RECLUS, p. 205)

Este caminho que apontava para o irremediável conflito de interesses entre o trabalho livre e o trabalho escravo era um tema que afligia a opinião pública como um todo. Receosos de uma guerra civil, intelectuais e os meios de comunicação estavam atentos aos desdobramentos da escravidão. A argumentação de Reclus, analisando comparativamente as transformações nos Estados Unidos e no Brasil, eram entendidas de modo semelhante pelo crítico do *Diário de Pernambuco*, que apontava:

A guerra civil que se acha travada nos campos da confederação norte-americana traz com uma viva ansiedade o pensamento do Sr. Elisée Reclus a considerar todos os países da

America em que ainda existe a escravidão, e muito especialmente o Brasil, nas circunstancias e na historia do qual acha este escriptor muitos pontos de semelhança com as dos Estados-Unidos.

Acreditamos como o Sr. Elisée Reclus, que o resultado da luta terrível que rebentou na grande confederação americana pôde ter immensa influencia sobre os destinos do imperio brasileiro.

Não foi somente o jornal pernambucano que se atentou aos comentários de Élisée Reclus sobre o Brasil e a colonização. Dias após a publicação da crítica no *Diario de Pernambuco*, foi a vez da *Revista Popular* (Rio de Janeiro/RJ) – edição de Julho a Setembro de 1862 – tecer seus comentários sobre a análise reclusiana. Diferentemente do detalhado estudo apresentado nas páginas da publicação recifense, o órgão de imprensa da capital do império, dedicou muito menos espaço e rigor para sua análise. Apesar de não fazer qualquer menção ao artigo conterrâneo, a análise da *Revista Popular* se utiliza das mesmas palavras e ideias em sua critica. Para a revista, são os erros históricos, geográficos e, principalmente, a utilização das obras de Lallemant e de Biard que comprometem a análise de Reclus sobre o Brasil.

Curiosamente, a *Revista Popular*, publicada na cidade do Rio de Janeiro era editada pela B. L. Garnier, editora esta que, ironicamente, 38 anos depois publicaria com destaque e em uma edição de luxo a obra *Estados Unidos do Brasil* de Élisée Reclus.

Seria contudo, outro jornal pernambucano que traria uma análise distinta em relação ao texto de Reclus publicado na revista francesa. Longe de cair nas acusações e deslegitimações pronunciadas pelo *Diario de Pernambuco* e pela *Revista Popular*, o jornal *O Liberal* (Recife/PE), trazia em sua sessão Agricultura – ao longo de 3 edições²⁵ – um debate sobre a questão da apropriação da terra, em que fazia eco as suas ideias.

É para reforçar as ideias que expressavam desde 1856 que os redatores d'*O Liberal* fazem menção à Reclus. O geógrafo francês, assim como os redatores do jornal, entendiam que a questão da propriedade e uso das terras no Brasil, em especial do modelo de sesmarias, afetavam diretamente a população e a economia brasileira, uma vez que a quantidade de terras não cultivadas e que permaneciam concentrada nas mãos de um pequeno grupo de proprietários, e inacessível à população, eram enormes. *O Liberal* transcreve na íntegra a passagem de Reclus:

“Poucos tempos depois da descoberta do Brazil, o paiz inteiro foi partilhado a principio em 9, depois em 18 donatarias. Em 1754, estas capitancias, cada uma das quaes desenvolvia-se

25 *O Liberal* edições de 8/5/1863; 22/5/1863; e, 26/5/1863.

pelo espaço de 50 leguas de littoral, foram reivindicadas pelo governo; porém a constituição da propriedade não foi modificada senão em apparencia, e o solo não ficou menos entre as mãos de poderosos proprietarios feudaes; sendo que, mesmo actualmente, uma grande parte do solo do Brazil permanece destribuida em vastos dominios, cujos limites, muitas vezes indecisos,²⁶ são assignados por florestas, rios ou montanhas.

Por outra parte existe um numero consideravel de “sesmarias” que occupam uma superficie de meia legua, de uma legua, mesmo de tres e cinco leguas,²⁷ e que, não tendo sido agricultadas em tempo algum por seus respectivos proprietarios, deveriam reverter ao dominio publico para serem medidas e expostas a venda publica.

O governo tem muitas vezes reivindicado estas 'sesmarias'; mas por toda a parte onde os interesses da grande cultura estão em jogo, os agricultores coalisados sabem muito bem impedir tudo quanto lhes poderia damnificar a constituição feudal de sua sociedade.”

É para combater e buscar uma nova possibilidade de acesso a terra que os redatores do jornal recifense faziam eco as ideias de Reclus. Os redatores notavam que, a coalizão dos proprietários impedia qualquer mudança da legislação por parte do governo e além disso, tinham consciência que as terras que os proprietários estavam dispostos a negociar eram em sua maioria “esteril, insalubre, ou muito mal situado, para que ninguém tente adquiri-lo”. A terra, para o jornal liberal, deveria ser acessível para os moradores e lavradores do Brasil, e para tanto, fazer eco as palavras de Reclus, lhe davam forças para apontar este horizonte.

Estes primeiros artigos, publicados na imprensa brasileira entre os anos de 1862 e 1863, sobre o texto *O Brasil e a Colonização*, de Élisée Reclus, seriam somente o despertar do incomodo e do mal estar da imprensa imperial em relação aos posicionamentos do geógrafo francês na *Revue des Deux Mondes*.

2.3. A *Revue des Deux Mondes* – A Guerra do Paraguai

Entre os anos de 1865 e 1868 Reclus publicou nas páginas da *RDM* uma série de quatro artigos sobre a Guerra do Paraguai²⁸, os textos, assim como ocorreu com a publicação do artigo *O*

26 Em geral, nas provincias mais povoadas do littoral, é inexacta a proposição do Sr. Reclus. No Ceará, Maranhão, Piauí, Pará, Alto-Amazonas, Matto-Grosso, Goyaz, e outras paragens, dá-se, infelizmente, o que diz elle.

27 Mesmo em Pernambuco, no districto de Aguas-Pretas, em quasi todo o sertão, não só há numerosos proprietarios de uma legua, duas, e mais, como, se nos não enganamos, temos um desembargador da relação que possui a sesmaria de cinco leguas de terras em Aguas-Pretas. Os engenhos de assucar possuem em geral meia legua, tres quartos de legua, e uma legua, como poderemos indicar muitos. Tem razão nesta parte o Sr. Élisée, e, desgraçadamente, em muitos outros tópicos, como teremos occasião de annotar.

28 Artigos de Élisée Reclus na *Revue des Deux Mondes* sobre a Guerra do Paraguai:

1º – Fevereiro 1865: La Guerre de l'Uruguay et les Républiques de la Plata

Brasil e a Colonização em 1862, logo chamaram a atenção da imprensa brasileira, que buscou responder em suas páginas as análises reclusianas. A primeira resposta – que tivemos contato a partir do levantamento realizado nesta pesquisa – foi do jornal *A Coalizão*, publicado em São Luiz (MA), em 6 de abril de 1865, dois meses após a publicação do artigo *La Guerre de l'Uruguay et les Républiques de la Plata*²⁹, nas páginas da *NGU*.

A recepção ao artigo de Reclus, semelhante ao que havia ocorrido poucos anos antes, era indignação por parte do jornal maranhense frente aos escritos do geógrafo francês. Preocupados com a visão negativa que o artigo apresentava das ações políticas do império brasileiro, o jornal *A Coalizão* temia por uma negativa visão da opinião pública internacional sobre o Brasil, uma vez que os argumentos de Reclus estavam sendo compartilhados por uma série de jornais europeus. Tal fato, mereceu uma severa censura por parte d'*A Coalizão*:

A Presse, a *Independence Belge* e até o *Nord*, que se diz – *jornal internacional* – por sua vez vierão lançar novos improperios sobre o grande imperio de Santa Cruz, cobrindo-nos de perfidas e malignas alluzões, e provocando-nos a uma discussão tão acriminiosa, quanto inconveniente.

Requintando, porem, de má vontade e no firme proposito de rebaixar-nos aos olhos do mundo civilisado, a *Revista dos Dous Mundos* volta à falla, e faz com que o obscuro escriptor d'estas linhas, pondo hoje de parte quanto escreverão os redactores e correspondentes dos jornaes *Presse*, *Nord* e *Independence*, somente se ocupe com o artigo do Sr. Elysée Reclus, impresso na *Revista dos Dous Mundos*. (A COALIZÃO)

Considerado um inimigo e um assalariado do governo do Paraguai e de Montevideú, Reclus não teria outra motivação para escrever tais argumentos sobre o Brasil se não fosse pelo dinheiro pago a ele, “pois outro movel não pode dirigir as pennas mercenarias que nos insultão”.

Desconhecendo a visão política de Élisée Reclus – que naqueles anos se afastava das ideias republicas e se aproximava do anarquismo³⁰ – não parecia haver a possibilidade, para o jornal, que outro motivo, que não o dinheiro, mobilizasse a escrita de tais argumentos. Desqualificando assim desde o início a possibilidade de um debate aos argumentos de Reclus, o jornal maranhense assume

2º – Outubro 1866: *Leurs Guerres et Leur Projet De Fédération: Les Républiques de L'amérique du Sud*

3º – Dezembro 1867: *La Guerre du Paraguay*

4º – Agosto 1868: *L'Élection Présidentielle de la Plata et la Guerre du Paraguay*

29 Ainda inédito em português.

30 Em 1864 os irmãos Élie e Élisée conhecem a Mikhail Bakunin e integram à *Sociedade internacional revolucionaria*, organização secreta criada por Bakunin no mesmo ano. Para mais informações sobre as relações dos irmãos Reclus com Bakunin consultar NETTLAU, Max. *Eliseo Reclus y Miguel Bakunin* in **La Revista Blanca**, Madrid. 1/9/1927 nº103.

para si o papel de contrapor ao geógrafo, “pois outro movel não pode dirigir as pennas mercenarias que nos insultão.” Assim, assume ser seu dever, pois, “como falião com os seos deveres aquelles que mais se deverão lembrar, o autor d'estas linhas não esquece o seo, que é deffender o seo paiz, por todos os meios e com todas as armas que ao alvance encontrar.”

O primeiro meio encontrado pelo autor maranhense é análogo aquele apresentado pela critica do *Diario de Pernambuco*, a desqualificação das fontes.

Esses documentos, afora um ou dous, são diversos pamphletos, escriptos pelos inimigos do Brasil, avultando entre os nomes d'esses inimigos os dos Srs. Christie, e Sturz, dous alienados que da Inglaterra e Alemanha, aqui vierão, em commissões de seos respectivos governos.

Na synopsis dos livros consultados figurão portanto os folhetos: *Notes on Brazilian questions*, por W. D. Christie e o *Estudo sobre o Uruguay* por Sturz, o celebre trampolineiro da colonisação allemã; dous funcionarios que os seus próprios governos virão-se forçados a exouneral-os das funcções que aqui exercião.

Sem duvida o Sr. Elysée Reclus, conheceo quão deponente contra o seo criterio e imparcialidade de juizo fora a exhibição de autores taes, que alem de desavisados, eram por demais adversarios do Brasil, e foi por essa a razão pela qual figura tambem no catalogo das obras consultadas, o recente opusculo que um illustrado portenho escreveo, mas que por isso mesmo, que é generoso para com o Brazil, não foi por forma alguma folheado.

Os autores William Dougal Christie (1816–1874) e Johann Sturz (1800-1872) eram tidos pelo jornal como alienados e adversários do Brasil. A adjetivação do jornal ao autores estrangeiros surpreendem, uma vez que, o primeiro foi cônsul britânico na Argentina desde 1854 e foi enviado em especial ao Paraguai, em 1858, para acompanhar de perto o que se passava na guerra e o segundo, dedicou uma boa parte de sua vida a questão da colonização alemã no Brasil, tendo vindo para o Brasil por diversas ocasiões e trabalhado como cônsul geral do Brasil na Prússia³¹.

Sturz, como demonstra Zimmermann, não era somente uma referencia para Reclus. Este também se utilizava das análises do geógrafo francês para defender seus modelos de colonização para o Brasil e demais países da América do Sul. Para Sturz as ideias de Reclus despertaram, entre alemães e ingleses, interesses na compra de terras no Uruguai. (ZIMMERMANN, p.98)

31 Para mais informações sobre a relação de Sturz com o Brasil indicamos a pesquisa de mestrado de Tânia Regina Zimmermann, intitulada, **Johann Jacob Sturz e a Nova Alemanha nos Trópicos**, defendida em 2001, na Universidade Federal de Santa Catarina. Visualizada em 18/3/2016. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/79595/179993.pdf>

Surpreende ao autor as palavra de Reclus na revista francesa, uma vez que a *RDM* trazia em suas páginas autores “cujas pennas tem cotação nas praças”. Agravado pela importância que a revista possuía, os argumentos de Élisée Reclus em prol de Venancio Flores (1808-1868) e a Francisco Solano López (1827-1870), presidentes uruguaio e paraguaio respectivamente, causavam indignação à publicação brasileira. Este será o principal mote também para as demais críticas apresentadas à Reclus nos jornais brasileiros da década.

Entendidos como republicanos que apontavam um novo horizonte político para o Novo Mundo, os presidentes eram vistos por Reclus como aqueles que poderiam fazer frente ao “*imperio escravocrata* (é o nome que, em sua bondade, [Reclus] dá ao Brasil)”.

Para Reclus:

“N'essa luta, o Paraguay é quem defende a dignidade do trabalho, a fraternidade das raças, o direito de propriedade, o respeito pelos estrangeiros e até a liberdade dos cultos; ao passo que o Brazil só tem em vista plantar a escravidão, (instituição sob cujas bases se acha organizado o Imperio) nas republicas do Prata.” (A COALISÃO)

Para a publicação, tal argumento de Reclus, “parece que segue o liberalismo de Proudhon, para afirmar que o Paraguay é hoje o paladino do direito de propriedade”. Fica evidente que, ao aproximar corretamente as ideias de Reclus as de Proudhon, a crítica parece compreender bem quais são os interlocutores e a intenção do escrito de Reclus, uma vez que em nenhum momento o geógrafo francês tenta esconder sua repulsa ao império e a escravidão brasileira. Tal perspectiva parece ser inadmissível para o jornal.

Por ventura ignorará o Sr. Elysée Reclus as causas da nossa luta com o Estado Oriental? O distincto escriptor terá tão pouco *verniz de civilização*, que não compreenda a gravidade do insulto que lança sobre um governo generoso e prodigo em semear benefícios para colher ingratidões?

De fato a generosidade e a *civilização* a qual reivindicava o autor da crítica pouco interessava ao geógrafo francês. É por conta deste antagonismo de perspectivas que a crítica se perde em uma série de especulações pouco criteriosa; por horas questiona os dados estatísticos apresentados, sobre os quais, supostamente, Reclus infla a população paraguaia e subestima a brasileira, por outras, narra o início da guerra como uma articulada estratégia paraguaia para aumentar seus domínios territoriais.

Não resta então, ao crítico maranhense senão concluir:

Como se vê o artigo do Sr. Reclus é escripto para fazer effeito entre os Hottentores. Erros crassos, por ignorancia ou malignidade; apreciação sempre apaixonada e desaforada; estylo que se denuncia como objecto vendido e de empreitada, é por conseguinte um artigo merecedor de um pamphleto, por isso que não pode servir de baze para uma discussão séria.

Desistimos da resposta pelo cazo em que foi deita a pergunta. Lamentamos que a *Revista dos Dous Mundos* dêsse acolhimento a um trabalho semelhante.

Não foram somente os críticos que residiam no Brasil que moveram suas penas contra as palavras de Reclus. O correspondente da *Semana Illustrada*, periódico da capital do império, publicou na edição de 23 de abril de 1865 a seguinte nota sobre o artigo da *RDM*:

A terceira razão é a neutralidade do Piemonte, da França e da Inglaterra na questão do Brasil com o selvagem Paraguay, republica de anjos, Atlantida de Platão, no gratuito conceito de Mr. Elysée Reclus, da Revista dos Dous Mundos.

Digão lá que o diabo é tão feio com se pinta!

Lopez, diabo incubo e sucubo ao mesmo tempo, tem o seu cantor, que botou os bofes pela boca fóra em favor da horda de brutos, que esse monstro cada vez mais embrutece.

Não conheço o Sr. Reclus, e por isso não sei por quanto cunhou a medalha do sanguinaruo cacique; o que me parece é que o numismata é digno do medalhado; que Deos os fez, e o principe das trevas os ajuntou. Ninguem lhes inveje a parceria e altere os gosos de tão doce união.

É com desprezo e raiva que a imprensa brasileira recebeu o primeiro artigo de Reclus sobre a Guerra do Paraguai. A guerra, que havia sido anunciada pelo governo brasileiro como uma campanha militar rápida e eficiente, de curta duração e que demonstraria a solidez e a força do império, começava a causar mais transtornos e dúvidas na população, do que os meios de comunicação deixavam transparecer.

Foi exatamente para rebater estas dúvidas e acusações que o *Diario do Rio de Janeiro*, prontamente respondeu – em dois artigos³² – ao segundo artigo de Reclus sobre a Guerra do Paraguai, intitulado *As Repúblicas da América do Sul: Suas Guerras e seu Projeto de Federação*³³,

32 Publicados nas edições de 1º de dezembro de 1866 e 2 de dezembro de 1866.

33 O artigo teve uma primeira tradução parcial no *Jornal da Victoria*, de 13 e 16 de fevereiro de 1867. A primeira tradução na integra para o português ocorreu em 2011 graças ao trabalho editorial de Plínio Augusto Coelho, que traduziu e publicou o artigo em livro homônimo pela Editora Imaginário.

publicado em 15 de outubro de 1866, na *Revue des Deux Mondes*. Como nos artigos que o antecederam, o artigo do *Diario do Rio de Janeiro*, já apresenta o teor de sua crítica desde suas primeiras linhas:

Não é a primeira vez que o Sr. E. Reclus deita os olhos para esta parte do mundo, e o Brasil especialmente já tem sido objecto das lucubrações de tão notavel escriptor. Quer, porém, a fatalidade que a ignorancia dos factos e a parcialidade da apreciação sejam ainda maiores que o talento do Sr. Reclus, de maneira que, se por um lado induz em erro os leitores da *Revista dos Dous Mundos*, por outro lado causa-nos lastima ver como elle callumnia a nossa politica, a nossa historia, as nossas idéas e as nossas instituições.

Diferentemente porém, das publicações anteriores, que adjetivavam a Reclus sempre de modo jocosos ou irônicos, o *Diario do Rio de Janeiro* parece fazê-lo de modo respeitoso ao referir-se a Reclus por notável. Tal mudança no tratamento possivelmente deve-se ao fato de que, entre os quatro anos que separam o primeiro artigo para a *Revue des Deux Mondes* e o artigo recém-publicado, Reclus desenvolveu um extenso trabalho de pesquisa e divulgação científica. Conforme aponta Christophe Brun em sua meticolosa cronologia familiar de Élisée Reclus, publicada no site R. A. Forum (<http://raforum.info/reclus/>) com o apoio de Federico Ferretti, não foram menos de 30 artigos que Élisée Reclus publicou nesse período, sendo a maior parte deles para a *Revue des Deux Mondes*, o *Bulletin de la Société de Géographie* e a *Revue germanique et française*, além de traduções, prefácios e guias. A amplitude de temas abardados nestes artigos, bem como a preparação da obra *La Terre, description des phénomènes de la vie du globe*, que seria publicada em dois volumes entre os anos de 1868 e 1869, pela editora Hachette, começavam a tirar do desconhecimento o nome de Élisée Reclus.

O jornal nota que o geógrafo francês, busca subsidiar sua análise em duas obras que haviam sido recém-publicadas em Paris:

O Sr. E. Reclus trata especialmente da federação das repúblicas americanas, a proposito de duas obras recentemente publicadas em Paris, e falla da sua historia, dos seus governos e das suas populações com uma sympathia a que adherimos de boa vontade, excepção feita dos dithyrambos cantados em louvor do dictador Lopez.

Ainda que os jornais questionassem as fontes de Reclus e sua leitura dos fatos, é notável a capacidade que o geógrafo francês tinha de mobilizar referências recém-publicadas e incorporá-las

em suas análises. Mas o tema da guerra é demasiadamente sensível para que o jornal da capital do império não se opusesse aos argumentos de Reclus frente a guerra.

Assim como argumentavam os artigos d'A *Coalisão* e da *Semana Illustrada*, o *Diário do Do de Janeiro* tem clara sua narrativa dos fatos contra o governo paraguaio:

Na guerra do Paraguay, foi o dictador Lopez quem primeiro poz a sua espada na balança, sob o futil pretexto de que a democracia americana estava ameaçada pelo Imperio; e sabe o Sr. Reclus de que modo o grande *redresseur des toris* appareceu em defeza do direito? Praticando actos de pirataria, capturando vasos de guerra em plena paz, encarcerando funcionarios publicos brasileiros, antes de uma prévia declaração de guerra.

O Sr. Reclus desconhece tudo isto. O dictador Lopez parece-lhe quasi um semi-deus, e a republica do Paraguay é oasylo sacratissimo da liberdade. Ó liberdade, quantos crimes em teu nome!

Tudo no Brasil é odioso aos olhos do Sr. Reclus, sobretudo em comparação com as republicas visinhas. Até as condições geographicas são pessimas, e asseverando isto parece que o Sr. Reclus enxerga uma hostilidade da providencia. Nas republicas, populações livres; no Imperio, um povo de escravos. Povo de escravos, dirigido por um governo ambicioso, cujas vistas, em todos os tempos foram de alargar as fronteiras do paiz, fim exclusivo desta guerra.

De fato, era o espírito republicano, o desejo de ver os povos livres de um poder central indestituível, lutando por sua liberdade – assim como o próprio Élisée havia feito em 1851 ante o golpe de Napoleão III – que mobilizavam a análise de Reclus. Seus escritos sobre os povos do Novo Mundo eram cheios de encantamento e esperanças, em especial por conta do intenso processo de lutas sociais que estavam sendo levadas a cabo por toda a América Latina desde o início do século XIX.

Diferentemente dos interesses de Reclus nas lutas sociais dos povos latino-americanos, o interesse da intelectualidade do império era de preservar as bases sociais do regime vigente e abafar qualquer tipo de ação política que pudesse colocar em risco seu projeto imperial. Por conta disso, era absolutamente necessário construir a imagem de vitima do Brasil frente a guerra em curso.

O vilão tinha nome, sobrenome e possuía, segundo a narrativa da imprensa imperial, todas as qualidades de um tirano inescrupuloso.

Foi no meio dos acontecimentos dessa guerra, que o dictador Lopez, tomando-se de amores pela liberdade americana, rompeu deslealmente as hostilidades. Qual era o effeito pratico

da guerra que o dictador Lopez moveu simultaneamente ao Brasil, à Confederação Argentina e ao Estado Oriental? Derrubar o presidente Mitre, destruir a obra de 20 de Fevereiro, abater o poder do Brasil? Mas tudo isto era insensato, tudo isto era impossível; e, desde que uma guerra iniciada em nome da liberdade confiscada na bacia do Prata, não tinha por effeito certo a restauração da liberdade, tornava-se um inutil derramamento de sangue.

O dictador Lopez confiava nos seus meios de guerra accumulados durante annos. Com effeito, graças à nossa indole pacifica, e ao systema chinez empregado no paiz em que domina, pôde o neto politico de Francia preparar-se lentamente para um grande conflicto, encher os seus arsenaes, instruil-o, até que se lhe offerecesse uma occasião azada para lançar em campo a famosa nota do equilibrio. A guerra oriental pareceu-lhe bom pretexto.

Foi depois das depredações e violencias conhecidas por todos que o Imperio e as duas republicas celebraram o tratado de alliança e entratam na guerra que ainda hoje continúa. O Sr. Reclus ridiculariza as palavras do presidente Mitre, na proclamação ao exercito e na occasião de assignar o tratado. Não chegámos a Assumpção no fim dos tres mezes, é verdade; o inimigo favorecido pelas condicções do terreno, tem resistido mais do que suppunha o presidente Mitre; mas que prova isso, senão que o pretendido ataque à liberdade do Paraguay entrava tão pouco no plano dos alliados que a *republica* de Lopez pôde organizar uma força possante, sem que nos preparassemos igualmente como elle para um caso de guerra? Quanto ao decreto da vistoria, a que alludio o presidente Mitre, se há que se lhe dizer é não ter empregado o plural; - decretaram os alliados as victorias, victorias esplendidas ganhas à custa de sangue precioso, e não tardará muito que o ultimo triumpho venha coroar os exercitos invasores, e pôr termo a esta gloriosa campanha.

Preparado para a guerra, contando com recursos e apoio político internacional, “Praticando actos de pirataria, capturando vasos de guerra em plena paz, encarcerando funcionarios publicos brasileiros, antes de uma prévia declaração de guerra”, assim o Paraguai construiu a guerra, segundo os jornais do império, contra os países com que fazia fronteira.

A resposta ao “ataque” paraguaio, para o redator do *Diário do Rio de Janeiro*, não poderia ser outra que não o contra-ataque glorioso.

Não chegámos a Assumpção no fim dos tres mezes, é verdade; o inimigo favorecido pelas condicções do terreno, tem resistido mais do que suppunha o presidente Mitre; mas que prova isso, senão que o pretendido ataque à liberdade do Paraguay entrava tão pouco no plano dos alliados que a *republica* de Lopez pôde organizar uma força possante, sem que nos preparassemos igualmente como elle para um caso de guerra? Quanto ao decreto da vistoria, a que alludio o presidente Mitre, se há que se lhe dizer é não ter empregado o

plural; - decretaram os aliados as victorias, victorias esplendidas ganhas à custa de sangue precioso, e não tardará muito que o ultimo triumpho venha coroar os exercitos invasores, e pôr termo a esta gloriosa campanha.

Se a guerra, suas causas e seu fim ainda eram nebulosos e incertos naquele momento, outro tema era incontestável e novamente despertava o ânimos dos autores: a escravidão.

Se o Sr. Reclus quisesse entrar calma e lentamente no estudo da nossa historia e da nossa actualidade, se escrevesse mediante informações exactas e imparciaes, saberia e diria que o Brasil é um povo de abolicionistas, e que supportando este mal, que não é de hoje, temos todo o desejo de vê-lo desaparecer completamente. Muitas gazetas e escriptores do Brasil tem-se occupado com este assumpto; uns são pela abolição total e immediata; outros, no intuito de salvar os interesses compromettidos e a paz social, formulam de outro modo a sua idéa, de maneira que se faça uma abolição lenta. Ninguem, em todo este vasto paiz, sustenta a idéa de conservar a instituição que a geração passada nos legou.

A ponderação do jornal carioca que ao primeiro momento parece ecoar um discurso progressista, soa, contudo, perversa ao recordarmos a reflexão de Reclus n'*O Brasil e a Colonização*, quando este afirma que a gradual extinção da escravidão só torna a vida dos escravos mais dura a cada novo limite imposto ao proprietário de escravos. Assim, ante a possibilidade de perder seus privilégios, o proprietário escravocrata aplicará rotinas e punições cada vez mais severas aos seus escravos. Assim, para Reclus, o otimismo e a boa vontade apontados pelos intelectuais do império em realizar a abolição da escravidão de modo gradual era pura ingenuidade.

Esta estrutura do império, sustentada sobre a grande propriedade e o trabalho escravo, tiravam todo o foco das demais demandas sociais que surgiam nas diferentes partes do império. O *Diario do Rio de Janeiro* afirma que Reclus “parece estar convencido de que o Brasil é apenas uma agglomeração de homens, sem laço algum de character nacional que os ligam entre si, e os faça aptos para os grandes commettimentos e os grandes sacrificios”. De fato, para o geógrafo o que garantia a unidade territorial do Brasil, era menos devida ao espirito nacional e muito mais a violência da estrutura política e econômica do império. Tal fato fica ainda mais evidente quando o jornal aponta a solidariedade do “povo brasileiro” com seu governo, afirmando que “Apezar do cansasso de uma guerra longa, e do luto com que se cobrem muitas famílias, o povo brasileiro não está disposto a recusar ao governo todos os recursos de que elle ainda carece para terminar a guerra com honra e lustre para as nossas armas.” Que opção tinha o “povo brasileiro” de não acatar as ordens e desejos

do governo e do exército imperial?

Frente a essa realidade, Reclus aponta a diferença existente entre a solidariedade popular brasileira e paraguaia. Esta parece ser uma afronta inaceitável para a imprensa brasileira, que se pergunta

como afirmar que é livre uma nação, sujeita ao mais singular de todos os governos conhecidos, educada por jesuitas e despotas, um povo diante de quem um prelado faz gravemente promessas de ressurreição na pátria para os soldados que morrerem no campo, e que as aceita como dogmas? Não, este povo não tem nem a liberdade de razão, nem liberdade política, nem liberdade de consciência. O valor com que combate o soldado paraguayo é o resultado da sua própria natureza, a sua pertinácia é efeito do terror. O chefe que ali domina exerce nelles a influencia de um longo despotismo, a que o povo se habituou como a um mal fatal.

O que mais curioso é que o *Diario do Rio de Janeiro*, órgão de divulgação da imprensa imperial, prefere fazer crer que é a república e não o império que possui um governo autoritário. E como prova de seu ponto conclama: “Basta viver entre nós, e examinar as nossas leis fundamentaes, para ficar convencido de que este paiz é sinceramente liberal e democratico”. Desta forma, ficava evidente que qualquer transformação nas bases da sociedade imperial não só sofreriam resistência política, militar e econômica, como também enfrentariam uma batalha com os jornais oficiais.

É contudo, em outros órgãos da imprensa que encontramos algumas aberturas, ainda que pontuais e a contragosto, em que se pode verificar os limites e os riscos em curso assumidos pelo governo ao manter a guerra. O *Diario de S. Paulo*, em sua edição de 29 de dezembro de 1866, destaca a alforria dos escravos com o intuito de compor as colunas do exército no fronte de batalha. Para o jornal paulista, tal prática, “como é intuitivo a qualquer homem de simples bom senso, desmoralisa o nosso exercito, e entrega a defesa da causa nacional no estrangeiro à estes escoimados de brio pela servidão e acostumados ao látego do senhorio.”

Esta medida do governo, desagradava profundamente aos articulistas paulistas e, levava-os a reivindicar ao governo imperial que encontrasse soluções para compor o frente de batalha “sem recorrer à medidas extravagantes, immoraes e anti-politicas”.

As críticas pontuais ao governo também apareceram nos jornais da capital do império. Logo após a publicação do jornal paulista, foi a vez do *Correio Mercantil*, em 23 de janeiro de 1868, demonstrar preocupação com a duração da guerra e os impactos econômicos negativos que esta estava trazendo para o país. Segundo o jornal:

A baixa rapida do cambio excitou na praça, como era muito natural, as mais vivas apprehensões, não só pelos interesses que ella teve de offender, como pela natureza das providencias que se tomariam do governo nas cousas do mundo commercial tanto aterrava a uns quanto julgavão outros indispensavel a intervenção da autoridade para neutralisar os planos dos agiotas; entendião estes que a atmospheria monetaria não podia ser purificada da peste da agiotagem sem alguns bons tiros de polvora do thesouro.

O Sr. Reclus, o *Scully* da *Revista dos Dous Mundos*, descreve o paiz nos paroxismos de uma bancarrota. O campeão disfarçado de Lopez exagera os factos com o mais incrivel desembaraço para bem servir os interesses do Paraguay, mas não será de certo contesta-lo o negar a verdade sabida de todos e que todos muito approximadamente presumirão, ainda que vivessemos em um paiz de plena publicidade. As consequencias logicamente deduzidas da própria natureza das cousas revelão-se por si mesmas ás intelligencias ainda menos esclarecidas.

Uma guerra de tres annos, cujos onus, talvez a única verdade de Reclus, têm principalmente pesado sobre o Brasil; uma guerra em tão longa distancia, travada em regiões inhospitas e desconhecidas, não se faz sem gravissimos sacrificios de sangue e de dinheiro.

Não era somente o Brasil que estava sofrendo com a longa duração da guerra, todos os países envolvidos no entrave bélico acumulavam dívidas e comprometiam grande parte de seus orçamentos e recursos para a manutenção do fronte de batalha.

Após analisar os conflitos da Guerra do Paraguai, em diferentes contextos, Reclus voltaria, em um último artigo dedicado ao tema na *RDM*³⁴, para analisar as mudanças políticas decorrentes do processo eleitoral em curso na Argentina. Seu artigo, *L'élection présidentielle de la Plata et la Guerre du Paraguay*³⁵, como comenta Alambert, já não apresentava mais o otimismo de outrora, frente aos sucessos dos fatos. O geógrafo francês estava mais cético e decepcionado, analisava os fatos em curso menos com o olhar de crítico social de outrora e mais como um jornalista engajado. Preocupando em descrever os horrores nos campos de batalha paraguaios não deixava de apontar a responsabilidade do governo imperial pelos fatos atroz.

Reclus aponta que a longa guerra forçava ao império começar a pensar em mudanças. Já começava a se admitir dentro das esferas oficiais, em especial nas pessoas de Felício dos Santos e Christiano Ottoni, membros da câmara dos deputados, que mudanças políticas deveriam ocorrer

34 Esta também seria a última contribuição do geógrafo a revista francesa.

35 RECLUS, Elisée. *L'élection présidentielle de la Plata et la Guerre du Paraguay*, in *Revue des Deux Mondes*, XXXVIIIe. année, 15 août, 1868, pp. 891-910

para tirar o Brasil da instável situação política e, principalmente, econômica que se encontrava, uma vez que o estado imperial gastava na Guerra “quase três vezes o que arrecada” por ano, agravando assim, ainda mais a tensão social.

Apesar dos apontamentos de Reclus, este último número não despertou a ira da imprensa brasileira. Esta passou apenas a emitir algumas notas pontuais para desqualificar a visão de Reclus frente a guerra, como foi o caso da *Revista Fluminense*, de setembro de 1869, que comentou a resposta dada por José Dias da Cruz Lima, ao artigo escrito sobre a participação do Brasil na Guerra do Paraguai³⁶. O jornal comenta:

Este Sr., cioso – como é todo o brasileiro – das glórias de sua patria, tomando sobre se a tarefa de responder ás arguições menos exactas exaradas em um artigo de M. Elysée Reclus, sobre a guerra do Brasil e do Paraguay; succinta, mas escrupolosamente põe em relevo tudo quanto se há dado em relação a este proposito, resalvando cuidadosamente a dignidade do Imperio em todo o seu procedimento.

Sendo o artigo controvertido da penna de tão habil escriptor, cujo nome está altamente collocado no mundo litterario, de merecidos louvores é digno o Sr. Cruz Lima, quando em sua resposta previne o espirito europeu em prol do Brasil, sem que para isso fosse mister apartar-se da verdade conhecida por tal.

Sendo o folheto publicado em francez puro e correcto, e quiçá destinado a ser mais lidona Europa que aqui, é da primeira intuição que elle vai tirar a venda dos olhos d'aquelles que, sem razão pausivel, abração as idéas de M. Elysée Reclus, tão desfavoráveis ao Brasil.

A análise de José Dias da Cruz Lima era, para o jornal fluminense, a resposta definitiva que a imprensa brasileira dava aos artigos de Reclus. Poucas e pontuais foram as menções dos jornais brasileiros as posições de Reclus frente a Guerra do Paraguai.

Não obstante, a atuação política de Reclus frente a questão imperial não se limitava a seus artigos publicados na *Revue des Deux Mondes*. Atento aos movimentos da *Sociedade Francesa contra a Escravidão*, que reivindicava desde 1886, ao Imperador do Brasil o fim imediato da escravidão ou a lei do “ventre libre”, Reclus passou a se envolver com os grupos anti-escravista que se organizavam na Europa e em especial na França.

Foi, provavelmente, na *Conferencia Anti-Escravista* realizada em Paris, pelo Comitê da Sociedade Anti-Escravista Britânica e Estrangeira, que Reclus deixou mais clara sua posição frente a escravidão no Brasil. A conferência realizada entre os dias 26 e 27 de agosto de 1867 contou com

36 Documento disponível online em: <http://nrs.harvard.edu/urn-3:FHCL:100547>

a participação de representantes e observadores de diversas partes da Europa e do mundo, como Cuba e Espanha, sendo a ausência mais sentida a de representantes brasileiros, uma vez que o governo imperial divulgava no exterior notícias de que estava trabalhando pela abolição da escravidão. Tal propaganda imperial encontrava eco entre diversos abolicionistas franceses – excluindo-se Reclus – que apoiavam aos escravocratas brasileiros por suas posturas “humanitárias” em relação aos seus escravos e por sua vontade de realizar um processo de transição pacífico da escravidão para o trabalho livre.

Tal argumento, muito combatido por Reclus em seus artigos da *Revue des Deux Mondes*, pareciam feitos sobre medida para impedir que o Brasil se tornasse o próximo alvo das ações da sociedade anti-escravista, após a derrota na Guerra de Secessão dos estados escravagistas do sul dos Estados Unidos. Compreendendo que o fim da guerra na América do Norte colocaria em evidência a perpetuação do modelo escravista por parte do Império brasileiro, o que faria deste o alvo natural dos combatentes da escravidão, o governo brasileiro tratou de criar esforços para convencer a comunidade europeia de que estava realizando todos os esforços possíveis para por fim de forma pacífica a escravidão.

A propaganda governamental se focava em difundir tais propostas em eventos de grande importância, como a Exposição Internacional de Paris de 1867. Para este evento, o governo enviou um texto para compor o catálogo oficial em que defendia tal tratamento humanitário ao qual eram submetidos os escravos no Brasil, nele o governo dizia: “Os escravos são tratados com humanidade e são em geral bem alojados e alimentados... O seu trabalho é hoje moderado... ao entardecer e às noites eles repousam, praticam a religião ou vários divertimentos”.

Reclus contudo, diferentemente daqueles que faziam eco a propaganda do império brasileiro na conferência, confrontava este argumento apresentado pelos defensores do governo brasileiro e insistia que esse mesmo discurso havia sido proferido pelos senhores de escravos do sul dos Estados Unidos, sem que, contudo, nenhum abolicionista desse crédito a tais palavras. Porque então o tratamento dado aos escravocratas estado-unidenses era tão diferente daquele dado aos brasileiros? Seria que acreditavam de fato no governo brasileiro? Ou seria o medo de verem eclodir mais uma guerra sangrenta como aquela ocorrida entre 1861 e 1865 nos Estados Unidos?

Para Reclus não importava, o geógrafo entendia que a escravidão não podia nunca ser humanitária e sob nenhuma circunstância poderia ser aceita, assim, encaminhou uma contra-resolução àquela apresentada por C. Quentin na conferência. A proposta de Reclus considerava a escravidão como uma instituição, principalmente porque sobre ela se apoiavam os principais setores

da economia do império, e exemplificava tal fato mostrando como o império se utilizava dos escravos, recrutando-os, de modo forçado, sendo negociados entre senhores de escravos e governo, como meras mercadorias, para compor os batalhões do exército no fronte de guerra paraguaio. Por conta disso, a escravidão brasileira deveria ser energeticamente combatida pela sociedade anti-escravista.

Conforme aponta Celia Maria Marinho de Azevedo em seu livro *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada: século XIX*, a proposta de Reclus não apresentada, debatida, ou ainda votada pelos demais participantes. Somente apareceu no *Relatório Especial*³⁷ da Conferência devido a incansável insistência de Reclus. A justificativa de Edouard Laboulaye, presidente da Conferência, para não apresentação da contra-resolução de Reclus foi a falta de tempo hábil. Contudo a própria declaração de Laboulaye evidencia seu desacordo com o conteúdo político da contra-resolução apresentada pelo geógrafo francês. Segundo as palavras do presidente:

O pouco tempo que nos resta para ouvirmos os relatórios sobre os Estados Unidos e Cuba, seriam gastos em discussões sobre se deveríamos incluir em nossas resoluções palavras mais ou menos desagradáveis para o Brasil. (LABOULAYE apud AZEVEDO, p. 65)

Constava ainda na contra-resolução apresentada por Reclus, que se celebrasse a Revolução do Haiti, assim como a memória daqueles que morreram lutando contra a escravidão, entre estes, Vincent Ogé e Jean Baptiste Chavannes de São Domingos, Louis Delgrés e Ignatius de Guadalupe, Nat Turner e John Brown dos Estados Unidos. Ao apresentar tal proposição, Reclus procurava induzir aos demais membros da conferência a adotarem posturas mais radicais contra a escravidão, o exemplos de tais revolucionários era aquele que deveria ser estimado a partir de então.

Azevedo aponta que, por fim, a resolução oficial optou por não fazer qualquer referência desagradável ao Brasil ou aos demais estados nacionais que ainda mantinham o regime de escravidão, preferindo, ao invés disso, direcionar seus esforços para buscar persuadir estes governos a por fim de modo pacífico e gradual a escravidão.

Qual teria sido o impacto sobre a opinião pública internacional e, especialmente a brasileira, se a contra-resolução, ao invés de ser abafada pela conferência tivesse sido adotada? Ou ainda, como teria sido a influência das ideias de Reclus no Brasil se os artigos publicados na *Revue des Deux Mondes* tivessem recebido outra recepção, por ao menos uma parte, da imprensa brasileira? A

37 *Special Report of the Anti-Slavery Conference, Held in Paris, in the Salle Herz, on the Twenty-Sixth and Twenty-Seventh August, 1867, Under the Presidency of Mons. Edouard Laboulaye* (Londres: The Committee of The British and Foreign Anti-Slavery Society)

resposta a estas perguntas é difícil de prever. Contudo, é fato que vozes dissidentes no Brasil, como a do ex-escravo brasileiro Luiz Gama (1830-1882), teriam encontrado eco e o respaldo de uma organização internacional para exigir de modo mais radical a abolição imediata e definitiva da escravidão.

2.4. *A Nouvelle Géographie Universelle (NGU)*

Os dois últimos anos da década de 1860 marcaram decisivamente a produção geográfica de Élisée Reclus. Se por um lado o escritor francês encerrava sua participação como colaborador na *Revue des Deux Mondes*, com o artigo *L'élection présidentielle de la Plata et la Guerre du Paraguay*, por outro publicou, nos dois últimos anos da década, *La Terre, description des phénomènes de la vie du globe*³⁸ que seria considerada sua primeira grande obra.

O próprio Reclus entendia esta obra como grandiosa. Planejada meticulosamente por quinze anos, desde a época em que vivia na Irlanda, Reclus desejava através dela poder “relatar os fenômenos da terra”. Tendo traçado o esboço inicial do projeto, Reclus passou os anos seguintes trabalhando ao mesmo tempo em seus diversos empreendimentos pessoais – tanto nas Américas quanto na Europa –, na publicação de seus artigos científicos, bem como, no levantamento de dados e materiais para a publicação desta obra. O método de pesquisa de Reclus é explicitado no prefácio do livro, quando este afirma que

“Não é unicamente aos livros, mas a terra mesma a que me dirigi para obter o conhecimento da terra. Depois de longas pesquisas entre o pó das bibliotecas, voltava sempre a grande fonte e reanimava meu espírito no estudo dos fenômenos mesmos. As curvas de um riachozinho, os grãos de areia da duna, as conchas da praia, não me ensinaram menos que os meandros dos grandes rios, os poderosos cimentos dos montes e também a superfície imensa do oceano.

E não é tudo. Posso dizer com o sentimento de dever cumprido que para conservar a nitidez de meu ponto de vista e com a honestidade de meu pensamento, percorri o mundo como um homem livre, contemplei a natureza com um olhar sincero e orgulhoso, recordando que a antiga Freya era ao mesmo tempo a deusa da terra e a da liberdade.”

A recepção a tal obra, recebida com entusiasmo pela intelectualidade francesa, não despertou

38 A tradução inédita do prefácio em português se encontra na íntegra no anexo 5 deste trabalho.

o mesmo interesse por parte da elite brasileira. Com a desgastada imagem que Reclus havia adquirido após quase uma década de embates com a intelectualidade brasileira, os jornais se limitaram, entre os últimos anos da década de 1860 e os primeiros da década seguinte, a reforçar suas posições contrárias as de Reclus sobre a Guerra do Paraguai, exceção feita, quando os jornais *O Publicador* (Cidade da Paraíba/PB), *Jornal de Recife* (Recife/PE) e *Diario de Belem* (Belém/PA) noticiaram em suas páginas o falecimento de Clarisse, primeira esposa de Reclus, dias após seu falecimento na França³⁹. A notícia, traduzida do jornal francês *La Morale Independante* erroneamente apontava Clarisse como sendo brasileira, talvez por este motivo, o fato tenha repercutido entre alguns jornais brasileiros. A nota dos jornais, traduzida da original em francês, se referia a Reclus como o “sabio e sympathico autor da Terra, discripções dos phenomenos da vida do globo” de que demos noticia em nosso ultimo numero”. Tal apontamento só reforça a pobre recepção que a obra do geógrafo francês teve no Brasil após sua publicação.

Cabe notar que apesar da ausência de análises, *La Terre* já começava a circular entre alguns grupos de intelectuais brasileiros. Segundo o *Relatorio dos trabalhos do Conselho Interino de Governo*, de Salvador, publicado em 6 de março de 1870, a Biblioteca pública da Bahia havia adquirido em janeiro daquele ano a obra de Reclus para integrar a Seção de Ciências Naturais da Biblioteca.

Não obstante, se os intelectuais e publicistas brasileiros se limitavam a noticiar de forma pontual aos artigos de Élisée Reclus, em especial após o fim da guerra do Paraguai em março de 1870, o próprio Reclus havia mudado o foco de seu trabalho e concentrava seus esforços no Velho Mundo. Os eventos em curso na Europa no início do ano de 1870, especialmente aqueles motivados pelo desejo de Napoleão III em iniciar uma guerra com a Prússia, mobilizava Reclus e uma parte dos socialistas membros da *Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)*, como analisa Ferretti em seu artigo a *Comuna de París y los orígenes del pensamiento anarquista: la experiencia de los hermanos Reclus*, a assumir uma posição pública contra a iminente guerra.

Contudo, a pesar dos esforços empreendidos, a Guerra Franco-Prussiana se deflagrou em 19 de julho de 1870. Assim, Élisée, juntamente com seu irmão Élie e outros socialistas franceses se alistam a Guarda Nacional para combater o exército prussiano. Com a queda do império francês em janeiro de 1871 e a iminente derrota para os prussianos, comitês de defesa são organizados em diversas cidades francesas. Os irmãos Reclus, situados em Paris, começam a publicar em conjunto com outros militantes da *AIT* o jornal semanal *La République des Travailleurs*, no qual defendiam

39 O primeiro a publicar a notícia foi *O Publicador* em 1º de março de 1869, exatamente 1 semana após a morte de Clarisse.

que “os Trabalhadores montarão guarda para defender o direito popular [...]. Temos que defender a República da Liberdade, temos que fundar a República da Igualdade”. (FERRETTI, p.10)

A insustentável situação francesa frente a guerra levou a população de Paris a tomar o controle das armas e declarar em 26 de março de 1871 a Comuna de Paris. Élisée e Élie assumiram distintas funções durante a Comuna. Élisée se alistou ao Corpo de Observadores, coordenado por seu amigo fotógrafo e jornalista Gaspard-Félix Tournachon, conhecido por Nadar, no qual trabalhavam monitorando – alçados por balões – o movimento das tropas inimigas no entorno de Paris, enquanto Élie havia sido encarregado para dirigir a Biblioteca Nacional da França. A Comuna de Paris após mais de dois meses de resistência começou a sucumbir no final de maio. A semana sangrenta (entre 21 e 28 de maio) parecia por fim a esperança dos socialistas em construir uma sociedade nova, milhares de pessoas haviam sido assassinadas ou deportadas para a Nova Caledônia, este também teria sido o destino de Reclus caso a comunidade científica internacional não tivesse se pronunciado em sua defesa. Comutada sua pena para dez anos de exílio da França, Reclus passou a morar na Suíça, país que naquele momento acolhia grande parte dos socialistas perseguidos por seus governos, como entre outros Piotr Kropotkin, e onde Élisée passou a trabalhar na escrita de sua nova obra, a *Nouvelle Géographie Universelle* (1876-1894).

É o jornal *A Nação* (Rio de Janeiro) o primeiro a noticiar os trabalhos de Reclus no exílio na Suíça. Em uma tradução de uma artigo publicado originalmente no jornal *Liberté*, de Paris, o jornal carioca, de 10 de novembro de 1875, informa:

Courbet e Eliseo Réclus vivem também em Vevey. [...] Réclus dedica-se com uma irmã e uma filha a compôr sua *Geographia universal*, cujo primeiro tomo já appareceu. Um gravador e ex-chefe de federados chamado Rigollot, amigo de Réclus, é quem lhe grava, segundo o plano e esboço d'este, os mappas que devem enriquecer a obra.

Esta primeira divulgação da mais recente obra de Reclus seria complementada meses depois quando o jornal *O Globo*, outra publicação da capital do império, traduziu e publicou em 17 de março de 1876 uma extensa apresentação da *Geographia Universal* a partir da original na “Revista Chilena”. Dialogando e incorporando uma série de elementos que Reclus apresentava no prefácio⁴⁰ à obra, o artigo publicado n'*O Globo* buscava ao mesmo tempo apresentar a história pessoal do autor e as contribuições científicas que tal obra trazia.

Para o artigo, a ciência geográfica passava por intensos processos de modificação e

40 A tradução inédita do prefácio em português se encontra na íntegra no anexo 6 deste trabalho.

ampliação, uma vez que os trabalhos realizados por viajantes e escritores ao redor do mundo, aportavam novos conhecimentos à ciência, fazendo com que obras gerais, como as de Balbi e de Malte-Brun, estivessem rapidamente defasadas em seus dados e informações. Por conta disso, era “indispensável encerte-se um novo trabalho; sua magnitude, porém, desanimára a muitos homens distintos.” Reclus contudo, entendia que este trabalho monumental complementaria aquele iniciado por ele na *La Terre*. Segundo suas próprias palavras:

“no livro *A Terra*, que é de certo modo o prólogo desta obra, procurei descrever todos os movimentos gerais que se produzem na superfície do globo; agora se trata de segui-lo em seus detalhes através dos continentes e dos mares.”

Além do mais, Reclus sabia que não poderia empreender tal obra sozinho. Apesar de já haver percorrido, desde sua infância, diferentes partes da Europa e das Américas, em especial a Alemanha, Inglaterra, Irlanda, Estados Unidos da América e a Colômbia (então Nova Granada), fosse como um estudante explorador ou como um desterrado, como bem apontava o artigo d'*O Globo*, Reclus tinha consciência de que não poderia realizar tal obra sozinho. Segundo ele relata,

Minha maior ambição seria poder descrever todas as regiões da Terra e apresentá-las ao olhar do leitor como se houvesse podido percorrê-las pessoalmente e contemplá-las sob seus diversos aspectos; mas em relação ao homem isolado à Terra quase não tem limites, e só com o auxílio dos viajantes que se pode fazer surgir a infinita sucessão dos espetáculos da natureza. Procurei, contudo, não me deixar guiar cegamente, comprovando com incessantes leituras as descrições e os relatos. Antes de reproduzir as palavras, me esforcei para analisá-las com cuidado; fiz reviver a natureza ao meu redor.

Reclus desta forma buscava assegurar-se de que, diferentemente do que ocorreu com seus artigos para a *Revue des Deux Mondes* – quando foi acusado pela imprensa do império brasileiro de cegueira e complacência com os relatos de viajantes “mal-intencionados” – trabalharia para analisar de modo cuidadoso suas fontes, comparando-as a de outros autores, afim de evitar seguir cegamente aos relatos e descrições. O jornal carioca aponta o esforço e rigor metodológicos que o geógrafo buscava apresentar em sua obra.

O Sr. Reclus era o primeiro a reconhecer as dificuldades imensas que oferecia a confecção de uma obra dessa natureza, de modo a tornar-se um conjunto tão completo

quanto exacto das noticias concernentes à geographia de todos os paizes do globo. Elle próprio exprimio seus receios ao encetar esse commettimento com a maior modestia: “Seria impossivel actualmente, disse elle, apresentar uma descripção completa da terra e dos homens. Esse trabalho está reservado à collaboração futura de observadores que de todos os pontos da terra associar-se-ão para redigir o grande livro dos conhecimentos humanos.

O trabalhador do presente não póde mais que aventurar a composição de um quadro succinto, empenhando-se em observar as regras de perspectiva, o saber, dar aos diversos paizes planos tanto mais ao alcance do observador quanto mais consideravel for a sua importância e mais intimo o conhecimento que delle tivermos.”

É para ter relatos mais confiáveis e diretos que Reclus começou a criar uma rede de contatos para lhe apoiar na realização da *NGU*. Estudiosos como Federico Ferretti, David Ramirez Palacios e outros pesquisadores desenvolvem suas pesquisas recentes abordando diretamente como ocorreu este processo de constituição das redes e das formas de solidariedade articuladas entre Reclus e seus colaboradores. A pesquisa de Ferretti, realizada em 2011, sob o título *L’Occident d’Élisée Reclus, l’invention de l’Europe dans la Nouvelle Géographie Universelle (1876-1894)*, talvez seja até o presente momento, o levantamento mais detalhado dessa rede de solidariedade reclusiana.

Reclus sabia contudo que, apesar de todos os esforços empreendidos, não seria possível que a Geografia universal não incorresse em equívocos e erros. Assim, o francês adverte ao leitor de sua obra:

Infelizmente minha obra não ficará isenta de erros por maior que seja o esmero com que a preparei e a escrevi. Aqueles devidos as transformações incessantes da natureza e da humanidade, em vão trataria de evitá-los; e neste ponto não tenho necessidade de pedir desculpas, porque não tenho a pretensão de antecipar-me ao tempo. Mas prevejo outros erros que virão, ora da imperfeição dos trabalhos de meus predecessores, ora, e isso é mais grave, de algum preconceito que eu mesmo não alcancei todavia me libertar. Desde agora peço indulgência a meus leitores. Ao menos, posso lhes oferecer escrupulosa atenção no trabalho, retitude nos julgamentos, constante respeito a verdade. Isto é o que me permite me dirigir a eles cheio de confiança, os convidando a estudar comigo esta Terra benevolente que a todos nos sustenta e sobre sua face seria tão bonito viver como irmãos.

Apesar da certeza do erro declarada por Reclus no prefácio da obra, é àquelas inovações propostas pelo geógrafo francês que o jornal carioca busca enfatizar.

O Sr. Reclus pôde dar com muito methodo e grande arte noções sobre historia, theologia,

climatologia, productos animaes e vegetaes, o commercio, a industria, o estado social, intellectual e moral dos povos, e conjunctamente o aspecto pittoresco dos lugares.

Estas noções não são coordenadas em fórmula de aridas classificações como sóem vêr nos tratados de geographia, mas expostas de uma maneira amena e interessante.

As indicações que fornece ácerca do estado moral dos povos, revelam muita sagacidade de observação; não se julgue porém, que o Sr. Reclus, ao incluir em sua obra noções desta ordem, dê aos agente physicos uma influencia decisiva para explicar a historia humana, como fazem sythematicamente alguns grandes pensadores de nosso seculo. Longe disso o autor.

Attribue um papel importantissimo a livre actividade do homem, que consegue agentes novos.

“Si a geographia propriamente dita se occupa somente de fórmula e de superficie do planeta, são palavras suas, nos expõe o estado passivo dos povos em sua historia de outros tempos, em compensação a geographia historica e estatistica mostra-nos os homens em seu papel activo e progredindo pelo trabalho no meio que os cerca. Tal rio que para uma tribu ignorante de civilização era uma barreira insuperavel, transforma-se em via commercial para um tribo mais culta, e mais tarde se transformará quiçá em um simples canal de irrigação cuja marcha o homem regulará ao seu grado.”

De fato, não era o intuito de Reclus resgatar da agonia a geografia convencional, que se estruturava a partir de uma infindável enumeração de longitudes e latitudes, nomes de cidades, aldeias, divisões políticas e administrativas. Tais informações teriam somente um papel secundário em sua obra. O desejo de Reclus era de que sua *Geografia* pudesse apresentar a história das diversas regiões e povos da Terra aos olhos dos leitores de modo vivo e intenso, como se estes mesmos tivessem podido percorrer estes cantos do mundo pessoalmente e ver por si próprios as incessantes mudanças que ocorriam na natureza.

Se contudo a simples enumeração das informações estatísticas não interessavam a Reclus, ao transformá-las em mapas, o geógrafo – como aponto *O Globo* –,

procura mais a clareza do que o ornato, e sabe ser pittoresco, guardando certa sobriedade de atavios no estylo.

Esta obra recommenda-se, além do mais, pela elegancia da edição e pela belleza e utilidade das cartas. Não formam ellas propriamente um atlas de geographia, comquanto algumas sejam verdadeiros mappas independentes do texto; o maior numero, porém, compõe-se de pequenas gravuras, que contêm certas particularidades ou uma porção reduzida de um paiz. Tambem não faltam vistas das localidades, recommendando-se as que produzem certas ruinas da Grecia. O mappa que explica a distribuição das raças que

povoam a Europa é tão notável pela exactidão e claresa do desenho como pelos esclarecimentos que dá sobre o facto que representa.

Como aponta Miyahiro, a produção das imagens e mapas contidos na *NGU*, eram fruto do trabalho de cartógrafos, desenhistas, gravadores, compositores, corretores e gráficos, sendo impossível uma obra tão vasta – com mais de 4000 cartas – haver sido realizada sem o esforço coletivo de uma ampla rede de colaboradores. Miyahiro destaca, em sua pesquisa *O Brasil de Élisée Reclus: território e sociedade em fins de século XIX*, o papel central que teve Charles Peron na produção dos mapas da obra (MIYAHIRO, p.79). Cabe a Reclus ainda dimensionar a importância que os mapas e gravuras, produzidos por seus colaboradores, tinham em sua obra.

Enquanto os mapas gerais tem por objeto facilitar aos que os estudam todos os dados que se referem a configuração do solo e a posição dos mares, as gravuras e os desenhos da *Nova Geografia Universal* estão destinados unicamente a colocar em relevo os fenômenos descritos no texto; conservando as condições essenciais de exatidão e precisão, não atenderão aos detalhes secundários. Longe de substituir esses atlas, meus mapas não servem senão para comentá-los, explicando seu sentido íntimo relativamente aos fenômenos da natureza e aos acontecimentos da história.

Desta forma, como bem apresenta o geógrafo francês, os mapas e a iconografia não aparecia em seus estudos como elementos soltos ou descontextualizados. Eram, antes de tudo, importantes ferramentas para auxiliar o leitor em seu processo de compreensão dos fatos históricos e naturais que Reclus apresentava ao longo de seu texto.

A publicação da *Nouvelle Géographie Universelle* seria então um marco na recepção dos escritos de Reclus no Brasil. Se até meados da década de 1870 – ano em que *O Globo* dedicou a primeira crítica publicada no Brasil a *NGU* – as quase 50 referências feitas a Reclus nos jornais brasileiros tinham recebido duras críticas e reprovações por parte da imprensa e dos intelectuais de todo o Brasil, é a publicação da *Geografia Universal* e o entusiasmo da imprensa internacional pelo monumental trabalho do geógrafo francês que começam a mobilizar positivamente a crítica dos jornais brasileiros em torno do nome de Reclus.

3. Um geógrafo esquecido? (1875-1970)

A *Nouvelle Géographie Universelle* havia transformado definitivamente a relação da imprensa brasileira com o trabalho de Élisée Reclus. Os mesmos órgãos de imprensa que no passado haviam utilizado suas páginas para desqualificar e repudiar os escritos do geógrafo francês passavam então a reconhecê-lo e reivindicá-lo como um importante geógrafo, abrindo cada vez mais espaço para comentários e notas sobre sua vida e obras.

Para se ter uma ideia da enorme mudança ocorrida nos periódicos brasileiros em relação a Reclus após a publicação da *NGU*, realizamos um levantamento das menções feitas ao geógrafo francês na página da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil. A página online da Hemeroteca possui uma ferramenta de busca de palavras-chave, que nos possibilitou levantar em todos os jornais digitalizados, contidos na base de dados, que continham em suas páginas a palavra: Reclus.

Entre os anos de 1862 e 1875 encontramos, nos jornais disponíveis na Hemeroteca, 57 menções a Élisée Reclus, sendo estas em sua grande parte, como pudemos analisar no capítulo anterior, dedicadas aos escritos de Reclus a *Revue des Deux Mondes*. Após a publicação da *Nouvelle Géographie Universelle*, encontramos, entre os anos de 1876 até 1909, 552 referências a Reclus nos jornais, sendo 136 destas diretamente relacionadas à *NGU*. O interesse da imprensa brasileira ainda recaía sobre temas diversos que envolviam a Reclus. Em nosso levantamento encontramos notícias que tratavam de temas como: Anarquismo; Comuna de Paris; Casamento livre; Questão racial; Exílio; Censura; Socialismo; Morte de parentes; Deriva continental; Imigração chinesa; Vegetarianismo; Botânica; Viagem de balão; O Grande globo; Fronteiras nacionais; Ciência; Feminismo; Economia; Esperanto; O Homem e a Terra e, também, notícias da morte de Élie Reclus em 1904 e Élisée em 1905.

Com os dados levantados foi possível organizar um tabela detalhada sobre as referências a Élisée Reclus nos jornais brasileiros, levando em consideração as cidades das publicações e as décadas em que foram publicadas. Neste tabela optamos por excluir as 6 publicações que foram realizadas fora dos limites territoriais brasileiros, mais especificamente nos Estados Unidos, França e Paraguai.

Tabela 1: Referencias a Élisée Reclus em Jornais Brasileiros, por municípios, entre 1862-1909

Cidade	1860	1870	1880	1890	1900	Nº Publicações	%
Aracajú - SE				2		2	0,4
Barbacena - MG				1		1	0,2
Belém - PA	3	1	3	20		27	4,5
Belo Horizonte - MG					2	2	0,4
Cachoeiro de Itapemirim - ES				2		2	0,4
Cambuci - RJ				1		1	0,2
Campos - RJ				2		2	0,4
Corumbá - MS					1	1	0,2
Cruzeiro do Sul - AC					3	3	0,5
Cuiabá - MT				1	2	3	0,5
Curitiba - PR				3	28	31	5
Florianópolis - SC			1	1	1	3	0,5
Fortaleza - CE	6		1	5	1	13	2,1
Goiás - GO			1			1	0,2
João Pessoa - PB	2					2	0,4
Juiz de Fora - MG				3	8	11	1,8
Maceió - AL					2	2	0,4
Manaus - AM				1	4	5	0,8
Natal - RN					4	4	0,6
Niterói - RJ	1		1	2	1	5	0,8
Ouro Preto - MG	3		3	15		21	3,5
Petrópolis - RJ			2	4	2	8	1,3
Porto Alegre - RS			2	6	4	12	2
Recife - PE	7	1	8	24	34	74	12,3
Rio de Janeiro - RJ	14	25	31	87	96	253	42
Rio Grande - RS				3		3	0,5
Salvador - BA		1		1		2	0,4
Santos - SP				1		1	0,2
São Luiz - MA	1		7	10	13	31	5
São Paulo - SP	1	3	5	29	29	67	11,1
Sobral - CE					1	1	0,2
Teófilo Otoni - MG				1		1	0,2
Vitória - ES	2		2	1	2	7	1
TOTAL	40	31	67	226	238	602	100

Fonte: Biblioteca Nacional - Org.: G. H. F. C.

Este levantamento realizado nos periódicos brasileiros demonstra como, diferentemente do apresentado por alguns historiadores da geografia brasileira, Élisée Reclus não somente era lido na Europa, como suas ideias tinham ampla difusão em território brasileiro. Tais dados, contradizem a

pesquisadores de renome como Antonio Carlos Robert Moraes, que, em sua obra *Geografia: Pequena História Crítica*, apontava erroneamente que, as obras de Reclus,

Geografia Universal, publicada em dezenove volumes, e *A Terra e o homem*, em quatro volumes, foram pouco revolucionárias em termos de método e de propostas. Além do mais, Reclus viveu grande parte de sua vida exilado, tendo assim pouca influência na evolução da Geografia francesa. (MORAES, 1983. p.68)

3.1. Um novo olhar da imprensa brasileira (1875-1905)

Retornemos a análise dos jornais. O caso mais simbólico dentre aqueles ocorridos em relação a recepção das ideias de Reclus pela imprensa brasileira talvez tenha sido aquele do *Diário de Pernambuco*. O jornal, que em 1862 inaugurou os embates com Reclus, afirmando na época ser necessário ao leitor “duvidar do bom resultado do seu estudo e da justeza das suas apreciações”, passou, quase duas décadas depois, em 1881, a apresentar em suas páginas uma generosa crítica à *Nouvelle Géographie Universelle*. O artigo publicado em três partes⁴¹ intitulado *Nova geographia universal por M. Elisée Reclus*, reproduzia em suas colunas o texto de Guillaume Depping, publicado originalmente no periódico *Journal Officiel*.

Depping, geógrafo e historiador, membro – assim como Reclus – da Sociedade de Geografia de Paris, analisa minuciosamente em seu artigo as contribuições que seu conterrâneo apresentava nos 6 volumes da *NGU* que haviam sido publicados até então.

Para Depping, a obra de Reclus superava o livro *O compendio de geographia universal* de Malte-Brun⁴², que era considerada por muitos um dos principais estudos produzidos por geógrafos franceses.

“Para erguer um monumento imperecível á geographia e fixar o estado em que ella se achava no primeiro quartel do XIX século, Maltebrun devera ter chamado para coadjuval-o collaboradores, a cada um dos quaes confiasse um ramo da sciencia, reservando para si o cuidado de tratar das generalidades e descrever os paizes que conhecia melhor. Mas elle quis carregar sozinho com o peso do universo, sob o qual a antiguidade nos diz que dobrava-se o poderoso Atlas.”

41 Nas edições de 21, 22 e 26 de outubro de 1881.

42 Nascido na Dinamarca, Malte-Brun assume a nacionalidade francesa após seu exílio.

São as palavras de um dos biographos de Maltebrun, a proposito da sua obra mais importante *O compendio de geographia universal*, que renovou ou antes que fundou verdadeiramente o estudo de geographia em França.

Indenticas palavras poderiam applicar-se a M. Elisée Reclus pela obra considerável que empreendeu sozinho, e que mais feliz do que o seu antecessor, poderá sem duvida ser levada ao cabo, comquanto a sua tarefa seja mais larga e por conseguinte mais laboriosa e difficil.

Ainda que a monumental obra devesse muito a clareza do projeto e a qualidade da escrita de Reclus, tal obra longe de ser fruto de um trabalho solitário, como afirmava Depping. O trabalho de Reclus se constituía como uma obra coletiva, fruto de uma rede de colaboradores que auxiliavam no desenvolvimento de cada um dos volumes. Esta rede de colaboradores contudo, não era composta somente por pesquisadores e cientistas, a ela se integravam também militantes anarquistas com os quais Reclus vinha estabelecendo relações desde seu envolvimento com a *Associação Internacional dos Trabalhadores*, quando conheceu Charles Perron (1837-1909) e James Guillaume (1844-1916). O primeiro, como já apontamos anteriormente, cartógrafo de profissão, seria responsável por desenvolver os mapas da *Nouvelle Géographie Universelle*, o segundo, historiador, formaria junto com os geógrafos Piotr Kropotkin (1842-1921), León Metchnikoff (1838-1888) e Michel Dragomanov (1841-1895) parte desta enorme rede de colaboradores.

Recentemente, Ferretti e Pelletier publicaram uma representação da estrutura da rede de trabalhos da *Nouvelle Géographie Universelle*. O Gráfico Pajek (abaixo) mostra a relação entre os colaboradores e a dimensão dos círculos mostra aproximadamente a importância relativa da correspondência trocada por cada um destes. (FERRETTI e PELLETIER, 2013)

Gráfico 1: Gráfico Pajek das redes reclusianas durante o exílio na Suíça (1872-1890)

Fonte: FERRETTI; PELLETIER, 2013.

O mérito inegável que Depping atribui a Reclus está diretamente ligado ao seu “estilo elegante [que] presta muitos encantos à sciencia”. Para ele, o mérito do estilo apresentado por Reclus está na forma como este apresenta as diferentes realidades da Terra.

É impossível, conceber-se, passar em revista, em um simples artigo, todas as partes de um livro tão considerável; o que se póde fazer é procurar dar uma Idea geral do plano seguido pelo autor, apoiando-se em alguns exemplos.

Habitualmente o autor procede assim: começa por um bosquejo geral do paiz que vai descrever.

Nesse bosquejo, estabelece fortes e solidas bases; traça de um modo muitas vezes tocante, o todo do território de que se trata, apoiando-se na geologia, e da configuração do solo deduz consequências ethnologicas e históricas.

[...]

A sua geographia é sabia e não elemental: geographia vista do alto, mas vista e explicada por um espírito eminentemente scientifico. Todavia, elle sabe, sempre que se faz

mister, entrar no vivo e apresentar a physionomia de uma cidade, de uma localidade.

[...]

A geographia é pois obrigada a recorrer ás narrações dos exploradores e dos viajantes; e feliz é aquelle a quem o conhecimento das línguas estrangeiras permite abordar os textos sem intermediário como acontece a M. Reclus.

É o movimento da análise de Reclus, que transita por descrições de paisagens, dramas sociais nas cidades e iconografias de “diversos objectos, por algumas construcções, por ossadas e craneos” utilizados para narrar a história dos povos – além dos rigorosos critérios científicos adotados – que levam Depping a destacar tal obra, frente a dos demais geógrafos de sua época.

Os demais jornais e os órgãos científicos brasileiros também estavam atentos aos escritos de Reclus. Como noticia o *Jornal do Commercio*, em sua coluna dedicada aos acontecimentos do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB), no dia 5 de novembro de 1885, uma das preocupações entre os membros associados ao Instituto era o que seria escrito sobre o Brasil nas páginas da *NGU*. Por conta disso, apresentaram, em sua reunião mensal, a proposta de enviar de informações e dados atualizados do império brasileiro ao geógrafo francês, a fim de subsidiar os futuros trabalhos do autor sobre o Brasil para as páginas da *NGU*. Conforme apresentado na ata da reunião:

Propõe, o Sr. 1º secretario que se subministrem a Mr. Elysée Réclus, autor da *Geographie Universelle*, trabalhos escriptos em francez, onde possa colher informações e dados exactos ácerca do Imperio do Brazil aproveitaveis para os trabalhos geographicos que tem em mão.

Não eram somente os intelectuais brasileiros que se preocupavam com as impressões e análises que o geógrafo francês deixaria impressa nas páginas de sua monumental obra sobre seu país. A comunidade científica portuguesa, atenta à importância internacional que a obra de Reclus ganhava, não mediu esforços para recepcioná-lo da melhor maneira possível. É o *Diario de Pernambuco*, novamente, o primeiro jornal brasileiro a noticiar a passagem de Reclus por Portugal, que em sua edição de 13 de março de 1886, reproduz a mensagem de seu correspondente em Lisboa redigida um mês antes:

Está em Lisboa o celebre geographo Élisée Reclus, vindo de Argelia. Anda em viagem pelo sul da Europa e norte da Africa, a recolher apontamentos para a quarta edição da sua *Geographia Universal*. O illustre viajante esteve há poucos dias na Sociedade de

Geographia onde se demorou conversando com o secretario perpetuo da mesma Sociedade o Sr. Luciano Cordeiro, que offereceu um gabinete na casa da Sociedade para o sabio geographo trabalhar.

Este aceitou o offerecimento e vai alli recolher os seus estudos relativos a Portugal. O Sr. Élisée Reclus está hospedado no *Hotel de France* e conta demorar-se 8 dias em Lisboa.

É o jornal *A Vanguarda*, da capital do império, que traz em suas páginas em 30 de abril, uma noticia mais detalhada da passagem de Reclus por Portugal. Reproduzindo a matéria publicada pelo *Commercio Portugez* no dia 11 do mesmo mês, o jornal carioca aponta que um dos motivos da passagem do geógrafo francês pela capital portuguesa era levantar dados para corrigir alguns equívocos apresentados nos primeiros volumes da *NGU* sobre Portugal:

Annunciou-nos há dias o telegrapho que, vindo da Argelia, chegará a Lisboa este notavel geographo, que anda fazendo uma viagem pelo sul da Europa e norte d'Africa, afim de corrigir varias asserções erroneas que avançára, principalmente ácerca do nosso paiz, nas tres primeiras edições da sua *Geographia Universal*.

Tal fato corrobora o compromisso assumido por Reclus no prefácio da obra. Sabedor dos riscos que apresentavam escrever uma obra tão extensa e ao mesmo tempo tão detalhada, Reclus buscava ao longo das reimpressões dos volumes corrigir dados e informações que haviam aparecido de forma errônea em números anteriores.

Os erros comentados pelo jornal português já haviam sido noticiados pela imprensa brasileira uma década antes. O *Jornal de Recife*⁴³ divulgava a mensagem de seu correspondente em Lisboa sobre a deliberação dos membros da *Sociedade Geographica de Lisboa* (SGL), em 1876, sobre “os enormes erros que a respeito de Portugal se encontram na *Geographia Universal* que está publicando em França”. No ano seguinte a sociedade geográfica portuguesa voltaria a reafirmar

a necessidade de corrigir os erros, que a respeito de Portugal se encontrarão na geographia do sr. Élisée Reclus, declarando o sr. Luciano Cordeiro, secretario da sociedade, que o sr. Marquez de Sousa Holstein, emprehendéra um trabalho, que importa a refutação plena das asserções temerarias do sr. Reclus (*Jornal do Commercio*, 25 de maio de 1877).

A preocupação da *SGL* parecia sido então resolvida com a visita de Reclus a Portugal com o

43 Edição publicada em 30 de julho de 1876.

acesso deste a novas fontes e documentações fornecidas pelo secretário da sociedade Luciano Cordeiro. O artigo d'A *Vanguarda* descreve ainda a passagem do notável geógrafo por Portugal assim:

Réclus é um homem baixo, de barba grisalha, cortada *en pointe*, olhar fino e penetrante, bom cavaqueador, cheio de anedoctas e de informações curiosas. Mostra-se agradavelmente surprehendido com o aspecto de Lisboa e da sua população que, como dizemos acima, julgava quasi toda mestiça. E ficou muito espantado de não vêr essa pretalhada. As peixeiras, as varinas é que o encantaram, no rapido passeio que deu pela cidade. Achou-lhe um bello typo, muito semelhante ao das mulheres do sul da França, na parte em que há grande mistura com população vasconça.

O interesse dos jornais já a algum tempo extrapolavam aquele exclusivamente científico. Noticias sobre sua vida pessoal e política rendiam comentários e notícias da imprensa brasileira⁴⁴. Os correspondentes portugueses passaram a relatar no ano seguinte a visita de Reclus a Portugal que este havia participado também, em sua passagem por Lisboa e pelo Porto, de reuniões com militantes anarquistas do país, reforçando assim a análise de Ferretti sobre a rede de cientistas e militantes articulado pelo geógrafo francês ao longo da produção da *NGU*. É o jornal *O Liberal do Pará*, de 28 de fevereiro de 1888 que traz a notícia de Portugal:

Quando aqui estive o grande geographo Elyseu Réclus, um dos chefes do partido anarchista francez, por duas vezes visitou a [João Antonio] Cardoso, o que parece demonstrar que elle se acha em relação directa com os centros anarchistas lá de fóra. Parece que em Portugal a séde do centro é no Porto onde se publica a Revolução Social, que é o seu órgão.

A descoberta da relação de Reclus com João Antonio Cardoso se deu após a prisão deste último no começo de 1888. Considerado pelo jornal *A Epoca*⁴⁵, como o “chefe dos anarchistas de Lisboa” Cardoso havia sido preso no início daquele ano por fazer propaganda anarquista. O temor dos governos e da imprensa com o crescimento do movimento anarquista em diversas partes do mundo pareciam não diminuir o interesse e admiração que estes tinham pelo trabalho de Élisée Reclus. Este prestígio, pelo contrário, só aumentaria no começo da década seguinte, quando, em 1891, Reclus foi premiado por suas obras *La Terre* e *Nouvelle Géographie Universelle* pela

44 Como pudemos verificar nas edições do *Diario de Pernambuco* (28/11/82), *Jornal do Commercio* (01/12/82) e *Gazeta do Norte* (28/12/82), que abordaram a questão do casamento livre das duas filhas de Reclus.

45 Edição de 2 de março de 1888.

Academia Francesa. A notícia logo repercutiu nas páginas da imprensa brasileira aparecendo em 5 de julho daquele ano no jornal *Correio Paulistano*. O jornal paulistano assim noticia o fato:

Os jornaes de Paris affirmam que o premio biennial de 200 mil francos concedidos pela Academia Franceza, cabe este anno a Mr. Elisée Reclus, autor da importante obra *A Terra* e da *Nova Geografia Universal*.

O reconhecimento e a expressiva soma de dinheiro que Reclus havia ganho com a premiação foram compartilhados com seus demais companheiros. É o jornal *A Federação* que noticia a solidariedade de Reclus ao apoiar financeiramente a um companheiro anarquista que residia em Londres que havia sido preso e necessitava de recursos financeiros para que este tivesse um julgamento justo, conforme noticiado em 24 de janeiro de 1893:

O auctor ou supposto auctor da explosão do restaurant Verry, em Paris, o anarchista francez refugiado n'esta capital, o sr. Francis, vai proximamente ser julgado no tribunal o Banco da Rainha. Para poder ser julgado diante d'esta jurisdicção superior, teve de reunir a somma, relativamente elevada, de 30 libras esterlinas, o que arranjou por meio de uma subscrição feita entre todos os seus companheiros e amigos. Diz-se que Elyseu Reclus, o sabio geographo que ainda há pouco recebeu 20 mil francos da Academia Franceza, como subsidio aos trabalhos geographicos, concorreu com metade da somma exigida a Francis.

Além deste apoio, os jornais brasileiros noticiam outras momentos de solidariedade e de reconhecimento de militantes do movimento anarquista com Reclus. No ano de 1892 o *Correio Paulistano* noticia, no dia 20 de maio, que a polícia espanhola ao realizar a prisão de alguns anarquistas em Madri havia encontrado o “regulamento geral das sociedades anarquistas”, que trazia em sua epígrafe uma citação de Reclus: “Nossa obra é certamente boa”. O jornal republicano ainda tece elogios ao código anarquista – que reproduz na íntegra – e conclui o artigo dizendo que o geógrafo francês “é um dos vultos scientificos mais notaveis da França, é o autor da *Geographia Universal*, a obra maior e mais profunda que se conhece no genero”.

Outra noticia seria responsável por mobilizar a imprensa brasileira em meados da última década do século XIX. Em um carta endereçada ao Visconde de Taunay, Reclus solicita a este uma cópia de seu livro *La retraite de Laguna*, obra que segundo o geógrafo francês lhe ajudaria na pesquisa que estava desenvolvendo. Reclus conclui sua carta informando ao visconde que pretendia em breve encontrá-lo pessoalmente para lhe agradecer, o que significava que em breve visitaria o

Brasil. Tal fato foi prontamente noticiado nas colunas da *Gazeta de Noticias* de 2 de abril de 1893.

Parece que breve teremos entre nós este illustre sábio, um dos mais notáveis homens de sciencia da Europa e do seculo.

Pelo menos é o que se depreheende da seguinte carta, dirigida ao Sr. Visconde de Taunay:

Tarzone, par Ténés, Algérie – 3.III.93.

Monsieur. – Je vous suis fort reconnaissant de l'idée, pleine de bonne grâce, que vous avez eue de faciliter mës recherches em m'envoyant votre livre, d'un intérêt si élevé et si poignant, La retraite de Laguna. J'espere avoir la bonne chance d'aller bientôt vous em remercier de vive voix. Veuillez agréer, Monsieur, l'assurance de mës salutations respectueuses. – Elysée Reclus.

A tão aguardada visita de Reclus ao Brasil, por parte dos cientistas e membros da *Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro*, enfim se aproximava. A expectativa criada na década anterior, por membros do *IHGB* quando estes, prevendo que o geógrafo francês dedicaria uma parte da *NGU* para escrever sobre o Brasil, se anteciparam e lhe enviaram as principais obras que possuíam sobre o país, afim de que o autor tivesse, segundo eles, as mais recentes e confiáveis fontes, ocorreria nos meses seguintes.

A chegada de Élisée Reclus ao Brasil ocorreu no dia 21 de junho de 1893, viajando desde Bordeaux, a bordo do barco “La Plata”. O primeiro jornal a noticiar a chegada de Reclus foi o *Gazeta de Noticias*, no dia seguinte a chegada do sábio francês. A nota do jornal não deixa dúvidas quanto a ansiedade e a expectativa positiva que a imprensa demonstrava com a presença do geógrafo francês no Brasil.

No paquete francez La Plata deve ter chegado hontem de Bordeaux o grande geographo francez Élisée Reclus, que estando a terminar o XIX e ultimo colume da sua Geographia Universal, em que trata do Brasil, quer poder descrever de visu uma parte do nosso paiz. Mme. Reclus acompanha seu marido.

Seja bem vindo a nossas plagas o eminente sabio, cuja obra monumental enriquece as nossas bibliothecas, e representa o que de mais completo se tem composto nos tempos modernos sobre materia geographica.

Uma noticia mais detalhada foi apresentada nos jornais *Jornal do Commercio* e o *Diario de Pernambuco* que assim descrevem a expectativa da chegada de Reclus ao Brasil:

Temos a satisfação de ver realizada a noticia que demos há dias, da próxima vinda de Élisée Réclus ao Brazil. O sabio geographo francez, cujas obras são lidas e consultadas pelos estudiosos e pelos eruditos em todo o mundo, chegou ante-ontem, à noite, a esta cidade, no paquete “La Plata”.

Élisée Reclus vem ao Brazil guiado por aquelle espirito de probidade scientifica que o tem distinguido em suas obras immorredouras. O próximo volume da *Nova Geographia Universal* tratará do Brazil e do Rio da Prata, e elle quiz ver estas vastas regiões que se propõe a descrever.

Apezar de muitos e estimados viajantes e sabios francezes terem percorrido e descripto com verdade o Brazil, é o nosso paiz mal conhecido, não diremos somente pela generalidade do povo francez, mas pelas classes letradas do sociedade culta da França.

Basta consultar uma geographia elementar das que se publicam em Paris, para se conhecer que, além da França e das suas colonias, as paginas destinadas aos outros paizes são poucas e pobres e as que se applicam ás antigas colonias europeas da America, tornadas estados independentes, são deficientes e erradas.

A viagem de Élisée Réclus e a sua própria observação, projectará, pois, sobre o conhecimento da geographia do Brazil a vivida luz do seu immenso espirito e a verdade de sua sciencia.

Pelo que nos escrevem de Pariz, o sabio francez demorar-se-ha tres mezes entre nós. Pretende ir a S. Paulo e ao valle do S. Francisco, que aneia por estudar de visu. A Amazonia, cuja grandeza conhece pelos livros, será tambem por elle estudada em uma excursão, que forçosamente será curta, ainda que utilissima.

É de nosso dever hospitalario, senão do nosso interesse político, proporcionar ao sabio todos os elementos de que elle tenha de precisar para a consummação do seu alevantado proposito scientifico, quer em commodidade da sua preciosissima vida, como em subsidios litterarios. A sua obra, em via de conclusão, é monumento que atravessará os seculos e ser sempre consultada, como se consulta as de Alexandre Humboldt.

Élisée Réclus é um ancião venerando que, na quadra da existencia em que a natureza impõe o repouzo ao commum dos homens, emprehende esta longa viagem para “saber”. De vida simples e affastada do bulicio da sociedade, evita, com a modestia do seu verdadeiro talento, as manifestações ruidosas de fingido apreço, que o charlatanismo e o adventicio procura soffrego como única mostra de estima publica, que neste mundo póde alcançar. Nenhuma celebridade é menos accessivel aos *interviews* do que elle, e emquanto a imprensa parisiense prodigalisa esses reclamos falla aos personagens do dia, o nome de Élisée Réclus só nella apparece com a acclamação de uma nova obra.

Aqui na convivencia intellectual que temos com a França já o applaudimos e já o amamos como um dos factos impulsivos do saber humano. É hoje nosso hospede, nosso

amigo e devemos fazer esforços para que no Brazil encontre, como outros subsidios da sciencia que illustra, o conforto e o bem estar que tem na sua patria. (*Diario de Pernambuco*, 2 de julho de 1893)

As comunidades científica e política brasileira não pouparam esforços para recepcionar e apoiar as necessidades de Reclus em sua viagem de pesquisa ao Brasil. Os jornais em nenhum momento recordaram das duras palavras proferidas pelo geógrafo ao império brasileiro e seu regime escravista na década de 1860, nem tampouco fizeram menção às respostas proferidas pela imprensa brasileira na época. Talvez fossem os novos ares políticos que se respiravam no Brasil naqueles anos da jovem república, talvez fosse somente a distância entre os fatos, ou talvez fosse a suntuosa importância que Élisée Reclus e sua *Geografia Universal* haviam adquirido ao longo dos anos, tendo a importância de sua obra sido comparada aquela de Alexander von Humboldt. Certo é que não houve um só momento da estadia de Reclus no território brasileiro em que o geógrafo não foi amparado e apoiado para que tivesse todas as suas necessidades garantidas. Segundo o levantamento que realizamos junto aos periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, a visita de Reclus foi reportada 48 vezes nos jornais brasileiros, sendo 33 destas no ano da visita de Reclus ao Brasil.

A expectativa em torno da viagem pelo Brasil era especulada pelos jornais. Notícias de que o geógrafo francês permaneceria três meses no Brasil, percorrendo desde as cidades do Sudeste até o vale do São Francisco e a região amazônica por fim não se concretizaram. Reclus, que vivia seu 63º ano de vida, já não possuía mais a mesma disposição de outrora para percorrer distâncias tão longas em tão pouco tempo. Preferindo realizar um trabalho mais minucioso, restringiu suas visitas a região sudeste, percorrendo os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Esta presença de Reclus no Brasil foi profundamente estudada nas pesquisas *O Brasil de Élisée Reclus: território e sociedade em fins de século XIX* de Marcelo Augusto Miyahiro e *A visita de Élisée Réclus à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* de Luciene P. Carris Cardoso. As pesquisas detalham de forma cuidadosa como se deu a passagem do geógrafo francês pelo território brasileiro, sua recepção pela *Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro* e suas viagens pela região Sudeste. Para não estender de modo demasiado esta narrativa científica, como ocorreu no capítulo anterior, nos restringiremos a apontar somente a algumas impressões dos periódicos brasileiros sobre a estadia do geógrafo francês no Brasil.

A visita de Reclus ao estado de São Paulo, foi acompanhada de perto pelo jornal *Correio Paulistano*. A convite de Eduardo Prado, o geógrafo francês percorreu a capital e o interior do

estado, com o intuito de conhecer de perto a produção do café e as novas condições de trabalho implementadas nos campos brasileiros após o fim da escravidão. As viagens de Reclus pelo estado ocorreram através das linhas de trem e de barco, que eram mantidas pela Companhia Paulista, dirigida por Eduardo Prado.

As impressões da passagem de Reclus por São Paulo foram assim apresentadas nas páginas de 21 de julho do *Correio Paulistano*:

Relativamente á viagem daquelle illustre geographo francez pelas linhas ferreas e fluviaes da Companhia Paulista, dirigiu o dr. Eduardo Prado aos directores da mesma a seguinte carta:

'Tenho a honra de transmittir a vv. exes. a carta inclusa pela qual o sr. Elisée Reclus me pede que, em seu nome, agradeça a essa directoria as facilidades proporcionadas pela Companhia Paulista, durante a sua excursão pelo interior de S. Paulo. Tendo tido a ocasião de acompanhar o grande geographo durante a sua viagem, foi para mim justo motivo de orgulho patriotico o testemunhar a excellente impressão que produziram no espirito do nosso hospede os grandes progressos conseguidos em S. Paulo pela iniciativa privada e nomeadamente a construcção e a esmerada conservação das linhas ferreas da Companhia Paulista, os seus bellos trabalhos no Mogy-Guassú e em geral a perfeição, a ordem e a celeridade de todo o seu serviço de transporte.'

Eis a carta a que se refere o dr. Eduardo Prado:

Rio de Janeiro {6. VII. 93}

Mon cher monsieur:

Ian fevenant á Rio, j'éprouve le besoin de vous remercier á nouveau de l'extrême obligeauce avec laquelle vous m'avez accueilli et du soin que vous avez mis a me faire bien voir les merveilles agricoles de São Paulo.

Cependant je n'ai pas fini de vous demander des services. Je vous prie de vouloir bien être mon interprete auprès des administrateurs de la Compagnie Paulista pour leur exprimer les vifs centiments de gratitude que j'éprove á leur égard. Grâce aux facilités qu'ils m'out offertes dans le voyage fait em votre agréable compagnie, j'ai pu infiniment miex voir, mieux apprécier le pays, em rapporter un impression plus durable.

Ces messieurs ont été pour moi de très précieux collaborateurs et, si mès desorptions sont defectueuses ou incomplètes ils auront le droit de m'en faire des reproches.

Veuillez agréer, mon cher monsieur, l'assurance de mès sentiments cordiaux et respectueux.

Elisée Reclus

Após a passagem por Minas Gerais e por São Paulo, Élisée Reclus percorreu as regiões próximas a capital federal. O jornal *Gazeta de Petropolis*, de 16 de agosto, sintetizou a passagem do geógrafo francês pelas cidades do entorno da capital e pelo país da seguinte forma:

Esteve entre nós este illustra sabio, cujo nome é bem conhecido em todo o globo pela monumental obra, que vai levando à conclusão – *A geographia universal*. Publicados já 18 grossos volumes, falta o derradeiro que era especialmente consagrado ao Brazil e à Republica Argentina. Esta sua ultima viagem deixa, pois, bem evidente o seu amor à verdade. Quiz ver se por si, achando antigas demais ou incompletas as fontes de informação acêrca do nossa paiz. O sr. Élisée Reclus achou admiravel a subida da serra e mostrou-se sorpreso de encontrar uma cidade tão pitoresca como a nossa.

Colheu, aliás, do Brazil, em geral, bôa impressão, sobretudo pela cordura dos costumes e particularmente pelo sentimento de igualdade que reina entre nós, sem distincções de posição nem preconceitos de raça e de côr.

Foi o que mais agradavelmente o impressionou, tanto mais quanto lhe offenderam cruelmente os sentimentos de verdadeiro democrata as ferrenhas e odiendas separações de casta e de sangue tão rigorosas e salientes nos Estados-Unidos do Norte.

O illustre geographo tomou innumeras notas do que foi vendo, tendo reunido numerosissima copia de valiosos documentos, relatórios, livros, opusculos e trabalhos parciaes. Parece, pois, apercebido de bons elementos para fallar dobre o Brazil com toda a sinceridade e maior segurança.

Visitou tambem o estado de S. Paulo e parte de Minas Geraes, cuja capital, Ouro Preto, muito lhe agradou pela originalidade do local e construcções. “Fôra bem pena, disse elle, que mudassem a capital de situação tão pitoresca e artistica para lhe darem a feição e as proporções de uma cidade banal e feita a cordel e de momento”.

Terminados os volumes destinados à descripção da terra, nos quaes aliás jogou com tantos e tão variados conhecimentos, pretende, como synthese de toda a sua grandiosa obra, occupar-se exclusivamente, sob diversos pontos de vista, com o homem, estudando-lhe a indole, ou melhor, o resumo, a summa de todas as indoles, instinctos, aspirações, metamorphoses e transmutações nesse continuo caminhar para o suspirado objectivo – progredir, desenvolver-se, tentar chegar, se não à perfeição, pelo menos a um estado cada vez mais perfeito em relação ao que já foi alcançado.

Pelo que fica exposto, muito tem ainda que trabalhar o eminente Élisée Reclus. Não lhe falta porem coragem. Apesar dos seus 63 annos feitos, é um velho forte, robusto, bem disposto, muito sobrio e sempre prompto para o mais esforçado labor à bem da sciência e da humanidade.

O tratamento oferecido à Reclus pela intelectualidade brasileira e a disposição deste para

percorrer e participar de um grande numero de encontros e atividades pelas cidades pelas quais passava, chamavam a atenção da imprensa brasileira. Sempre solícito, o geógrafo francês recolheu uma grande quantidade de materiais que seriam utilizados para a escrita do último volume da *NGU*.

É o próprio Élisée Reclus que dá uma dimensão exata do acolhimento recebido por ele no Brasil, em seus agradecimentos no último volume da *Nouvelle Géographie Universelle*:

Para este 19 e último volume da *Nouvelle Géographie Universelle* eu tive a felicidade de ter, como nos precedentes, muitos colaboradores. [...] Os elementos utilizados para o capítulo sobre o Brasil me foram fornecidos com essa gentileza e esse charme que parecem ser o privilégio de todos os cidadãos pertencentes a esse maravilhoso país. Eu citaria sobretudo: o senhor Eduardo Prado, que teve a graciosidade de me dirigir em minha viagem sobre o Mogy-Guassú e nos cafezais de São Paulo; o senhor Botelho, que nos acompanhou nessa exploração instrutiva; o senhor Francisco Leite Guimarães, que nos fez estudar a sua plantação em detalhe e me passou ensinamentos muito preciosos; Senhor Taunay, que me acolheu com muita cordialidade, e me abriu os tesouros de sua experiência sobre os homens e as coisas, e me permitiu consultar suas memórias pessoais; o senhor Charles Morel, editor da *L'Étoile du Sud* que conhece admiravelmente sua nova pátria e me colocou em relação com outras pessoas de saber. Um dos meus amigos pessoais, o senhor Fleuret, me fez estudar de perto a vida do Rio. Eu devo um reconhecimento especial ao botânico veterano, o senhor Glaziou, assim como aos membros da *Sociedade de Geografia* e do *Instituto Histórico*, especialmente ao senhor Marques de Paranaguá, Homem de Mello, Raffard, Barbosa Rodriguez. Em Paris, o senhor Rio Branco que colocou a minha disposição os mapas, os documentos, os álbuns que ele possuía. [...]

A publicação da *NGU*, ocorreria, conforme o previsto, no ano seguinte a visita do geógrafo ao Brasil. Tão logo os primeiros exemplares da obra começaram a circular pelo território sul americano, foram alvo de comentários por parte da imprensa brasileira. Foi contudo, após a tradução de Benjamin Franklin Ramiz Galvão e publicação em português pela editora Garnier, do capítulo referente ao Brasil no XIX volume da *NGU*, com o nome Estados Unidos do Brasil (EUB), que a obra passaria a ser mais lida e comentada pela imprensa e cientista brasileiros. É o jornal *O Paiz*, que anuncia pela primeira vez a publicação da obra em 13 de março de 1900 e que, em 25 de julho, tece em suas colunas o primeiro comentário sobre o estudo de Reclus.

Hontem, fiz provisão de coragem, e separei do monte os ultimos volumes editados pela casa Garnier, que todas as semanas, por bem dizer, dá novos signaes da sua actividade.

O mais consideravel desses volumes é o trcho (um trecho de quasi 500 paginas)

que se refere ao Brasil na monumental *Geographia* de Elysée Reclus.

Foi uma boa idéia a de mandar traduzir e anotar esse trecho pela penna competentíssima de Ramiz Galvão, e imprimil-o n'um magnifico volume de grande formato e largas margens, com excellentes gravuras, em que o nosso paiz não é calumniado nem favorecido.

Accresce que o barão do Rio Branco anotou a parte relativa ao territorio contestado, o que augmenta o valor do livro, já por si notavel e preciso.

Elysée Reclus não é um compilador vulgar. Percorreu o Brasil e escreveu sobre o que viu e observou. Não deprime nem lisonjeia, ou por outra, não mente. A sua obra tem a utilidade de um livro de sciencia e o encanto de uma narração de viagem.

A importância adquirida pela obra de Reclus e a seriedade com a qual ela havia passado a ser lida entre os intelectuais brasileiros contrastavam muito com aquelas primeiras impressões publicadas nas páginas dos jornais. As críticas apresentadas por Reclus a estrutura fundiária do país e a pobreza generalizada das populações rurais, em decorrência da manutenção de latifúndios improdutivos, bem como, as reflexões econômicas sobre o perigo da monocultura de café para a economia brasileira, dependente quase que exclusivamente do mercado externo, teriam sido em outro contexto alvo das mais severas críticas e repreensões por parte da imprensa e dos intelectuais brasileiros. Prova disso é fala de Parsondas de Carvalho em um conferência apresentada na *Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, transcrita pelo *Jornal do Brasil*, em 8 de janeiro de 1902, em que o autor afirmou:

O desconhecimento dos grandes espaços contidos na immensa extensão territorial que ainda hoje não pude descrever e do que nelles há, é prova de uma falta de cohesão nacional.

Referindo-se a esta nossa dispersão, o escriptor francez Élisée Reclus disse: “Afóra o laço moral que uma vontade commum mantém, entre o sul e o norte do Brasil, não há outra ligação que não seja a de uma linha de paquetes, escalando na costa!”

Sentireis a dureza dessa verdade e comprehendereis melhor o interesse da ligação interna, problema de cuja solução depende de nossa grandeza.

A conferencia de Carvalho na *SGRJ* evidencia esta nova fase da produção geográfica sobre o Brasil. Se durante o período imperial a unidade territorial estava garantida pela própria existência do império e da escravidão, a proclamação da república e o fim do trabalho escravo forçavam os intelectuais brasileiros a promoverem novos conhecimentos para dar legitimidade ao projeto de unidade e modernidade para a república brasileira. Tal foram os esforços realizados dentro das

revistas geográficas brasileiras.

3.2. A recepção da comunidade geográfica brasileira

A passagem de Reclus pelo Brasil de fato havia sido um marco para a comunidade geográfica e intelectual brasileira. Se por um lado os jornais deram uma ampla cobertura a passagem do geógrafo francês no Brasil, foram 48 referências entre 1893 e a primeira década do século XX, por outro, o *Boletim da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro* não ficou muito atrás, foram 44 referências a obra de Élisée Reclus em suas páginas a partir da primeira edição em 1883 – ano também de fundação da *Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* (SGRJ) – até 1948⁴⁶.

Fato semelhante ocorreu também nas páginas do *Boletim Geográfico* (BG), publicado entre os anos de 1943 e 1978 e da *Revista Brasileira de Geografia* (RBG), publicada desde 1939 até o presente. Diferentemente, contudo, da análise que realizamos junto aos jornais brasileiros entre 1862 e 1909, a Biblioteca Digital do IBGE, que disponibiliza em sua página online as duas revistas geográficas, não possui uma ferramenta de busca tão precisa quanto aquela da Biblioteca Nacional, o que nos impossibilitou de fazer um levantamento quantitativo da incidências de ocorrência do nome de Reclus nas revistas.

Apesar disso, como demonstraremos a seguir, as menções e análises produzidas pelos geógrafos brasileiros foram muitas e diversas. O que corrobora os dados levantados pela pesquisa de Jean-Baptiste Arrault, publicados no artigo *La “référence Reclus”. Pour une relecture des rapports entre Elisée Reclus et l’Ecole française de géographie*, em que este levantou as referências feitas a Reclus nas revistas geográficas publicadas na França, em especial na revista *Annales de Géographie* – fundada e dirigida por Vidal de La Blache –, entre os anos de 1891 e 1913. Assim como o levantamento apresentado por Arrault, as revistas geográficas brasileiras não omitiram de suas páginas as análises e referências a Reclus. aponta que, ainda que de forma pontual, as alusões feitas a Reclus são diversas

Delgado de Carvalho, possivelmente, foi um dos autores que mais atentamente leu e refletiu sobre a obra de Élisée Reclus no Brasil. Membro do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e da *Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro*, o autor teve um papel importante em divulgar as ideias de Reclus dentro destas instituições científicas. Buscando construir uma proposta de divisão regional

46 Dada da última edição disponível do Boletim no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

para o Brasil, Delgado de Carvalho introduziu, o conceito de região natural, passando a analisar o Brasil a partir de uma visão de conjunto. No livro *Metodologia do Ensino Geográfico*, de 1925, o autor, preocupado com as definições das regiões brasileiras e com o ensino de geografia, buscou na obra de Reclus uma inspiração metodológica.

Eis por conseguinte a pergunta: quaes são as grandes regiões de nosso paiz? Na sua *Geographia Universal*, Elisée Reclus, baseado sobre excellentes documentos, ofereceu-nos uma divisão lógica muito acceitavel. Hoje, porém, geographos brasileiros têm uma tendência a adoptar divisões didacticamente mais commodas. Por isso preferimos adoptar francamente a divisão do Sr. M.Said-Ali (Brasil Septentrional, Brasil do Nordeste, Brasil Oriental, Brasil Meridional e Brasil Central). Não somente acceitamos esta divisão sob o ponto de vista racional, como digna de ser citada, mas passamos a adoptal-a totalmente, para amoldar sobre ella o estudo geographico, até hoje exclusivamente baseado sobre a divisão administrativa do paiz. Acreditamos que essas grandes divisões topographicas, apesar de nada terem de absoluto e de preciso, são mais adequadas do que quaesquer outras a salientar as profundas diferenças physicas, climatericas e sociais que caracterizam a vida e as condições especiaes das differentes regiões de nossa terra. (p.84-85)

A influência de Ritter se exercia tanto em Reclus, quanto em Carvalho. O texto *Uma Concepção Fundamental da Geografia Moderna: a “Região Natural”*, publicado no *Boletim Geográfico* de 1944, evidencia esta vinculação teórica de Delgado:

“A natureza, disse o geógrafo alemão Carl Ritter, não é um mecanismo morto”, a natureza, pelo contrário, é a vida, é o movimento; é pois necessário não mutilá-la, não separar os seus elementos essenciais quando esses servem, exatamente, a construir um conjunto que vive, que sente, que vibra! Para explicar uma região, é preciso reunir todos os traços fisionômicos que servem a caracterizá-la. (p.13)

Esta influência de Reclus em Delgado de Carvalho seguiu ao longo dos anos. Na seção *Compêndios e Ilustrações*, do *BG* de 1945, Carvalho cita a obra *EUB* como a quinta obra de compêndio de geografia sobre o Brasil produzida durante o império digna de ser resgatada e estudada pelos estudantes brasileiros:

Eu seria tentado a acrescentar ao legado imperial uma quinta obra, estrangeira aliás, o Brasil de Élisée Reclus que só foi traduzida em 1899-1900 por Ramiz Galvão. Era a descrição do Brasil no fim do Império. [...] Em segundo lugar, os professores mais

esclarecidos que liam geografia física do Brasil em Hartt, conheciam Reclus, possuíam Wappoeus tinham sobre os seus alunos os conceitos mais curiosos. Julgavam que toda esta geografia era ótima para europeus, mas que para o uso do Brasil estava inadequada. Só faltavam confessar que os seus alunos eram débeis mentais. (p. 818 e 819)

A influência metodológica de Reclus em Delgado de Carvalho passou a subsidiar os estudos que estavam ocorrendo no Conselho Nacional de Geografia no processo de definição e historização das diferentes propostas de divisões regional brasileira. Neste contexto a *Revista Brasileira de Geografia*, publicou, no ano de 1939, uma biografia de Élisée Reclus.

ELISÉE RECLUS
(1830-1905)

GEÓGRAFO francês que empreendeu a grande obra “Nova Geografia Universal” - em 19 volumes, publicada entre 1875 e 1894. Foi, no seu tempo, a maior obra de conjunto, metódica e conscienciosa, relativa aos conhecimentos geográficos do mundo.

Auxiliado por colaboradores autorizados, Reclus dedicou perto de vinte anos à preparação deste monumento científico.

O pensamento francês, na “Nova Geografia Universal”, se revela um tanto sob a influência do espírito alemão, principalmente sob a inspiração de Karl Ritter. Ainda estava então em formação a Escola Francesa de Geografia. Já aparecem as preocupações constantes de ligar as feições físicas e os recursos naturais às bases geológicas e às condições climatológicas. A orientação moderna se acentua principalmente nos últimos volumes.

Desta grande obra, foi destacada a parte relativa ao Brasil que, traduzida pelo inolvidável Ramiz Galvão, deu aos nossos estudos de geografia pátria uma nova interpretação. A sua divisão do Brasil em regiões naturais foi uma feliz inovação que sugeriu alterações nos nossos métodos didáticos. Tendo vivido vários anos na Colômbia, Reclus era um conhecedor da América do Sul. Muito escreveu sobre ela (*Viagem à Serra de Santa-Marta*).

As suas idéias sociais avançadas o obrigaram a passar parte de sua vida fora da França, de onde foi banido. De 1892 em diante, professou geografia na Universidade de Bruxelas.

Muito fez Reclus para popularizar o estudo da geografia e despertar interesses nas questões geográficas, em França e no mundo. Antes de morrer, empreendeu, com seu irmão Onésimo Reclus, uma outra obra de fôlego, o “Homem e a Terra”. (p.92)

A biografia de Reclus, destaca que “a sua divisão do Brasil em regiões naturais foi uma feliz inovação que sugeriu alterações nos nossos métodos didáticos.” Este fato é tão evidente que Moacir M. F. Silva, consultor técnico do *Conselho Nacional de Geografia*, ao analisar a *Geografia dos Transportes no Brasil* produziu um *Mapa divisão regional do Brasil de Élisée Reclus* e apontou que

a divisão de Elisée Reclus de 1893, com ênfase nas relações entre as bacias fluviais e regiões naturais [...]

Elisée Reclus adotou outra divisão natural em 8 regiões, assim sintetizada:

- 1) Amazônia: Amazonas e Pará.
- 2) Vertente do Tocantins: Goiás.
- 3) Costa Equatorial: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.
- 4) Bacia do São Francisco e vertente oriental dos planaltos: Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo.
- 5) Bacia do Paraíba: Rio de Janeiro e Distrito Federal.
- 6) Vertente do Paraná e contravertente oceânica: São Paulo, Paraná e Santa Catarina.
- 7) Vertente do Uruguai e litoral adjacente: Rio Grande do Sul.
- 8) Estado de Mato Grosso.

Regiões naturais do Brasil segundo vários autores

Este estudo de Moacir Silva seria aprofundado dois anos depois pelo Prof. Fábio M. S. Guimarães, Chefe da Secção de Estudos Geográficos do S.G.E.F., em seu artigo *Divisão Regional do Brasil*, publicado na *Revista Brasileira de Geografia*.

Divisão regional segundo ELISÉE RÉCLUS

A distribuição feita por Elisée Réclus em 1893, em sua magnífica obra *Estados Unidos do Brasil*, representa já um grande passo no sentido da consideração de verdadeiras regiões naturais. Isso mesmo ele torna claro no texto, ao dizer que “as regiões naturais não confundem de forma alguma seus limites com os das antigas províncias”[EUB. p. 28]. Levado contudo, por necessidades didáticas, ele agrupa os Estados por inteiro, ao definir as regiões; no texto, porém, prefere, de quando em quando, destacar alguns trechos que melhor seriam considerados como pertencentes a regiões vizinhas. Assim é que, por exemplo, prefere estudar o “sul de Minas”, juntamente com São Paulo, na região por ele chamada “vertente do Paraná”.

São as seguintes as regiões segundo Elisée Réclus (vêde mapa anexo):

- I - Amazônia (Amazonas e Pará) ;
- II - Vertente do Tocantins (Goiás);
- III - Costa Equatorial (Estados nordestinos, de Maranhão a Alagoas);
- IV - Bacia do São Francisco e Vertente Oriental dos Planaltos (Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais);
- V - Bacia do Paraíba (Rio de Janeiro e Distrito Federal);
- VI - Vertente do Paraná e Contravertente Oceânica (São Paulo, Paraná e Santa Catarina);
- VII - Vertente do Uruguai e Litoral adjacente (Rio Grande do Sul);
- VIII - Mato Grosso.

A divisão resente-se ainda dum número excessivo de regiões, embora menor do que a de REBOUÇAS. O destaque de Goiás é pouco defensável; o mesmo se dá com o Rio de Janeiro, considerado região à parte. Há porém já um certo agrupamento mais lógico do que o de Rebouças.

A leitura da obra de Réclus dá-nos, contudo, a impressão de que ele se prende talvez demais às relações entre bacias fluviais e regiões naturais.

Fábio Guimarães em sua análise da divisão regional atenta para o uso de uma metodologia

pouco usual para a definição de uma região. Diferentemente de alguns geógrafos tecnocratas, ou administrativos, como diria Alcides Bezerra, Élisée Reclus viajou ao Brasil para poder compreender melhor as realidades locais. Em seu estudo *A Geografia do Brasil de 1500 aos nossos dias*, publicado em 1967 no *Boletim Geográfico*, Bezerra afirma:

É de 1894 o volume da *Nouvelle Géographie Universelle* de Élisée Reclus, em que se encontra a descrição do Brasil. Traduzido ao vernáculo pelo Barão de Ramiz Galvão, veio a lume o trabalho notável do geógrafo francês sob o título *Estados Unidos do Brasil – Geografia, Etnografia, Estatística*.

Reclus não rompeu inteiramente com os métodos tradicionais, mas não sacrificou a essa espécie de geografia administrativa que desconhece as regiões naturais para acolchetar os fatos geográficos, mutilados, dentro dos quadros da divisão administrativa.

Sem embargo do seu relativo valor como livro bem informado, o *Estados Unidos do Brasil* de Reclus não exerceu perdurável influência. (p.6)

Se para Delgado de Carvalho existe uma continuidade entre Reclus e Ritter, Bezerra é mais categórico em concluir que, “com Élisée Reclus, sim, temos Ritter puro.” (p.9)

Não é sem crítica contudo que Guimarães e Bezerra fazem suas análises de Reclus. Se o primeiro entende que “A leitura da obra de Réclus dá-nos, contudo, a impressão de que êle se prende talvez demais às relações entre bacias fluviais e regiões naturais.” e o segundo afirma, em 1967, que “seu relativo valor como livro bem informado, o *Estados Unidos do Brasil* de Reclus não exerceu perdurável influência.” observando um limite metodológico no trabalho de Reclus, outros trabalhos dos anos 1940 relativizariam estas análises.

A questão fluvial é central na análise de autores como Moacir M. F. Silva, Luiz de Sousa Martins e Pedro de Moura. Moacir se utiliza das observações de Reclus para definir os limites da maré oceânica, em seu estudo de 1941 sobre a Geografia dos Transportes no Brasil: “Réclus fixa Santarém como limite da maré oceânica.” (p. 376).

Já Luiz de Sousa Martins, mesmo após passados 50 anos da pesquisa realizada por Reclus sobre a região norte do Brasil, se apropria dos dados apresentados pelo geógrafo anarquista francês e utiliza-os como referência em seu escrito *Notas sobre a geografia da Amazônia*.

O Caquetá ou Japurá tem, segundo Reclus, um desenvolvimento de 2800 quilômetros, uma descarga média de 5000 metros cúbicos por segundo e uma superfície tributária equivalente a 310000 quilômetros quadrados. [...] Após haver coletado a massa líquida do opulento rio

Negro que, procedendo do Planalto da Colômbia capta, em seu longo percurso, as águas de 45 tributários, e cuja bacia ocupa uma área de 715000 quilômetros quadrados, segundo Reclus, o Solimões perde a sua denominação e reassume a de Amazonas, que conserva até ao Atlântico. [...] Pela quantidade de sua bacia, cuja superfície Reclus avaliou em 1244500 quilômetros quadrados, é o Madeira um dos mais notáveis rios do globo.(p. 739 e 740)

Pedro de Moura em seu estudo sobre a Bacia do Alto Paraguai se apoia nos argumentos apresentados por Élisée para analisar a nomenclatura dada ao estado do Mato Grosso:

Também Reclus pondera que “Este nome de Mato Grosso não tem aliás o valor de uma “expressão geográfica” ... a maior parte do território cobre-a uma vegetação enfezada.” (p.15)

A questão dos nomes dados aos locais e regiões já havia sido um tema amplamente debatido por Reclus em seu estudo *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas* de 1866. Nele Reclus nota como os franceses, ao contrário dos alemães ou ingleses, tem, ao longo do tempo, nomeado suas regiões de modo simplista, de modo que “não fazem qualquer alusão à beleza do campo.” (2015. p.63).

Moura segue argumentando favoravelmente a Élisée afirmando:

E avança mais Reclus, quando assevera a existência do mar, a mesma opinião hoje invocada por interessados em petróleo ao chamarem o Pantanal de mar extinto.

"Entre estes lagos secundários, uns não contêm senão água doce trazida pela inundação pluvial; outros, antigas cavidades outrora ocupadas por água do mar, conservaram no fundo dos seus leitos camadas salinas que dão ao líquido um sabor salgado". (p.22)

Como ressalta David Palacios em seu trabalho *Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia*, além do cuidado estético com a escrita, Reclus era extremamente minucioso na escolha das fontes documentais utilizadas, sendo notável a sua atualidade e pertinência destas em comparação aos demais trabalhos da época. Buscando uma rede de colaboradores para apoiar a escrita de sua NGU, Reclus desenvolvia uma intensa correspondência e troca de documentos e mapas em conjunto com os pesquisadores com que se relacionava.

O impacto desta troca entre pesquisadores é ressaltado por Palacios, quando este observa que, no caso da produção do capítulo sobre a geografia da Colômbia, na NGU, as referências de

Reclus eram tão atuais quanto aquelas de seus sucessores, tal como foi no caso da Geografia Universal, em que Pierre Denis, solicita, desde Paris, o auxílio do colaborador de Reclus, Vergara y Velasco, para a escrita da nova geografia universitária francesa, um projeto organizado por Vidal de la Blache. Em carta, Denis assim descreve o projeto para Vergara:

Monsieur,

Não sei se você conhece o projeto da “Nova Geografia Universal” do qual monsieur Vidal de la Blache, diretor dos Anais de Geografia, e chefe da Escola geográfica francesa, prepara a publicação. Trata-se de uma obra destinada a substituir para o público francês e, se possível, para o público internacional, a Geografia de Reclus, ainda mais velha por seu método do que por seu conteúdo. [...]

Eu estou encarregado pela minha parte do volume relativo à América do Sul. Eu bem conheço o zelo infatigável que você tem aportado ao estudo da geografia colombiana, e o mérito de seus trabalhos em este país de acesso com frequência difícil, como para não ter o mais vivo desejo de entrar em correspondência com você. Em minhas visitas a vários dos Estados da América do Sul, não me há sido possível ir à Colômbia, de sorte que o meu trabalho, para esta parte do continente deve reduzir-se a uma comparação e um apontamento dos documentos existentes. Eu sei de outra parte, por experiência pessoal, que se encontram obras de real valor, publicadas na América, e que escapam desafortunadamente com demasiada frequência aos leitores da Europa: pode ser que você possa me ajudar a evitar estes inoportunos esquecimentos.

Um dos pontos mais delicados da minha tarefa é o de preparar a ilustração do meu volume. Ela deve ser ao tempo artística, e de valor documental: fotografias de paisagens típicos do nordeste da América [do Sul], tanto da Venezuela quanto da Colômbia, faltam-me absolutamente.

Você acredita que existam na Bolívia alguns recursos desta espécie, existem fotógrafos amadores ou profissionais que possuam coleções interessantes? A quem poderia eu me dirigir para comprar as vistas?

Espero que você tenha a bem me excusar, Monsieur, a liberdade com a qual eu me dirijo a você. Você sabe quanto as informações deste gênero são difíceis de recolher sem uma viagem custosa, e para a qual aliás falta-me o tempo, e até que ponto seriam preciosos os menores conselhos e a menores indicações que você poderia me outorgar.

O distanciamento na abordagem de Denis a Vergara, chama a atenção. O geógrafo francês ao iniciar sua argumentação já deixa claro seu objetivo de produzir uma obra para “substituir” a geografia de Reclus, sendo este um desejo da Escola que representava. A escola vidaliana,

personificada na pessoa de Denis, busca enfatizar as diferenças de método de sua pesquisa a de Reclus, contudo, este “novo” método não se pautava nas explorações e coletas de dados empíricos, nem tampouco possuía grandes preocupações relativas à cartografia, visto que Denis se limita a perguntar a Vergara pela existência de fotografias de paisagens. A colaboração entre os pesquisadores se limitou somente a estes infrutíferos primeiros contatos. O capítulo publicado em 1927 por Denis, apresentava uma bibliografia bem mais sucinta que aquela de Reclus, datada de 1983.

As relações entre Reclus e Vergara, se estenderam ao longo de vinte e duas cartas dirigidas de Reclus a Vergara entre os anos de 1888 e 1897. É notável o cuidado de Reclus com seu colaborador, não foram poucas as ocasiões em que o geógrafo anarquista francês atribui a Vergara, em suas honrosas cartas, o título de “mestre”. O mesmo cuidado dispendido por Reclus a seu colaborador colombiano pode ser observado na seção de agradecimentos do XIX volume da NGU:

Para este 19 e último volume da Nouvelle Géographie Universelle eu tive a felicidade de ter, como nos precedentes, muitos colaboradores. [...] Os elementos utilizados para o capítulo sobre o Brasil me foram fornecidos com essa gentileza e esse charme que parecem ser o privilégio de todos os cidadãos pertencentes a esse maravilhoso país. Eu citaria sobretudo: o senhor Eduardo Prado, que teve a graciosidade de me dirigir em minha viagem sobre o Mogy-Guassú e nos cafezais de São Paulo; o senhor Botelho, que nos acompanhou nessa exploração instrutiva; o senhor Francisco Leite Guimarães, que nos fez estudar a sua plantação em detalhe e me passou ensinamentos muito preciosos; Senhor Taunay, que me acolheu com muita cordialidade, e me abriu os tesouros de sua experiência sobre os homens e as coisas, e me permitiu consultar suas memórias pessoais; o senhor Charles Morel, editor da l'Étoile du Sud que conhece admiravelmente sua nova pátria e me colocou em relação com outras pessoas de saber. Um dos meus amigos pessoais, o senhor Fleuret, me fez estudar de perto a vida do Rio. Eu devo um reconhecimento especial ao botânico veterano, o senhor Glaziou, assim como aos membros da Sociedade de Geografia e do Instituto Histórico, especialmente ao senhor Marques de Paranaguá, Homem de Mello, Raffard, Barbosa Rodriguez. Em Paris, o senhor Rio Branco que colocou a minha disposição os mapas, os documentos, os álbuns que ele possuía. [...] ⁴⁷

As referências a obra reclusiana na geografia realizada no Brasil não se restringiam contudo ao debate em torno da região, ou a metodologia de pesquisa. Diversos foram os autores que se apoiaram nas análises de Reclus para entender o surgimento e o desenvolvimento de algumas

⁴⁷ RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universelle**. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX; 1894, p. 797.

cidades brasileiras. Christovam Leite de Castro, então secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia do IBGE, afirma, no ano de 1945, na apresentação do livro *O Homem e o Brejo*, de Alberto Ribeiro Lamego, que:

Seguindo o plano de Élisée Reclus, o autor divide a obra em três partes: A Terra, O Homem e A Cultura. As duas primeiras têm antes um caráter preparatório a terceira, na qual é estudada a paisagem cultural da região campista. (LAMEGO, 1945 p. VII)

Este trabalho de Lamego inaugurava uma série de publicações de geografia regional pelo IBGE. Assim como os trabalhos de Reclus, a pesquisa de Lamego era reconhecida pela realização de pesquisas realizadas “in-loco”. Christovam de Castro afirmava em sua apresentação que,

o progresso da Geografia pátria depende fundamentalmente da intensificação dos esforços dos nossos pesquisadores na elaboração de monografias sobre as diversas regiões brasileiras, de acordo com os métodos geográficos modernos. Só então será possível a organização de grandes sínteses nacionais, que compreendam o território brasileiro em sua complexidade.

A obra ora apresentada refere-se a uma pequena região muito bem individualizada, a chamada Baixada de Goitacases ou Baixada Campista, um dos trechos de maior significação econômica em nosso país. Abrangendo os grandes capítulos da Geografia - a Física, a Humana propriamente dita e a Econômica - o trabalho apresenta predominantemente uma feição antropogeográfica, conforme bem indica o seu título. O estudo das relações entre o homem e o meio constitui o seu principal objeto.

Assim, o método de pesquisa proposto por Reclus e seguido por Lamego era compreendido como “moderno” e que auxiliaria a compreensão do “território brasileiro em sua complexidade”. Lamego, ao abrir o capítulo 6, A Cidade, de sua obra *O Homem e o Brejo* se utiliza da seguinte epigrafe:

“Campos ocupa um lugar indicado para o nascimento de uma grande cidade.” ELISEE RECLUS: *Nouvelle Géographie Universelle*, Paris, 1894. vol. XIX, pág. 311.

A referencia feita a Reclus em seu capítulo sobre a Cidade é algo compreensível, uma vez que o geógrafo francês havia dedicado numerosas páginas da *NGU* a descrições e análises detalhadas das cidades, tendo visitado muitas destas ao longo de suas viagens, em especial as

cidades europeias e várias cidades da América do Norte e do Sul.

Pierre Monbeig, em seu artigo *O Estudo Geográfico das Cidades*, originalmente publicado em São Paulo, na *Revista do Arquivo*, de 1941, aponta que é necessário “fazer uma injeção de Elysée Reclus” nos estudos urbanos que estavam se iniciando então no Brasil.

O perigo é exatamente o de “deshumanizar”, pois ninguém acredita ter mostrado o homem, quando êste foi contado como um rebanho de gado. É tempo de fazer uma injeção de Elysée Reclus na geografia dos “synclinaux” e das estatísticas, como na sociologia que crê exprimir o real por colocá-lo em equações. Antes de escrever, o geógrafo deveria pôr-se em contacto com a literatura, no sentido estrito da palavra, que existe sôbre a cidade estudada: os arquivos, as estatísticas, os planos dos urbanistas, não ensinam mais que o desfile das moças no domingo à tarde na praça pública da cidade pequena, ou que as côres, os sons, os odores da grande avenida principal da Capital, que a multidão dos operários em alvorôço a saída da fábrica e que a luz de um belo dia sêco sôbre as areias vermelhas e os arranha-céus.

A valorização da análise de Reclus sobre as cidades brasileiras foi notada também por Aziz Nacib Ab’Sáber em diversas ocasiões. Aziz, que buscou analisar, ao longo de diversos trabalhos, a complexa relação entre o sítio original e o desenvolvimento urbano de algumas cidades brasileiras, apontou as contribuições de Reclus para o estudo das cidades do Rio Grande e Porto Alegre.

Sobre os estudos realizados sobre o Rio Grande, Ab’Sáber afirma,

Se é que existe nos trabalhos dos viajantes, naturalistas e geógrafos, que passaram pelo Rio Grande, excelentes pinceladas sintéticas sobre o sítio original onde foram instaladas as primeiras construções urbanas (Saint Hilaire, Elisée Reclus, Aroldo de Azevedo e Jean Roche), falta até hoje qualquer estudo mais criterioso do sítio urbano, em escala metropolitana, suficientemente minucioso para poder interessar a geógrafos, urbanistas e administradores.

Se os estudos de Elisée sobre o Rio Grande pareciam insuficientes para Aziz, a análise do geógrafo francês sobre a cidade de Porto Alegre, possuía um caráter original, ainda que tenha sido tomada de forma equivocada, por alguns autores como Aroldo de Azevedo, que tomaram uma observação pontual de Reclus por um generalização.

Acreditamos ser tempo de se corrigir uma pequena deturpação havida no passado em

relação à descrição do sítio urbano de Porto Alegre. Acontece que a partir de uma outra pequena síntese, mais antiga e muito original, feita por Elisée Réclus (1887), a respeito de um setor do sítio urbano da cidade oitocentista, tem sido referido, um tanto imprecisamente, por diversos autores, um caráter de “anfiteatro” em relação ao sítio da cidade (Azevedo, 1952; Roche, 1955). Trata-se de uma dessas imagens, apenas parcialmente válidas, e que podem ficar muito tempo na bibliografia sem representar, contudo, inteiramente a realidade.

Em verdade, o que o geógrafo Elisée Réclus fez foi tentar fixar a paisagem urbana que, em fins do século passado, era observado a partir das elevações dos Moinhos de Vento (de ENE para WSW), ou seja, tendo como ponto de observação os patamares elevados existentes entre o Hospital Moinhos de Vento e o morro Ricaldone, a cavaleiro da baixada do Bairro da Floresta. Aliás, trata-se de um local ainda hoje utilizado com vantagens, para quem queira ter uma ideia da topografia e da paisagem urbana de uma parte importante da metrópole porto-alegrense. O observador postado naquelas paragens pode perceber exatamente aquilo que Réclus habilmente anotou: a existência de uma reentrância bem marcada, sob a forma de um pequeno “embaçamento”, nos flancos setentrionais do espigão-promontório central da cidade. Trata-se de uma área onde o Espigão Central granítico é ligeiramente chanfrado e em que, conseqüentemente, a planície do Jacuí sofre um alargamento relativo: o conjunto apresentado, localmente, tem o aspecto de ligeiro anfiteatro ou recôncavo. Aí, nas planícies aluviais ribeirinhas, outrora alagáveis do baixo Jacuí, localizavam-se alguns velhos bairros periféricos do Centro (Quinto Distrito, Floresta), situados entre as avenidas Cristóvão Colombo, Farrapos e Voluntários da Pátria (ex-Caminho Novo).

O grande problema acertado por esta imagem de Elisée Reclus foi o de deixar margem para se tomar a parte pelo todo e, com isto, focalizar a atenção para aquilo que era local e ocasional, em detrimento daquilo que é regional e típico. (AB’SÁBER, 1965)

Aziz não deixa de lembrar também que a obra *NGU* exercia influência sobre os estudos de Mário Lacerda de Melo em seus estudos sobre as paisagens do nordeste, frente a isso Ab’Sáber constata:

Entre nós, vieram à lume alguns retratos ou perfis “geográficos”, apanhados com maior ou menor felicidade, a partir das publicações de Levasseur (1889-1890), Santa-Anna Nery (1890) e Elisée Reclus (1894 e 1900), aos quais seguiram anos depois, os estudos de Pierre Denis (1910 e 1927), Preston James (1942), Henry Platt (1943), Lynn Smith (1946), Aroldo de Azevedo (1950), Smith e Marchant (1951), Jacques Lambert (1953), Pierre Monbeig (1954), Maurice Le Lannou (1955), e Roger Bastide.

A obra de Reclus parece ter exercido influência até mesmo no jovem Carlos Augusto de

Figueiredo Monteiro, que aos 24 anos, em 1951, ao preparar um estudo do Clima do Centro-Oeste Brasileiro se utiliza da análise meteorológica reclusiana para apoiar seus estudos.

No decorrer do ano verificam-se na região em foco, grandes oscilações nos elementos meteorológicos. Reclus já se mostrara surpreso, notando que “as mudanças realizam-se subitamente como não há exemplo nas outras regiões tropicais”⁴⁸, fato que DELGADO DE CARVALHO explica pela ação intensamente variável dos ventos. (Revista Brasileira de Geografia, p.10, 1951, vol.13 nº1)

Como pudemos notar brevemente nestes apontamentos, as referências e citações a Élisée Reclus na geografia brasileira aparecem mais presentes e significantes do que o apresentado por alguns historiadores da geografia no Brasil. Tantos outros autores ainda foram deixados fora deste compilado e que, só não serão apresentados aqui, não por qualquer demérito de sua obra, se não, pela impossibilidade deste que escreve em seguir concatenando a narrativa destes autores e suas obras com a de Élisée Reclus.

48 Citado por Delgado de Carvalho em *Meteorologie du Brésil* -Londres, 1917.

Considerações finais

Caminhamos juntos até aqui por essa narrativa científica. Como o leitor deve ter percebido não foi a ânsia em defender conceitos ou teorias que mobilizaram o presente trabalho. Antes disso, tivemos o desejo de compilar e compartilhar com o leitor algumas referências e inquietações que tem nos acompanhado ao longo dos últimos anos de reflexões sobre a ciência e sua história.

As afirmações definitivas, que alguns historiadores da geografia tanto gostam de proclamar, sobre a história dessa ciência, e, em especial, sobre a história de alguns cientistas – como é o caso de Élisée Reclus – não nos cabem e, em verdade, as rechaçamos.

Nos últimos anos temos realizado um enorme esforço em pesquisar e compilar trabalhos sobre o geógrafo anarquista. A extensão da obra de Reclus e as múltiplas abordagens que foram feitas sobre ela em diversas partes do mundo, nos deixam ainda mais receosos de fazer, em um momento ainda tão precoce da compilação e organização dos materiais, qualquer afirmação ou narrativa fechada e definitiva.

Ao contrário disso, este trabalho tem quase que exclusivamente o interesse em demonstrar aos leitores que muito foi escrito – mas muito mais mesmo – sobre a obra de Reclus em diversos contextos históricos do que os comentadores deste autor puderam apreender e apresentar em suas pesquisas.

Desta forma, este trabalho se configura, antes de mais nada, como um convite a pesquisa desta tão monumental e multifacetada vida e obra de Élisée Reclus e de seus interlocutores.

Se esta obra tem algum outro mérito além deste, isto se dá devido aos esforços de pesquisadores e militantes que tem desenvolvido, principalmente após a virada do século, uma série de pesquisas e provocações que nos estimularam pensar além. Sem as pesquisas de Ferretti e Pelletier certamente pouco teríamos avançado em descobrir uma tão imbricada rede de trabalho e de solidariedade como foi aquela da *Nouvelle Geographie Universelle*. Não teríamos tido também a possibilidade de compreender esta obra em sua profundidade e detalhes, uma vez que foram estes que tiraram, através de longas pesquisas, o estigma de “obra descritiva”, ou “colonialistas” que alguns pesquisadores da história da geografia haviam lhe incutido até bem pouco tempo atrás.

É para somar esforços a estes trabalhos que realizamos esta pesquisa. Teria sido Reclus um autor inexpressivo? Descritivo? Desconhecido? Esquecido? O que pudemos perceber até o presente é que tais rótulos nada auxiliam para nosso trabalho de pesquisa e compreensão deste autor.

Por outro lado, o resgate das obras de Reclus sobre o Brasil, empreendido pelo tradutor

Plínio Augusto Coelho, em especial d'*O Brasil e a Colonização*, nos permite dialogar e começar a compreender a amplitude da obra de Reclus e a potência de sua argumentação.

O levantamento que realizamos junto a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, parece nos abrir interessantes portas para a análise da história da geografia no Brasil. O mapa abaixo, produzido a partir deste levantamento de dados nos permite uma série de reflexões sobre a recepção das ideias de Reclus no Brasil, mas não só.

Mapa 3: Publicações sobre Élisée Reclus nos jornais brasileiros (1862-1909)

Os dados levantados nos mostram que a circulação das informações, em pleno século XIX,

eram dinâmicas e ocorriam por todo o território brasileiro. Os embates realizados por vezes afirmaram temas sensíveis a algumas regiões e em outros, questões de ordem geral.

Em nossa narrativa científica buscamos nos concentrar em dois momentos específicos dessa recepção – as publicações na *Revue des Deux Mondes*, e a *Nouvelle Geographie Universelle*. Esperamos ter conseguido cumprir ao longo dessa trajetória o objetivo de trazer à tona os vivos e intensos debates ocorridos em torno da escravidão, do império e da colonização, tão presentes nestas obras e nas respostas dadas a estas pelos seus interlocutores. Era para atacar e contribuir com a destruição destas instituições tão nefastas que Reclus escreveu suas obras. Este projeto de “civilização” para os povos autóctones de todo o mundo pautado na colonização – expansão comercial e territorial –, escravidão, vício e miséria, era o que Reclus buscava combater em sua obra geográfica.

Se ao longo destas páginas nos apoiamos principalmente em seus escritos publicados no século XIX, é com uma citação da obra *O Homem e a Terra*, de 1905, que encerramos esta narrativa.

O argumento por excelência dos políticos ardentes em dividir o mundo em territórios coloniais consiste em defender a necessidade de encontrar exutórios para a população crescente da Europa e para a superabundância dos produtos manufaturados. A esse artigo fundamental acrescentam-se, sem que se creia em uma única palavra disso, alguns discursos repetitivos sobre a influência moralizadora da civilização cristã, e a consciência é satisfeita. É verdade que a maioria desses territórios anexados sob latitudes longínquas não convém absolutamente à aclimação dos europeus, e que, por sinal, estes, conquanto fossem favorecidos por um clima que lhes fosse propício, não encontrariam ali ocupações conformes a seu tipo de vida. Esses vastos domínios, acrescidos ao território dito “colonial”, não devem ser considerados como autênticas colônias, pois não são em absoluto destinados a receber colonos; eles só podem servir a hospedar os excedentes de população emigrante da Europa. São simplesmente locais de residência para alguns negociantes que buscam explorar as riquezas naturais dos lugares e prover às necessidades dos indígenas. Mas a maioria desses nativos habituados a uma existência das mais simples, encontra ao seu redor, nos produtos do solo, tudo que lhes é necessário; é preciso, assim, que os esforços dos pretensos colonizadores combinem-se para fazer nascer novas demandas, especialmente aquela da aguardente ou de um veneno qualquer batizado por esse nome; entre os negros empurrados à loucura, a moeda, outrora desconhecida, só adquiriu utilidade para a compra de genebra ou álcool a 36 graus. Eis, nos países ocupados do continente negro, o que se diz ser o começo da civilização, a etapa que sucede a essa da escravidão. Admitamos que há progresso, porquanto o comprador negro é agora etiquetado como homem livre. (RECLUS, H&T, 396)

REFERÊNCIAS

Fontes básicas:

Biblioteca Nacional.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

IBGE.

Sociedade Brasileira de Geografia.

Periódicos:

A Campanha

A Capital

A Cidade

A Coalção

A Constituinte

A Epoca

A Federação

A Illustração

A Illustração Brasileira

A Imprensa

A Imprensa

A Instrucção Publica

A Lanterna

A Nação

A Noticia

A Noticia (PR)

A Nova Revista

A Opinião

A Patria Paraense

A Provincia

A Provincia de Minas

A Provincia de São Paulo
A Provincia do Espirito Santo
A Reforma
A Republica (CE)
A Republica (PA)
A Republica (PR)
A Republica (RJ)
A República (RN)
A Sentinella da Instrucção
A Tribuna Livre
A União
A Vanguarda
Almanach do Municipio de Barbacena
Almanach do Paraná
Almanak Litterario e Estatistico
Almanaque do Garnier
Annuario da Provincia do Rio Grande do Sul
Annuario de Minas Geraes
Cidade do Rio
Correio da Manhã
Correio da Tarde
Correio do Estado
Correio Mercantil
Correio Paraense
Correio Paulistano
Diario da tarde
Diario de Belem
Diario de Manaos
Diario de Noticias
Diario de Noticias (PA)
Diario de Noticias (RJ)
Diario de Pernambuco

Diario de São Paulo
Diario do Brazil
Diario do Commercio
Diario do Maranhão
Diario do Natal
Diario do Rio de Janeiro
El Correo Gallego
El Semanario
Estado de São Paulo
Estado do Amazonas
Estado do Espírito Santo
Folha do Norte
Fon-Fon
Gazeta da Tarde
Gazeta de Noticias
Gazeta de Petropolis
Gazeta de Sergipe
Gazeta do Norte
Gazeta Nacional
Gutenberg
Il Bersagliere
Il Lavoro
Imprensa Evangelica
Jornal da Victoria
Jornal de Recife
Jornal do Agricultor
Jornal do Brasil
Jornal do Brazil
Jornal do Ceará
Jornal do Commercio
Jornal do Commercio (AM)
Jornal do Recife

Jornal Pequeno
Kosmos
L Etoile du Sud
Le Messenger du Bresil
Leitura para Todos
Libertador
Mensajeira
Minas Geraes
Municipio de Cambucy
Nova Philadelphia
Novidades
O Album
O Apostolo
O Archivo Illustrado
O Brasil
O Brazil Elegante
O Cachoeirano
O Cearense
O Combate
O Commercio de São Paulo
O Conservador
O Cruzeiro
O Cruzeiro do Sul
O Democrata
O Despertador
O Estado de Minas Gerais
O Estado de São Paulo
O Estado do Espirito Santo
O Fluminense
O Globo
O Liberal
O Liberal do Para

O Marmorista
O Matto-Grosso
O Mequetrefe
O Mercantil
O Novo Mundo
O Paiz
O Pará
O Pharol (MG)
O Pharol (MT)
O Publicador
O Reporter
O Século
O Sorriso
O Tempo
Pacotilha
Paraná
Pedro II
Pequeno Jornal (BA)
Pequeno Jornal (PE)
Pharol
Ramo de Acacia
Relatório do Ministerio da Justiça
Relatorio dos trabalhos do Conselho Interino de Governo
Republica
Revista Brasileira
Revista da Academia Cearense
Revista da Semana
Revista do Instituto Polytechnico
Revista dos Constructores
Revista Fluminense
Revista Industrial de Minas Gerais
Revista Maritima Brasileira

Revista Popular
Santos Commercial
Semana Ilustrada
The Rio News

Bibliografia:

ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. **Civilização e Barbárie, História e Cultura:** representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República. 1998. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985.

CAPEL, Horacio. **Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981.

CARDOSO, Luciene P. Carris. A visita de Élisée Réclus à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. **Revista da Sociedade Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2006.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da Fome:** ensaio sobre os problemas de alimentação e de população. 7a. edição revista e aumentada. Prefácios de Pearl S. Buck, Lord John Boyd Orr e Max Sorre. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965.

CLAVAL, Paul. **Evolución de la geografía humana**. Barcelona: Oikos-tau, 1974.

_____. Une biographie d'Élisée Reclus [Dunbar (Gary), 1978, Élisée Redits, historian of Nature. Hamden (Connecticut), Archon Books]. In: **Espace géographique**. Tome 11 n°4, 1982. pp. 315-316.

DUARTE, Regina Horta. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Élisée Reclus, **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, 2006, p. 11-24.

FERRETTI, Federico. Evolução e Revolução: os geógrafos anarquistas entre ciência e militância Apresentado no **Colóquio Internacional Ciência e Anarquismo** [inédito em português].

_____. La Comuna de París y los orígenes del pensamiento anarquista: la experiencia de los hermanos Reclus. in **Germinal** - Revista de Estudios Libertários. N° 8, Octubre 2009.

_____. The correspondence between Élisée Reclus and Pëtr Kropotkin as a source for the history of geography. in **Journal of Historical Geography**, vol. 37, 2011. p. 216-222

_____. , PELLETIER, Philippe. “Eles têm o direito de expulsar-nos”: a nova geografia universal de Élisée Reclus, **Espaço e Economia**, Revista Brasileira de Geografia Econômica, 3, 2013.

_____. , _____. En los orígenes de la geografía crítica. Espacialidades y relaciones de dominio en la obra de los geógrafos anarquistas Reclus, Kropotkin y Mechnikov, **Germinal** - Revista de Estudios Libertarios, n. 11, 2014, pp. 57-79.

_____. , _____. “Indígenas do universo”: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Élisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff. **Revista Território Autônomo**, nº 2, Outono de 2013. pp. 5-16

GIBLIN, Béatrice. Élisée Reclus : géographie, anarchisme. **Hérodote**, n. 2, Paris : François Maspero, avril-juin 1976, p. 30-49.

_____. Élisée Reclus, 1830-1905. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 6-12.

_____. Élisée Reclus et la colonisation. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.- sept. 1981, p. 56-79.

GIRÓN, Álvaro. Piotr Kropotkin visto desde Élisée Reclus: ciencia, amistad y anarquía. in. **Ciència**

i compromís social. Publicacions de la Residència d'Investigadors, 32: Barcelona, 2007. p. 127-164

KROPOTKIN, Piotr. O que a geografia deveria ser. in KROPOTKIN, Piotr e RECLUS, Élisée. **Escritos sobre Educação e Geografia.** São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2011.

LACOSTE, Yves. **A geografia** – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 2005.

_____. Géographicité et géopolitique : Élisée Reclus. **Hérodote**, n. 22, Paris : François Maspero, juil.-sept.1981, p. 14-55

LOPES, Milton. Elisée Reclus e o Brasil. **GEOgraphia**. Niterói: UFF/EGG, v. 11, n. 21, 2009.

MIYAHIRO, Marcelo A. A viagem científica de Élisée Reclus ao Rio de Janeiro da Primeira República. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2009. Disponível em : <<http://enhpgii.wordpress.com/trabalhos>>. Acesso em : 12 set. 2013.

MORAES, Antonio C. R. **A gênese da geografia moderna.** São Paulo: Hucitec, 1989.

NETTLAU, Max. **Eliseo Reclus (1830-1905):** la vida de un sabio justo y rebelde. 2 vol. Barcelona: La Revista Blanca, 1930.

PEET, Richard (org.). **Anarquismo y Geografía.** Barcelona: Oikos-tau, 1989.

PELLETIER, Philippe. *Élisée Reclus, teoria geográfica e teoria anarquista.* Apresentado no Colóquio Internacional “**Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo**” [inédito em português].

RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. Las geografías de Reclus y Vergara: itinerario de una red. 2006. 75 f. Monografia (Título de Historiador) – Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2006.

_____. Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção. 2010. 234 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RECLUS, Élisée. **Nouvelle Géographie Universalle**. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine. Paris : Hachette, Tome XIX; 1894.

_____. **Estados Unidos do Brasil**: geographia, ethnographia, estatistica. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

_____. **Correspondance**, Tome III et dernier. Septembre 1889 - Juillet 1905. Paris : Alfred Costes, 1925.

_____. **A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.

_____. O ensino da geografia. in KROPOTKIN, Piotr e RECLUS, Élisée. **Escritos sobre Educação e Geografia**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2011a.

_____. **O Homem e a Terra – Internacionais**. São Paulo: Imaginário, 2011b.

_____. **O Homem e a Terra – O Estado Moderno**. São Paulo: Imaginário, 2010.

_____. **O Homem e a Terra – Progresso**. São Paulo: Imaginário, 2011c.

_____. **Da ação humana na Geografia Física**. São Paulo: Imaginário, 2009.

RITTER, Carl. De la configuration des continents sur la surface du globe, et leurs fonctions dans l'histoire. *Revue germanique*, v. 8, n. 11, 1859, p. 241-267.

SPRINGER, Simon. Anarchism and Geography: A Brief Genealogy of Anarchist Geographies. **Geography Compass** 7/1, 2013: pp. 46–60

ANEXOS

ANEXO 1: Prefácio de Élisée Reclus ao texto *La Configuration des Continents sur la surface du globe, et de leurs fonctions dans l'histoire*⁴⁹, de Carl Ritter.

O memorial a seguir, no qual Ritter resumiu algumas de suas ideias gerais, e que ele desejava muito apresentar ao público francês, foi traduzido a seu pedido e sob sua supervisão. Ele foi lido perante a Academia de Ciências de Berlim por ocasião do 200º aniversário do nascimento de Leibnitz. Desde aquela época, de muitas descobertas, os fatos geográficos muito importantes e que Ritter não deixou de discutir, vieram para apoiar sua teoria: nós deveríamos, talvez, indicá-los em nota e nos permitir ao mesmo tempo levantar respeitosamente algumas dúvidas sobre o valor de certas ideias místicas, mas preferimos não atentar contra a majestade do texto.

Uma breve nota biográfica sobre Carl Ritter já apareceu na edição anterior da *Revue germanique*: nós não voltaremos a ela. Nos é suficiente apenas descrever em poucas palavras a aparência externa deste nobre ancião, tal como nós gostamos. Ele era de alto e forte, sua fronte era larga, sua figura tão poderosamente esculpida como a de Goethe, mas ele tinha também extrema doçura no olhar e no sorriso. Ele caminhava com um passo lento e irregular e, muitas vezes, parava para refletir; seus olhos dirigidos ao longe como se estivesse sonhando com a Ásia ou a África distantes, raramente se abaixavam sobre aqueles com os quais falava; sua voz, retida bruscamente por um pensamento, se interrompia de tempos em tempos; víamos em cada um de seus movimentos que ele era possuído pelo demônio da ciência e, todo velho e enfraquecido como estava, sentíamos que, pelo estudo, ele se tornava jovem. Seus cursos, de uma maravilhosa clareza, abordavam os temas mais grandiosos com uma linguagem de uma simplicidade quase infantil. Ele não se considerava obrigado, como em suas obras, a dizer tudo; ele omitia as relações comerciais, os detalhes estatísticos ociosos, as longas digressões históricas ou biográficas, e se contentava em apontar simplesmente os grandes fatos. E nós, seus alunos, o escutávamos não apenas com a mente, mas também com o coração, de tanto que ele colocava doçura e graça em cada uma de suas palavras; de tanto ele colocava bondade para nos dar as explicações acompanhadas de afetuosos encorajamentos, colocando sobre nossos ombros sua mão paternal. Além disso, como todos os homens grandes pela bondade e pela inteligência, ele estava mentindo.

E agora, como fazer uma homenagem suficiente à audácia heróica com a qual ele tentou o impossível? Só, em uma idade em que a maioria dos homens já quase terminou sua vida e não têm mais nem entusiasmo, nem ideias, ele não teve medo de empreender uma obra que uma geração de cientistas ousaria apenas tentar. Ele acumulava tijolo por tijolo para este imenso trabalho que ele sabia que não seria capaz de finalizar; ele construía uma Torre de Babel que ele sabia que não poderia elevar até o céu; mas, sem falhas, ele continuava sua tarefa e confiava à humanidade os cuidados de concluir sua obra.

Foi ele que retirou a Geografia do buraco miserável das nomenclaturas, que nos fez estudar com o mesmo espírito a história da terra e a dos astros, que nos ensinou como um dogma imutável a vida de nosso globo. Graças a ele nós sabemos que os continentes, os planaltos, os rios e as costas estão dispostos, não ao acaso, mas em razão das leis do movimento, leis eternas que fazem gravitar os astros ao redor dos astros, os continentes e os mares ao redor de um eixo central.

É. Reclus

49 Tradução do autor, com revisão de Rui Ribeiro de Campos, a partir da obra: RITTER, Carl. **De la configuration des continents sur la surface du globe et de leurs fonctions dans l'histoire**: mémoire. *Revue germanique*, novembre, 1859.

ANEXO 2. Mapa: Povos de todas as Rússias e outros países submetidos ao Czar⁵⁰.

50 Mapa disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8444265f> (acessada 29/1/2013)

O Brasil e a colonisação.

Sob este titulo publicou a *Revista dos Dous Mundos* nos seus numeros de 15 de junho e 15 de julho ultimo dous longos artigos que chamam naturalmente a nossa attenção.

Não nos póde ser indifferente o que se escreve e se pensa a respeito do nosso paiz e das nossas cousas na parte mais civilisada do velho mundo; e se por ventura nos é licito desprezar as invenções ridículas e os aleives grosseiros que enchem os livros e os escriptos de charlatães improvisados em viajantes observadores da nossa terra, indispensavel se torna refutar os erros que se podem passar como verdadeiros apadrinhados pelo prestigio ou de um nome de autor conhecido, ou de uma publicação periodica justamente apreciada.

A *Revista dos Dous Mundos* está neste caso: é um periodico estimado dos sabios e dos litteratos, é um dos mais considerados órgãos da imprensa de Paris; quasi sempre escolhe com esmero os artigos que publica, e portanto as noticias que espalha, as ideias que propaga, produzem mais ou menos impressão no espirito dos seus leitores, que se contam por milhares.

Assim, pois, era para nós mais do que simples satisfação de curiosidade, era um dever a leitura desses dous artigos assignados por Elisée Reclus, porque embora não estivessem apadrinhados por um nome deslumbrante na republica das letras, tinham por si o reflexo do prestigio do periodico que os estampava nas suas paginas.

Abrimos com empenho a *Revista dos Dous Mundos*; mas infelizmente logo na introdução, logo no primeiro periodo do trabalho do Sr. Elisée Reclus achamos fundamentos seguros para duvidar do bom resultado do seu estudo e da justeza das suas apreciações.

As fontes principaes, as decididamente preferidas pelo Sr. Elisée Reclus, as fontes elle bebeu quasi todas as informações que serviram de base ao seu trabalho, foram, o Sr. Elisée Reclus o declara, as obras do Sr. Avé Lallemand e do Sr. Biard, os *Reise durch Sud-Brazilien im Jahre 1858*; *Reise durch Nord-Brazilien im Jahre 1859* do primeiro e *Deux années au Brésil* pelo segundo, isto é, a obra da maledicencia e a da ingratidão, ou a do alieve e do charlatanismo.

Para o Sr. Elisée Reclus, o Sr. Avé Lallemand é um viajante que pertence a essa pleiade de sabios que tem elevado as viagens á altura de uma missão social; e o livro do Sr. Biard está cheio de observações engenhosas e de desenhos que são obras primas de verdade.

Fazendo tal juizo dos escriptos dos dous viajantes, era impossivel que o Sr. Elisée Reclus deixasse de tornar-se muitas vezes écho dos aleives e das falsidades de um, e das extravagantes, imaginarias e ridículas observações do outro.

E é isto tanto mais para sentir, quanto mais devemos dizê-lo, o Sr. Elisée Reclus enuncia bons principios, e parece desejoso de procurar a verdade; mas desditosamente o seu trabalho tem um vicio original, nasceu das fontes envenenadas.

Nós temos já conhecimento das obras dos Srs. Avé Lallemand e Biard, e sabemos o que ellas valem, como deve saber o governo quanto nos custou a do primeiro.

O Sr. Avé Lallemand escreveu animado sempre de má vontade contra os Brasileiros, e onde póde achar occasião de ferir-nos, desvirtuando os factos e calumniando as intenções, não hesitou em fazê-lo. Entendeu lá para si que era patriotismo allemão o indicio de profunda sabedoria ver nos filhos desta pobre terra algozes dos seus patrícios, e nos costumes do nosso povo as expressões de quasi selvaticuezas; misturou aleives com algumas observações verdadeiras, vestiu uns e outros com as galas de um estylo agradável, escondeu a peçonha no meio de flores, e julgou perfeitamente cumprida a sua santa missão.

Da obra do Sr. Avé Lallemand um único proveito póde ser colhido pelo Brasil: é o fructo da lição da experiencia que ensinará o nosso governo a escolher melhor os seus viajantes estipendiados.

Quanto ao Sr. Biard, aceitamos a palavra de que se serviu o Sr. Elisée Reclus para qualificar as observações desse viajante: o Sr. Biard é um – turista engenhoso ;– mas engenhoso de mau gosto; porque é de mau gosto a manifesta jactancia de ingratidão daquelle que confessa os favores que recebeu, e morde as

mãos que o favoreceram; que recorda a pratica da mais nobre hospitalidade, e ri e zomba do hospede que o recebeu debaixo do tecto. O Sr. Biard é daquelles visitantes que inventam quando não podem ver, e falsificam o que vêem; mas não tendo como o Sr. Avé Lallemant um estylo que o recomende, vingou-se dessa superioridade do seu emulo, falsificando com o pincel depois de falsificar com a penna. As estampas que ornaram o livro do Sr. Biard, estampas que o Sr. Elisée Reclus considerou obras primas, são muitas vezes caricaturas insultuosas, ou quadros—engenhosos de um turista diffamador.

Não nos doem, não nos affligem as observações veridicas, nem as justas censuras dos abusos de alguns costumes ridículos, e praticas reprehensíveis que se observam, não só no interior do paiz, como ainda nas nossas mais populosas cidades: a crítica, a censura são em tal caso muito aproveitáveis, com ellas vem a luz da civilização, com ellas vem os melhoramentos, com ellas ganha o paiz e ganha o povo. O que nos indigna é a falsidade que nos insulta, emprestando-nos vicios e até crimes, de que não podemos ser acusados.

Agora mesmo acabamos de lêr *O Imperio do Brasil – Monographia completa do Imperio Sul-Americano*, de Baril, conde de La Hure, obra em cujo ultimo capitulo se enxotram algumas observações criticas sobre certos costumes da população do interior do nosso paiz, e nem de leve nos ressentimos do que escreveu o autor desse livro, porque reconhecemos o justo fundamento das suas reflexões; mas entre o conde de La Hure e Avé Lallemant e Biard ha uma distancia de verdade dos homens do embuste.

Demoramo-nos lembrando os escriptos dos Srs. Avé Lallemant e Biard para tornar menos dolorosos ao Sr. Elisée Reclus os graves erros que commetteu, e as injustas apreciações que fez nos seus dous artigos estampados na *Revista dos Dous Mundos*; mas esta consideração não o absolve de tudo, porque o homem que se julga habilitado para escrever sobre uma materia, deve assumir a responsabilidade das proposições que enuncia, da historia que conta, e dos factos de que se suppõe sabedor; deve ter pelo menos criterio bastante para escolher as fontes das suas observações, e para não confundir Ferdinand Denis com Biard, ou o principe Maximiliano com Avé Lallemant.

Entretanto são seremos demasiadamente severos com o collaborador da *Revista dos Dous Mundos*, devemos dar-lhe meio perdão ao menos de um duplo erro que tambem commerremos; tambem o nosso governo acreditou facilmente no criterio do Sr. Avé Lallemant, e tambem nós julgamos digno de consideração o Sr. Biard.

Estudaremos pois, embora não tão largamente como poderíamos fazê-lo, examinaremos sem ressentimento e com frieza o trabalho do collaborador da *Revista dos Dous Mundos*.

O Sr. Elisée Reclus dividiu as suas observações que intitulou O Brasil e a Colonisação em dous artigos: no primeiro tomou por objecto “A bacia do Amazonas e os Indios” no segundo “As provincias do litoral, os negros e as colonias alemães”.

Em ambos esses artigos e especialmente no ultimo, são frequentes os erros de historia, de geographia e de topographia do paiz, e sem que tomemos a peite aponta-los todos, não nos esqueceremos de mencionar alguns á medida que formos discutindo os diversos pontos.

Precede a materia dos dous artigos um período de introdução, sobre o qual adiantaremos agora mesmo algumas breves considerações.

A guerra civil que se acha travada nos campos da confederação norte-americana traz com uma viva anxiedade o pensamento do Sr. Elisée Reclus a considerar todos os paizes da America em que ainda existe a escravidão, e muito especialmente o Brasil, nas circumstancias e na historia do qual acha este escriptor muitos pontos de semelhança com as dos Estados-Unidos.

Acreditamos como o Sr. Elisée Reclus, que o resultado da luta terrivel que rebentou na grande confederação americana póde ter immensa influencia sobre os destinos do imperio brasileiro: mas entre os pontos de analogia que o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* encontrou nos dous paizes, protestamos desde já contra a expansão que se póde das á sua proposição sobre os Indios.

É verdade que em um e outro desses vastos territorios o Europeu conquistador penetrou no interior, levando diante de si o Indio, é verdade que no Brasil o colono fez do indio seu escravo; é verdade que o nosso gentio experimentou tormentos indizíveis em uma peregrinação violenta e cruel. Mas é verdade tambem, cumpre dizê-lo, que desde meados do seculo XVIII a escravidão do gentio cessou, e a protecção a essa gente infeliz foi um preceito da lei, e não se conservou como systema o extermínio do gentio, a guerra quasi sem quartel aos miseros selvagens.

Nos Estados-Unidos essa pratica não foi considerada como um crime.

Podem-se entre nós apontar abusos e violencias de que mesmo ainda hoje estejam sendo victimas alguns indios; mas esses abusos são crimes diante da lei, e se muitas vezes escapam impunemente é que a espada da justiça não pôde facilmente chegar a esses longinquos e occultos retiros onde a prepotencia assim alça o collo.

Limitamo-nos a esta simples reflexão por ora; provavelmente acharemos ensejo para tornar a este assumpto, no qual nos encontraremos com o Sr. Elisée Reclus.

O período de introdução dos artigos a que aludimos, termina com os mais pomposos elogios aos Srs. Avé Lallemand e Biard. Deixemos o Sr. Elisée Reclus na sua suavissima illusão a respeito das suas duas preciosas fontes até ao próximo numero, em que discorreremos sobre o seu primeiro artigo.

II

O Sr. Elisée Reclus dá princípio ao seu primeiro artigo, o da Revista dos Dous Mundos de 15 de junho, fazendo uma divisão de norte e sul do Brasil que não pode ser admittida, e que nem mesmo aproveita as ultimas consequencias que elle pretende deduzir das suas observações.

Para o Sr. Elisée Reclus é o cabo de S. Roque o ponto divisor do norte e do sul do Brasil, e por esse modo ficariam sendo provincias do sul do imperio o Rio Grande do Norte, a Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, que aliás pertencem ao grande grupo das nossas provincias septentrionaes, tendo assim sido consideradas desde o tempo do Brasil colonial, sempre que a metropole julgou dever crear um governo geral separado para as capitancias do sul.

Em divisão tão arbitraria não vemos a conveniencia de se sacrificarem idéas estabelecidas, na historia do passado, e aceitas e firmadas no espirito da população.

Mas determinando, como dessemos, o seu ponto divisor do norte e do sul do Brasil, o Sr. Elisée Reclus informa que embora mais vizinhas da Europa, as provincias do Ceará para o Norte tem sido menos favorecidas pela civilização européa, que parece parar diante do magnífico *estuario* do Amazonas.

Não lembráramos esta reflexão do collaborador da Revista dos Dous Mundos, reflexão que não deixa de ser bem fundada, mas que se pode referir ainda a outras provincias, se não tivessemos de fazer notar que na comparação das diversas capitães das provincias erige elle a Parahyba, em capital do Piahy, fazendo assim descer da sua cathegoria a Theresina.

O escriptor francez penetra no magestoso Amazonas, e extasiado com razão ao contemplar tantas maravilhas de uma natureza colossal, triumpho em breve do próprio assombro, e começando uma rapida descripção, encontra nas florestas das margens do grande rio o páu-brasil e o cafeseiro de mistura com outras arvores, que realmente ali crescem.

Estes e outros erros indicam que o Sr. Elisée Reclus não tem os necessarios conhecimentos para escrever sobre um paiz que nunca visitou, e a respeito do qual proferiu os peiores livros para beber luzes que não tinha. E como não queremos agora insistir em inexactidões desta ordem, limitar-nos-hemos a lembrar mais tres erros que commetteu o escriptor francez, e que neste momento nos vem a memoria: elle chama *piranga* a *piranha*, peixe bem conhecido e que abunda em alguns rios do norte, e em uma nota lembra-se de fazer derivar do allemão *toschauer* ou *zuschauer* o nome *tucháuas*, chefe de indios; e peor que tudo isso, ignora o que seja a *língua geral* fallada pelos indios, e a que elle chama especie de língua franca formada de palavras de origem guarani, e ensinada pelos jesuitas aos paes dos selvagens do Amazonas.

O collaborador da *Revista dos Dous Mundos* entra nas duas questões dapitães do seu primeiro artigo e discorre sobre os indios e sobre a colonisação.

Tratando dos indios, começa por estudar a estatistica da população das provincias do Pará e Alto-Amazonas, e acertando quando a não considera lisongeira, erra quando a reduz a 256,000 almas, devendo eleva-la a 350,000.

A base da *população amazoniana*, diz elle em seguida, *se compõem de indios, a que se tem dado o nome geral de Tapuyas*; mas não observa que naquella estatistica não entram numerosas tribus desses indios; e isso era tanto mais necessario quanto é certo que em suas considerações o Sr. Elisée Reclus confunde de um modo lamentavel as tribus errantes com os Indios aldeados ou em relação com o homem civilisado.

Não pertencemos ao numero daquelles que ainda louvam o barbaro systema das *bandeiras* e da escravidão ou da perseguição do gentio; mas realmente o Sr. Elisée Reclus pecca por exagerado quando proclama a *bondade e doçura entrenecedora* dos Tapuyas: os Indios das florestas são o que podem ser em

sua extrema selvaticueza, e longe estão de primar por bondade e doçura: a santa causa da humanidade não precisa embelezar o selvagem para servi-lo.

Feitos estes reparos, declaramos com franqueza e prazer que estamos de accordo com o autor do artigo da *Revista dos Dous Mundos* a respeito de quasi todas as suas idéas sobre o gentio do Amazonas.

Pensamos, como elle, que abusos lamentaveis, e uma incuria desastrosa, tem dado dausa a emigração de muitas hordas de Indios do Amazonas para as terras das republicas vizinhas, e que essas emigrações são da maior in conveniencia para o Brasil.

Pensamos, como elle, que o nosso governo não se tem esforçado, como deve, no empenho da catechese e da conquista civilisadora do gentio, necessidade palpitante do paíz, que não póde dispensar tantos braços vigorosos, e que tão uteis seriam.

Pensamos, como elle, que o gentio poderia dar-nos a melhor das colonisações para o Amazonas, se com vontade forte, esforço constante, paciencia e caridade chegassemos, e isso é possível, a arrancar do seio das florestas e aldear essas hordas numerosas que muito contribuiriam para a riqueza futura das provincias ribeirinhas do grande rio.

Vejam embora nestas idéas uma utopia, um sonho irrealisavel, alguns ou muitos homens que testemunhando o poder da força humana domando os mais ferozes animaes, ainda assim não admittem que se chegue a catechisar e aproveitar o indio selvagem! Vejam-o embora, nós acompanharemos nesse ponto o Sr. Elisée Reclus, e pediremos ao governo brasileiro que reflecta seria e demoradamente sobre tão grave e tão importante assumpto.

Passando a tratar da colonisação e dos trabalhos e empenho empregados para leva-la ás terras do Amazonas, o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* torna a cahir em evidente exaggeração, partindo de um principio até certo ponto verdadeiro.

Com effeito é uma verdade que as terras mais septentrionaes do Brasil são menos favoraveis que as do sul aos colonos europeus, e especialmente aos colonos do norte da Europa, e isto perfeitamente se explica pela grande differença do clima; ainda assim porém é levar a exaggeração além de todos os limites dizer que os emigrantes do velho mundo, chegando as margens do Amazonas, acham logo um tumulto no solo que apenas começam a cultivar.

O Sr. Elisée Reclus tira esta terrivel conclusão do que diz ter se observado em algumas colonias, e cita por exemplo a de Nossa Senhora do Ó, onde, conforme as informações que teve, de cento e cincoenta colonos allemãos que alli foram recebidos, raros foram os que escaparam com vida ás molestias que se desenvolveram logo depois da estação em que costumam baixar as aguas, e a colonia recebeu assim um golpe fatal, embora o seu fundador ainda acaricie o seu sonho de colonisação.

O quadro é sem duvida horrível; mas felizmente encontramos no relatório das terras publicas e da colonisação de 1861 esclarecimentos que desmentem o lugubre painel do Sr. Elisée Reclus:

“Esta colonia (a de Nossa Senhora do Ó), diz o relatório, foi fundada em 4 de maio de 1855 pelo cidadão José do Ó de Almeida, sendo para ella adoptado o systema de arrendamento e de parceria.

A sua população consta de 52 homens e 55 mulheres, sendo maiores 71 e menores 36, casados 20, solteiros e viuvos 67, ao todo 107. Destes colonos 101 são brasileiros, 3 portuguezes e 3 suissos.

Os empregados da colonia são um medico, um pharmaceutico, um capellão e um guarda-livros.

Possue um engenho de assucar, distillação de aguardente, serraria de madeira. Tem além disto uma capella e 22 casas para os colonos.”

Além desta informação, temos ainda a do relatório de 1857, que nos diz:

“O cidadão José do Ó de Almeida, havendo recebido dos cofres provinciaes por emprestimo a quantia de 8:000\$, attrahiu para a ilha das Onças algumas famílias da provincia do Ceará, e alguns colonos portuguezes, formando uma pequena colonia com 188 pessoas, das quaes teem falecido 15, ausentando-se 57 e nascido 1.”

O relatório de 1858 diz a respeito da mesma colonia:

“A população que em dezembro de 1856 contava de 16 pessoas, no fim de 1857 se elevou a 119, sendo 10 Portuguezes, 5 Suissos e 104 Brasileiros, dos quaes 26 eram naturaes do Pará.”

Como differem estes esclarecimentos dos que apresentou o Sr. Elisée Reclus!... onde está a peste que devorou perto de 150 colonos allemães?... Se uma tal desgraça sobreviesse deixaria ella de ser mencionada nos relatórios a que nos referimos?...

Mas ainda temos cousa melhor, e agora o Sr. Elisée Reclus poderá apreciar o merecimento e a

consciência do Sr. Avé Lallemant.

Quando o Sr. Avé Lallemant visitou a colonia agricola militar estabelecida perto de Obidos, diz o collaborador da *Revista*, achou-a provida de numeroso estado-maior, porém somente com dous colonos.

Ora, a informação do famoso viajante estipendiado pelo nosso governo refere-se, cremos nós, ao anno de 1858, e no relatório da repartição geral das terras publicas e da colonisação apresentado em 1859, e por consequencia relativo ao anno de 1858, encontramos o seguinte:

“Colonia de Obidos. – Segundo as ultimas informações prestadas pelo director, o pessoal desta colonia se compõe do mesmo director, do sub-director, do facultativo, do capellão, do almoxarife, de um feitor apontador, de 23 colonos militares, de 132 paísanos; mas a sua população vae a 242 indivíduos, contando-se as famílias dos empregados, 28 aggregados, 30 escravos e 3 Africanos livres.”

Refere ainda o Sr. Elisée Reclus que em 1854 uma tentativa de emigração levou ao Pará 470 Portuguezes, dos quaes tres annos depois apenas 60 estavam com vida.

Outro quadro horrível! Mas vejamos a verdade: em 1854 diversos emprezarios do Pará obtiveram do governo daquella provincia um emprestimo, obrigando-se a introduzir nella e a empregar nos seus estabelecimentos ruraes ou fabris 450 colonos. Em 1855 apenas dous desses emprezarios tinham feito chegar procedentes de Portugal 100 colonos, nenhum dos quaes se conservou no estabelecimento que os recebera, porque todos preferiram rescindir os seus contratos de locação de serviços e procuraram outros destinos!

E eis ahi a historia de 390 colonos mortos em tres annos inventada pelos informantes do Sr. Elisée Reclus.

Não queremos insistir mais nestes pontos, em que ainda por vezes teriamos de encontrar o Sr. Elisée Reclus bem distante da verdade, ou muito em opposição a ella.

Mas como é certo que a companhia da navegação do Amazonas perdeu cabedal, tempo e trabalho procurando estabelecer nas margens do Amazonas colonias que não vingaram; como é tambem certo que outras têm sido abandonadas por emigrantes e colonos europeus, devemos explicar as causas de semelhantes factos, para que algum outro os não attribua á desolação, á miseria e á morte; e ainda bem que uma voz poderosa e cheia do prestigio da experiencia poderá neste caso fallar por nós.

Eis o que diz o Sr. Barão de Mauá no seu relatório que em 1851 apresentou á assembléa geral dos accionistas da companhia de navegação e commercio do Amazonas:

“A grande questão da colonisação, Srs. accionistas, que aliás importa um interesse brasileiro de primeira ordem, carece ainda de muito estudo para ser satisfactoriamente resolvida; a própria riqueza das magnificas regiões amazonas é um obice, por assim dizer, insuperável á realisação do estabelecimento de nucleos coloniaes. Não basta termos terras que em fertilidade egualam, excedem mesmo as melhores do mundo; não basta que essas terras abundem em produção naturaes, que despertem a cobiça do trabalhador menos ambicioso mostrando-lhe a natureza seus valiosos fructos, prompto por assim dizer a serem colhidos; não basta que esses terrenos se achem em parte cobertos de annosos troncos, de frondosas arvores, que só esperam ser derrubadas pela mão do homem para fornecerem as melhores e mais preciosas qualidades de madeira ao commercio e ás artes; não basta mesmo um clima sadio como o dos terrenos que escolhemos; nem, finalmente, a vontade a mais tenaz para conseguir um grande fim, pois que, sem embargo de todos estes elementos, nossos esforços só deram em resultado uma completa decepção.

Tão pouco se póde attribuir o máo exito desses esforços a erros administrativos nos meios de que se lançou mão. Para attrahir opportunamente a verdadeira colonisação era preciso dispôr os elementos necessarios; e, pois, contrahir um forte numero de trabalhadores que viessem derrubar as matas, fazer plantações dos principaes generos de alimentação vegetal, levantar cabanas e estabelecimentos industriaes de natureza a satisfazer as necessidades primitivas de futuras povoações agricolas, parecia na verdade o meio mais racional, senão o único, de conseguir-se mais tarde o grande fim que tinhamos em vista; tudo porém falhou; não só porque o pessoal dos colonos, por sua má indole, não satisfez, como mesmo pelo principio economico do que o trabalho procura o emprego de que póde auferir maior proveito, sendo certo que no Amazonas o braço vigoroso que trabalhe por sua conta, encontrará por longo tempo uma remuneração mais proveitosa do que o mais pinguo salario que a industria ou a agricultura possam pagar.”

III

O primeiro artigo do Sr. Elisée Reclus nos levaria muito longe se não tivéssemos pressa de acabar o que estamos escrevendo.

Pode ser que ainda tornemos a elle, se o julgarmos preciso; agora porém vamos concluir acrescentando breves palavras sobre uma questão importante de que também se occupa o collaborador da *Revista*.

A conveniencia de se abrir o Amazonas ao commercio do mundo é por todos os brasileiros reconhecida, e hoje é apenas uma questão de oportunidade.

Antes que o Sr. Elisée proclamasse na imprensa franceza esse pensamento generoso e civilizador, já no Brasil na tribuna universal e na do parlamento se tinha sustentado a mesma causa com vigor e eloquencia.

Liberdade de navegação do Amazonas, questão de escravidão e outras ainda de elevada transcendencia, hão de ser decididas pelos poderes publicos do Brasil com prudencia e patriotismo, sem que, nós o dizemos bem alto ao Sr. Elisée Reclus, sem que “os ribeirinhos do Amazonas rompam toda a solidariedade com os seus compatriotas do sul.”

As palavras que sublinhamos offerecem um conselho que repugna aos sentimentos dos brasileiros de qualquer e de todas as províncias do imperio.

Apesar do que de nós dizem e propalam os Avé Lallemant, Biard e outros, temos bastante criterio, bastante luz e civilização para ver, distinguir e reconhecer uma taça envenenada que nos apresentam com o sorriso nos labios.

Deixando as terras do Amazonas, o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* vem no seu segundo artigo considerar as provincias do littoral brasileiro do cabo de S. Roque para o sul, e faz notar o contraste que observa entre paizes ricos e no entanto quasi desertos, esses que acabara de visitar, e a zona que lhe succede, e onde brilha uma civilização relativamente avançada.

No empenho de explicar esse contraste o Sr. Elisée Reclus entende que o problema facilmente se resolve com as correntes maritimas que indicavam preciamente a direcção que seguiriam os colonos europeus, e com as tempestades que arrebatavam os navio e os faziam naufragar nas praias, marcando os pontos onde se elevariam um dia as grandes cidades do Brasil.

Ainda bem que em seguida se lembra o escriptor francez do clima das procincias do sul, que muito melhor explica a mais constante direcção dos emigrantes europeus para esta parte do imperio; se assim não fôra, haveria ensejo para lamentar que o Sr. Elisée Reclus fosse pedir ás correntes maritimas e ás tempestades a resolução do problema, resolução que além do clima a historia claramente offerece.

As correntes marítimas concorreram muito para o descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral; mas certamente não influíram na colonisação: as tempestades ainda menos: um único naufragio teve lugar em sitio visinho daquelle, onde as levantou uma das nossas maiores cidades; foi o de Diogo Alvares em Itaparica; não é porém a este naufragio que se deve a fundação da primeira capital do Brasil.

A mais prompta colonisação das provincias do sul teve outras causas: o favoravel clima é uma das primeiras; a necessidade de expellir os Francezes do Rio de Janeiro apressou a fundação desta cidade, que influiu logo muito sobre o sul, e que avultou de importancia pela excellencia do seu porto, e communicações com as terras das Minas-Geraes, onde as riquezas meneraes foram logo reunindo multidões de aventureiros: os receios da Hespanha no Prata e as guerras do sul determinaram enfim a rapida povoação da nossa provincia mais meridional.

Deixemos esta questão de parte e acompanhemos o Sr. Elisée Reclus na sua curiosa visita; mas acompanhemo-lo com cuidado, pois que realmente não é um guia seguro.

Começa fazendo do monte *Paschoal* uma ilha *Paschoal* a que aporta Cabral descobrindo o Brasil, e situa *Porto Seguro* em uma praia vizinha da ilha por elle imaginada.

Descrevendo ligeiramente a cidade do Rio de Janeiro, contempla arrebatado a magnificencia da natureza, e faz sobresahir o Corcovado e os *Tres Irmãos*.

Deixando que o engenhoso Sr. Biard o leve pela mão, entra em 1858 na nossa academia das bellas artes e ali encontra nove professores e apenas um auditorio de tres alumnos.

Discorrendo sobre a vida e costumes dos negros escravos, e fallando dos cantos rudes entoados por

elles nas ruas da cidade quando se occupam do serviço de cargas, informa em uma nota que alguns *senadores* fatigados desta melopes que se ouve constantemente no Rio de Janeiro, fizeram promulgar um decreto prohibindo aos negros o esotar durante o seu trabalho, o que tornou estes infelizes tão fracos, tão abatidos, tão doentes e preguiçosos que foi preciso revogar sem demora o celebre decreto.

Informa ainda que depois do *bill* Aberdeen, o trafico de Africanos continuou vigoroso, porque os negreiros tinham a certeza de vender no Brasil cada escravo por 400 francos (cerca de 150\$!)

Lembrando alguns facos da nossa historia, o Sr. Elisée Reclus nos ensina que houve uma revolta de *cabaneiros* nas provincias do norte e nas margens do Amazonas, revolta que ainda considera uma *insurreição servil*.

Diz-nos que a revolta do Rio-Grande do Sul rebentou em 1831.

Informa-nos que os *mulatos* e os *negros* em 1838 se apoderaram da Bahia, organisaram um governo regular e resistiram por muitos dias a um sitio e bloqueio rigorosos.

Conta-nos que em 1840 e 1841 rebentou outra revolta mesmo ás portas do Rio de Janeiro e que durante mais de um anno a provincia de Minas-Geraes se conservou em poder dos insurgentes.

Observa que o governo imperial vigia com tanta anxiedade a provincia de Pernambuco sempre inquieta, que em seus mezes, de novembro de 58 a junho de 1859, teve de mandar-lhe cinco diversos presidentes.

Diz que além das insurreições servis do Pará, de Pernambuco (a dos *cabaneiros*) a da Bahia (a de 1838), as próprias revoluções de Minas Geraes e do Rio-Grande do Sul que tinham um caracter mais especificamente politico, ameaçaram degenerar em uma verdadeira guerra de raças.

Refere, e felizmente neste caso cita o veracissimo testemunho do Sr. Avé Lallemant, e o Sr. Lallemant é médico, e o era no Rio de Janeiro, refere, dizemos, que medicos especuladores anunciam pelas folhas periodicas que comprem negros doentes, e que fazem taes transacções para curarem esses escravos e depois vendê-los por alto preço.

Conta que ha senhores que por vaidade enfeitam com as suas próprias joias as suas escravas para dar aos estrangeiros alta idéa da riqueza que possuem, embora um instante depois mandem açoutar as infelizes ainda adornadas com os seus adereços e perolas.

Poderíamos ir adiante; mas parece-nos de sobra o que copiamos do artigo do Sr. Elisée Reclus para demonstrar que o seu trabalho perde qualquer merecimento que chegaria a ter a algum respeito; porque não pode nem deve escrever sobre um paiz quem tão pouco sabe da sua historia, da sua geographia e dos costumes do seu povo.

Tantos erros, tão falsas apreciações, tantas injustiças davam-nos o direito de rejeitar *in limine* o trabalho do Sr. Elisée Reclus: são erros imperdoaveis, são apreciações pueris e extravagantes, são injustiças tão manifestas que nós os apontamos sem corrigir os primeiros, e sem responder ás outras; ,as nem por isso desconhecemos a verdade que apparece em uma ou outra das observações do collaborador da *Revista dos Dous Mundos*.

Por exemplo: diz elle, e é verdade, que nas nossas principaes cidades temos despendido sommas fabulosas em pagar primas-donas, esquecendo obras de primeira necessidade.

Faz algumas considerações razoaveis sobre o entusiasmo com que empreendemos ás vezes grandes trabalhos sem de antemão estuda-los bastante; de modo que nos acontece perder cabedal e tempo, que poderíamos ter aproveitado em obras mais bem pensadas.

Discorre perfeitamente, e isso era facil, sobre a necessidade de multiplicar as nossas vias de communicação, approximando por meio dellas as provincias longínquas da capital do imperio.

Mas o Sr. Elisée Reclus tem um máu genio que incessantemente se esforça para descia-lo do bom caminho: esse máu genio é mais do que o Sr. Biard, é o Sr. Avé Lallemant.

Depois de muitas e longas reflexões sobre o trabalho escravo no Brasil, reflexões justas umas vezes, e outrs inexactas, e fundadas em bases falsas, o Sr. Elisée Reclus passa a considerar a colonisação, e especialmente os colonos allemães, e então entrega-se de olhos fechados ao Sr. Avé Lallemant, que o conduz aonde o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* certamente não quizera ter ido, pois que não temos razão alguma de suppô-lo desejoso de cahir e de perder-se no feio abysmo da diffamação e da falsidade.

O Sr. Elisée Reclus principia condemnando o systema de parceria e de salario em materia de colonisação e preconisando a emigração espontanea.

Inclinamo-nos não pouco para esta opinião do collaborador da *Revista*; mas nem por isso

entendemos que na pratica da colonisação um systema seja absolutamente, e em todas as circumstancias, o melhor e único adoptavel.

Entretanto não é neste ponto que o Sr. Elisée Reclus vae mal e se perde: aqui deixou-se guiar pela própria intelligencia; mas descendo á relação e á apreciação de alguns factos, não falla mais por si, é o écho da voz do Sr. Avé-Lallemant.

Estudando a organização e o estado de diversas colonias allemãs, passa elle em revista as estabelecidas no Rio Grande do Sul e em Santa Catharina, e é ainda inexacto em algumas das suas informações, especialmente a respeito das primeiras; ao menos porém não encontra nellas Brasileiros algozes, nem barbaras matanças.

É verdade que pensando e escrevendo assim, serve elle ao seu principio e demonstra com esses factos como a *propriedade* moralisa, eleva e felicita o colono, o migrante, que pelo contrario se encontra sempre desgraçado e offendido em seus direitos nas colonias das parcerias ou naquellas em que trabalha por salario; mas, seja ou não por isso, o Sr. Elisée Reclus não foi cruel, nem injusto comnosco, tratando das colonias do Rio Grande do Sul e de Santa Catharina.

Antes, porém, de haver chegado a essas colonias, já o Sr. Elisée Reclus tinha considerado a colonisação do Mucury, e obedecendo á inspiração do seu máu genio; derramado todo o fel da diffamação que na fonte envenenada bebêra, sobre um distincto Brasileiro que não conhece, e sobre estabelecimentos coloniaes de que não tem idéa alguma, que não seja mais ou menos falsa.

O collaborador da *Revista dos Dous Mundos* depois de referir como pôde e como quiz o começo e desenvolvimento da companhia do Mucurym e da respectiva colonisação, acompanha o Sr. Avé-Lallemant ao Mucury em 1859, isso é, conta o que contára este famoso viajante modelo, averbando a calumniosa relação com insinuações perfidas e profundamente injuriosas.

Para que repetirmos o que todos leram com indignação em uma época ainda bem recente?...

Bastam quatro palavras para assignalar esta nova edição daquelles improvisos.

O Sr. Elisée Reclus descreve o seu viajante modelo, o Sr. Avé-Lallemant, desembarcando em S. José de Porto-Alegre, e logo alli encontrando duas famílias de emigrantes abarracados na praia e no estado da maior miseria: não tinham querido sujeitar-se ás duras condições impostas pelo director da companhia de Mucury, e instinctivamente haviam procurado o mar, que único lhes poderiam offerecer soccorro.

A fome e o typho punham em horriveis torturas esses desgraçados. Seguindo a sua viagem de observação, o Sr. Lallemant continúa a presenciar eguaes misérias: aqui a peste – ali uma colonia deserta – na própria colonia de Santa Clara a epidemia fazendo horriveis estragos – em Philadelphia a devastação das modestas plantações dos emigrantes.

A tanto horror, a tão barbaro e inqualificavel abandono dos colonos, acudiu felizmente o Sr. Avé-Lallemant, que denunciou ao governo do Brasil a triste situação dos seus compatriotas no Mucury.

Eis ahí a historia, e por ella bem se vê que é o Sr. Avé-Lallemant quem falla pela voz do collaborador da *Revista dos Dous Mundos*.

Mas o Sr. Elisée Reclus devia pensar que o nome do viajante modelo não o salva da responsabilidade de propalador de falsidades: devia comprehender que era da sua obrigação de homem de bem informar-se completamente da verdade dos factos antes de publicar tão graves accusações contra um homem, uma companhia e um governo.

Contra um homem, porque o director da companhia do Mucury é apresentado como um verdugo e deshumano perseguidor.

Contra a companhia do Mucury, porque, tolerando esses horriveis abusos do seu presidente, mostrava-se tão barbara como elle.

Contra o governo, porque o próprio Sr. Elisée Reclus, diz:

“Que a sorte das victimas foi bem depressa esquecida, e a companhia do Mucury obteve do governo um credito” de 3,120,000 francos com a garantia de 7 por cento.

O Sr. Elisée Reclus devia lembrar-se que a sua responsabilidade se tornava muito maior ainda, quando em uma nota deixava cahir no papel em que escrevia uma insinuação tão perfida, que entendemos até indigno de nós repeti-la.

Devia lembrar-se que assumia toda a responsabilidade dos aleives do Sr. Avé-Lallemant, quando para mais profundamente ferir a reputação do director da companhia do Mucury ia até ao ponto de escrever que o – imperador do Brasil fulminava como indigno o nome daquelle Brasileiro, que a provincia de Minas-Geraes

duas vezes propuzera em primeiro lugar em listas para senador,— como se a attribuição constitucional da escolha do senador fosse um raio que ferisse os candidatos não escolhidos!

E nem ao menos o Sr. Elisée Reclus se informou neste caso dos preceitos da nossa constituição, nem ao menos se limitou a offender o director da companhia, e quiz tambem atacar o imperador do Brasil, calumniando suas intenções seus actos.

Longe esteve do espirito do Sr. Elisée Reclus tudo isto; mas é innegavel que elle pelo menos peccou por leviandade e precipitação reprehensíveis.

O Sr. Elisée deveria ter-se informado melhor antes de escrever: e isso era facil, porque correm impressos documentos officiaes que esclarecem perfeitamente essa questão do Mucury.

Não nos fazemos cargo de defender o Sr. Teophilo Benedicto Ottoni, contra as accusações do Sr. Avé-Lallemant. Tem o Sr. Ottoni adversarios politicos, suas opiniões desagradam a muitos dos seus compatriotas; não ha porém quem deixe de fazer justiça á sua honradez e ao seu coração.

Não o defenderemos, pois; mas simplesmente faremos recordar alguns esclarecimentos officiaes, que são de sobra para destruir toda essa rede de aleives tecida pelo Sr. Avé-Lallemant.

Na sua visita a diversas colonias estabelecidas no Brasil, o Sr. Avé-Lallemant chegou á barra do Mucury, que aliás não é nem era o ponto colonial, e ali encontrou *fugitivos* trinta colonos da Associação Central que haviam abandonado a colonia no próprio dia em que tinham chegado, tendo recebido viveres para quinze dias, e não tendo querido nem ao menos ver os lotes de terras que lhes eram destinados; estavam alguns destes colonos atacados de febres intermitentes, de que falleceram tres, achando-se outros naturalmente abatidos: isto bastou para que o viajante modelo enxergasse naquelle espectaculo a *carnificina do Mucury*, e delle tirasse motivo para o invento de mil falsidades.

Percorrendo as diversas colonias do Mucury, vendo e observando tudo, encontrando numerosos colonos satisfeitos e alegres, e animação em quasi toda a parte, ainda assim o Sr. Avé-Lallemant descreveu com as mais negras cores a colonisação do Mucury, e fez ao director da companhia terriveis accusações.

O governo imperial, sciente do que o Sr. Avé-Lallemant participára e prapalára ter observado, mandou ao Mucury successivamente tres commissarios encarregados de examinar o estado daquela colonia.

O primeiro destes commissarios foi o Allemão F. A. Lichmund, amigo do Sr. Avé-Lallemant, e inimigo pessoal do director da companhia, e ainda assim, no meio de infundadas censuras, disse no seu relatório, fallando da colonia de Santa Clara: “Os colonos que ficaram em Santa Clara em numero de duzentos pouco mais ou menos, em parte são já mais antigos e bem estabelecidos: estes não desejam sahir da colonia.”

O segundo commissario foi o tenente José Feliciano Bueno Mamoré, que em officio de 27 de abril de 1860 resumiu as informações que deu ao governo imperial nestas poucas palavras: “Tendo ouvido a pessoas desinteressadas, posso affirmar que a peor epidemia que tem reinado nesta colonia e na de Santa Clara doi o Dr. Lallemant.”

O terceiro commissario foi o Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes, e este digno cidadão fez em um longo relatorio a pintura exacta do estado da colonisação do Mucur, desmentindo as falsas noticias do Dr. Lallemant.

Por exemplo: tratando dos colonos de Philadelphia, que o Sr. Avé-Lallemant declara doentes, infelizes e desesperados, aquelle commissario diz:

“Tende até aqui exposto V. Exe. As principaes queixas dos colonos, e o que me pareceu haver nellas de verdadeiro e procedente, vou dizer com franqueza a minha opinião ácerca da colonisação do Mucury, e é que o colono que se estabelecer nas immediações de Philadelphia até ao Ribeirão de Areia, d'onde começam as terras de melhor qualidade, e for trabalhador e industrioso, há de conquistar uma posição e fazer fortuna: não posso deixar de formar esta opinião quando o observei entre os colonos modernos (de oito mezes), ao lado de um que quasi nada tinha feito, outro que apresentava resultados taes que surprenderam, accusando todos a mesma falta...”

De Santa Clara, ondem segundo o Sr. Avé-Lallemant, estavam os colonos morrendo de fome, observa o commissario o seguinte:

“Com taes elementos, a epidemia que houve, fazendo degenerar em typhos as febres intermittentes, próprias do lugar, é um facto que naturalmente se explica. A outras causas não posso eu attribuir a defecção dos colonos de Santa Clara, sendo certo que nunca lhes faltou o alimento, pois alguns generos de que houve falta por pouco tempo foram substituidos por outros de que havia abundancia no armazem da companhia,

como a farinha de trigo, que lhes foi distribuída com profusão, o bacalhão, etc.

Se os colonos tivessem procurado conjurar a crise, muito provavelmente o teriam conseguido; e a prova está em que os mais antigos, que viviam em suas casas, fóra dos focos de infecção creados por aquelles, a atravessaram quasi incolumes, não tendo succumbido um só.

Se em Santa Clara se deram as causas que ficam apontadas para a defecção dos colonos, outro tanto não succedeu em Philadelphia, onde o clima é benigno, e não houve epidemia, nem falta de mantimentos, estando todos situados em lugares convenientes nas margens dos ribeirões.

Estes colonos foram evidentemente arrastados pela torrente que se desprende em Santa Clara e seduzidos com promessas fallazes que imprudentemente lhes fez alguém, servindo-se do nome do governo.”

A estas informações officiaes poderíamos juntar muitas outras de igual importância, mas força é que não estendamos demasiadamente este artigo; no entanto é impossivel esquecermos o testemunho de tres pessoas autorizadas pela sua posição, e pelas commissões que desempenhara.

Em 1860 o Sr. deputado Theophilo Ottoni, o director da companhia do Mucury, pronunciou na camara dos Srs. deputados em discurso, em que discorrendo sobre aquella companhia, e patenteando a toda a luz a falsidade das accusações do Sr. Avé-Lallemant, enunciou proposições censurando o Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello, então ministro da agricultura, commercio e obras publicas, a quem de certo modo responsabilisava em parte pelos abusos e pela influencia maligna daquelle viajante estipendiado pelo governo.

O Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello, respondendo ao Sr. deputado Theophilo Ottoni, disse então:

“Eu não diria palavra, Sr. presidente, sobre tudo quanto o nobre deputado expoz a respeito da empresa do Mucury; approvaria com o meu silencio a indignação que mostrou contra as perversidades e loucuras do homem tantas vezes estigmatizado; não proferiria uma palavra sobre todo esse longo tópico do discurso do nobre deputado, se não me tivesse feito uma injustiça que eu não poderia esperar da illustração do nobre deputado. Não era possível, Sr. presidente, que um homem na minha posição, sem estar completamente varrido de juizo, approvasse, quanto mais aconselhasse e ordenasse tantas indignidades.”

E depois de algumas outras observações, continuou fallando do Sr. Avé Lallemant.

“A capacidade do individuo, o seu character, nos eram inteiramente desconhecidos: não sabiamos quem era o Sr. Lallemant; nunca tinhamos tido relações com elle; sabiamos que era um medico que havia muitos annos estava no paiz; não sabiamos quaes eram as suas intenções e suas idéas sobre colonisação; só pessoa ligada a elle o poderia saber, e essa pessoa o affiançava.

(...)

Ora, que culpa posso eu ter, se esse homem trahiui aquelle que o apresentou? Serei eu por isso responsavel? Não é isso uma injustiça grave que me faz o nobre deputado?... se o nobre deputado, cujos trechos hontem foram aqui lidos, se ali há calúnia, perversidade e mentira, permitta-se-me a expressão, que peso pode dar-se a uma carta, em que elle diz – por sua causa estou aqui? – Se eu tenho pintado o homem tal qual o considero agora, se tenho estigmatizado o seu procedimento, como poderi ser complice com elle?...”

Eis ahi o Sr. Lallemant julgado por um ministro da corôa, a quem o Sr. Theophilo Ottoni fazia opposição, e de quem é adversario politico.

No relatório da liquidação da companhia do Mucury por parte do governo, relatório que não pode ser suspeito como redigido por algum amigo pessoal do ex-diretor da companhia, não menos se desmentem as invenções calumniosas do Sr. Lallemant.

Eis o que se lê em duas paginas desse documento.

Em referencia aos trabalhos da companhia em 1859, diz o relatório:

“A colonisação era o maior, senão exclusivo afan da companhia.

Á timidez primitiva sobre este objecto succedera um febril ardor.

Á parcimonia em trazer emigrantes, seguira-se a avidez de alcança-los promptos e em grande numero, de modo que o Mucury chegou momentaneamente a rivalisar com as mais fortes empresas colonisadoras do imperio.

Resultado em parte desse proceder da companhia, e em parte filho de uma ruim fatalidade, deu-se o facto de se acharem accumulados mais de 500 emigrantes na época pestifera do anno, e no lugar mais insalubre do Mucury.

Sefuiu-se o lugebre e doloroso painel que o paiz contemplou, e cujos traços não são deste lugar.

É justiça no entanto dizer que, se de imprevidencia foi culpada a companhia nesse fatal desastre, muitos esforços envidou ella depois para resgatar o seu erro ou attenua-lo.

Quanto ás terras, cuja propriedade a companhia adquiriu, nada é preciso que eu diga, visto que a legitimação de 291,013,969 braças quadradas foi feita segundo as instrucções e explicita approvação de diversos presidentes da provincia de Minas, que estão muito alto collocados para necessitarem de defeza. Fallo dos Srs. senadores F. D. Pereira de Vasconcellos, Herculano Ferreira Penna e Carneiro de Campos, e do actual presidente de Santa Catharina padre Vicente Pires da Motta.”

E mais adiante, tratando da improvisada carnificina e das accusações feitas por isso ao director da companhia, ou a esta, assim falla o mesmo documento:

“É por demais dizer que se a defeza que de si fez a companhia parece insufficiente, as accusações que lhe foram assacadas tem muito de declamatorias e até de calumniosas.

A verdade singela, importa neste caso a exacta apreciação dos successos.

A insalubridade periodica do Mucury se pronuncia, todos os annos com bastante energia para dispensar auxiliares, e se no maior numero de casos as febres intermitentes cedem a um acertado tratamento o seu melhor antidoto é a mudança de estação, ou a transferencia de doentes para localidade diversa, sobre tudo para a Philadelphia.

Consequentemente a responsabilidade da companhia não pode ir alem do facto da sua imprevidencia, por que é innegavel que revelado o mal não poupou esforços para o combater.

Não só deixou de calcular sobre as despesas que um melhor tratamento dos colonos devia trazer-lhe, mas ainda fez sacrificios de todo o genero para que nada lhes faltasse; ainda mas, o proprios director da empresa e seu irmão Dr. Ernesto Benedicto Ottoni, se apresentaram no meio do flagello, exemplificando assim uma louvavel dedicação.”

O barão de Tchudy, que viajou pelo Brasil com o fim determinado de estudar a vida e estado dos colonos allemães estabelecidos no nosso paiz, é lembrado com a mais justa consideração pelo Sr. Elisée Reclus; admira porem que o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* se esquecesse deste sabio allemão, quando tratou do Mucury.

Repetiremos ao Se. Elisée Reclus algumas palavras do barão de Tchudy, tirando-as de um artigo sobre o Mucury, que elle fez imprimir na *Gazeta Universal de Aupsburgo*.

O sabio Allemão declara que encontrou no Mucury poucos colonos queixosos, mas que mesmo nestes casos, examinando a questão de mais perto, achou que a culpa era dos mesmos queixosos.

Referindo-se a todos os colonos desde Philadelphia até Santa Clara, sustenta que a “situação delles em geral é satisfactoria, que com poucas excepções lhe asseguráram todos que a directoria cumpre conscienciosamente os seus contratos.”

Copiaremos ainda as seguintes informações que se acham no mesmo artigo:

“Como na mór marte das colonias, tambem no Mucury o emigrante morigerado e intelligente consegue em pouco tempo uma posição proporcionalmente boa, que elle vae de anno em anno melhorando pela sobriedade, pelo trabalho assiduo e pela economia, alcançando emfim um resultado que não lhe fora dado esperar na Europa.”

(Continuar-se ha)

ANEXO 4. Lista de artigos de Élisée Reclus publicados na *Revue des Deux Mondes*.

1. Dezembro 1859 (Troisième quinzaine) I. LES CÔTES NÉO-GRENADINES (38 pages) Élisée Reclus UN VOYAGE A LA NOUVELLE-GRENADE, PAYSAGES DE LA NATURE TROPICALE
2. Fevereiro 1860 (Troisième quinzaine) PAYSAGES DE LA NATURE TROPICALE - II. SAINTE-MARTHE ET LA HORQUETA (27 pages) Élisée Reclus VOYAGE DANS LA NOUVELLE-GRENADE
3. Março 1860 (Deuxième quinzaine) III. RIO-HACHA, LES INDIENS GOAJIRES ET LA SIERRA-NEGRA (34 pages) Élisée Reclus UN VOYAGE DANS LA NOUVELLE-GRENADE, PAYSAGES DE LA NATURE TROPICALE
4. Maio 1860 (Première quinzaine) IV. LES ARUAQUES ET LA SIERRA-NEVADA (34 pages) Élisée Reclus UN VOYAGE DANS LA NOUVELLE-GRENADE, PAYSAGES DE LA NATURE TROPICALE
5. Dezembro 1860 (Quatrième quinzaine) I. LE CODE NOIR ET LES ESCLAVES (34 pages) Élisée Reclus DE L'ESCLAVAGE AUX ÉTATS-UNIS
6. Janeiro 1861 (Première quinzaine) II. LES PLANTEURS ET LES ABOLITIONISTES (37 pages) Élisée Reclus L'ESCLAVAGE AUX ÉTATS-UNIS
7. Abril 1861 (Quatrième quinzaine) I. VOYAGE AU PAYS DES MORMONS, PAR JULES REMY - ETC. (34 pages) Élisée Reclus LE MORMONISME ET LES ÉTATS-UNIS
8. Agosto 1861 (Troisième quinzaine) I. Études sur la Mer-Caspienne, par M. de Baer - II. La jonction de la Mer-Caspienne et de la Mer-Noire, par M. de Bergstraesser (32 pages) Élisée Reclus La Méditerranée Caspienne et le canal des steppes
9. Janeiro 1862 (Première quinzaine) Les compagnies cotonnières et les tentatives du commerce anglais depuis la rupture de l'union (33 pages) Élisée Reclus Le coton et la crise américaine
10. Fevereiro 1862 (Quatrième quinzaine) Un peuple retrouvé (20 pages) Élisée Reclus Les cités lacustres de la Suisse
11. Junho 1862 (Quatrième quinzaine) I. Le bassin des amazones et les indiens (30 pages) Élisée Reclus Le Brésil et la colonisation
12. Julho 1862 (Deuxième quinzaine) II. Les provinces du littoral, les noirs et les colonies allemandes (40 pages) Élisée Reclus Le Brésil et la colonisation
13. Fevereiro 1863 (Troisième quinzaine) Un voyage dans la vallée du Nil (8 pages) Élisée Reclus Essais et notices
14. Março 1863 (Deuxième quinzaine) I. Les partisans du Kansas et les noirs libres de Beaufort (31 pages) Élisée Reclus Les noirs américains depuis la guerre civile des États-Unis
15. Abril 1863 (Troisième quinzaine) II. Les planteurs de la Louisiane et les régimens africains, dernière partie (32 pages) Élisée Reclus Les noirs américains depuis la guerre
16. Novembro 1863 (Deuxième quinzaine) III. Les plages et le bassin d'Arcachon (32 pages) Élisée Reclus Le littoral en France

17. Fevereiro 1864 (Quatrième quinzaine) La poésie et les poètes dans l'Amérique espagnole (28 pages) Élisée Reclus Poésie hispanique
18. Março 1864 (Deuxième quinzaine) Un écrit américain sur l'esclavage - Lettres inédites de Voltaire (6 pages) C. Perrot, Élisée Reclus Essais et notices
19. Setembro 1864 (Première quinzaine) IV. Les landes de Born et du Marensin (27 pages) Élisée Reclus Le littoral de la France
20. Outubro 1864 (Troisième quinzaine) Les deux dernières années de la grande lutte américaine (70 pages) Élisée Reclus Histoire de la guerre civile aux États-Unis
21. Dezembro 1864 (Troisième quinzaine) de l'action humaine sur la géographie physique (10 pages) Élisée Reclus L'homme et la nature
22. Janeiro 1865 (Première quinzaine) Les oscillations du sol terrestre (28 pages) Élisée Reclus Sciences
23. Fevereiro 1865 (Quatrième quinzaine) (31 pages) ELISÉE RECLUS LA GUERRE DE L'URUGUAY ET LES RÉPUBLIQUES DE LA PLATA
24. Julho 1865 (Première quinzaine) SOUVENIRS DE VOYAGE (29 pages) ELISÉE RECLUS LE MONT ETNA ET L'ÉRUPTION DE 1865
25. Maio 1866 (Deuxième quinzaine) (30 pages) ELISÉE RECLUS DU SENTIMENT DE LA NATURE DANS LES SOCIÉTÉS MODERNES
26. Outubro 1866 (Quatrième quinzaine) LEURS GUERRES ET LEUR PROJET DE FÉDÉRATION (28 pages) ELISÉE RECLUS LES RÉPUBLIQUES DE L'AMÉRIQUE DU SUD
27. Janeiro 1867 (Première quinzaine) LES VOLCANS ET LES TREMBLEMENTS DE TERRE (13 pages) ELISÉE RECLUS LES FORCES SOUTERRAINES
28. Março 1867 (Première quinzaine) LES PLAGES ET LES FIORDS (8 pages) ELISÉE RECLUS ESSAIS ET NOTICES.
29. Março 1867 (Deuxième quinzaine) UN PEUPLE QUI S'EN VA (28 pages) ELISÉE RECLUS LES BASQUES
30. Agosto 1867 (Quatrième quinzaine) ETUDE PHYSIQUE MARITIME (31 pages) ELISÉE RECLUS L'OCEAN
31. Dezembro 1867 (Quatrième quinzaine) VICTOR (32 pages) ELISÉE RECLUS LA GUERRE DU PARAGUAY
32. Março 1868 (Deuxième quinzaine) (20 pages) ELISÉE RECLUS LES RÉPUBLIQUES DE L'ISTHME AMÉRICAIN
33. Agosto 1868 (Quatrième quinzaine) (20 pages) ELISÉE RECLUS L'ÉLECTION PRÉSIDENTIELLE DE LA PLATA ET LA GUERRE DU PARAGUAY

ANEXO 5: Prefácio da obra *A Terra. Descrição dos fenômenos da vida do globo*⁵¹, de Élisée Reclus.

Comecei o livro que aparece agora faz já quase quinze anos, não no silêncio de minha sala, mas sim fora, no meio da natureza livre. Foi na Irlanda, em cima de um monte que domina as corredeiras do Shannon, suas ilhotas vibrando sobre a pressão das águas e o negro desfiladeiro de árvores no qual o rio penetra e desaparece depois de uma curva acentuada. Deitado na grama, ao lado do resto de uma muralha que uma vez havia sido uma fortaleza e que as humildes plantas demoliram pedra por pedra, desfrutava suavemente essa imensidade de coisas que se manifestava mediante o jogo de luz e de sombras, do estremecimento das árvores e o murmúrio das águas se estalando contra as rochas. Foi ali, neste gracioso lugar, onde nasceu em mim a ideia de relatar os fenômenos da terra e, sem tardar, esbocei o plano de minha obra. Os raios oblíquos do sol de outono douravam estas primeiras páginas e faziam tremer sobre elas a azulada sombra de um arbusto agitado.

Desde então não cessei de trabalhar nesta obra nas diversas regiões onde o amor das viagens e os azares da vida me conduziram. Tive a felicidade de ver com meus próprio olhos e de estudar no próprio local quase todas as grandes cenas de destruição e de renovação, avalanches e desaparecimento de rios, cataratas, inundações e degelos, erupções vulcânicas, erosões das falésias, aparição de bancos de areias e de ilhas, trombas, furacões e tempestades. Não é unicamente aos livros, mas a terra mesma a que me dirigi para obter o conhecimento da terra. Depois de longas pesquisas entre o pó das bibliotecas, voltava sempre a grande fonte e reanimava meu espírito no estudo dos fenômenos mesmos. As curvas de um riachozinho, os grãos de areia da duna, as conchas da praia, não me ensinaram menos que os meandros dos grandes rios, os poderosos cimentos dos montes e também a superfície imensa do oceano.

E não é tudo. Posso dizer com o sentimento de dever cumprido que para conservar a nitidez de meu ponto de vista e com a honestidade de meu pensamento, percorri o mundo como um homem livre, contemplei a natureza com um olhar sincero e orgulhoso, recordando que a antiga Freya era ao mesmo tempo a deusa da terra e a da liberdade.

4 de novembro de 1867

51 Tradução do autor a partir da tradução espanhola: GIBLIN, Béatrice. **Elisée Reclus El Hombre y la Tierra**. México: Fondo de Cultura Economica. 1986. pp. 31.

ANEXO 6: Prefácio da obra *Nova Geografia Universal*⁵², de Élisée Reclus.

A publicação de uma *Geografia Universal* pode parecer uma empreitada temerária, mas tem sua justificativa nos importantes progressos recentemente conseguidos e nos que sem cessar estão se realizando na conquista científica do planeta. As regiões, a tempos dominadas pelo homem civilizado, deixaram que se penetrasse muitos de seus mistérios; vastas regiões que o europeu não havia visto ainda, vieram e figurar dentro dos limites do mundo conhecido, e as leis mesmas a que obedecem todos os fenômenos terrestres tem sido examinadas com precisão mais rigorosa. Os avanços da ciência são demasiado numerosos e importantes, para que seja possível inserir um resumo destes em qualquer das obras antigas, ainda que sendo de tanto valor como a do ilustre Malte-Brun. Épocas novas pedem novos livros também.

Minha maior ambição seria poder descrever todas as regiões da Terra e apresentá-las ao olhar do leitor como se houvesse podido percorrê-las pessoalmente e contemplá-las sob seus diversos aspectos; mas em relação ao homem isolado à Terra quase não tem limites, e só com o auxílio dos viajantes que se pode fazer surgir a infinita sucessão dos espetáculos da natureza. Procurei, contudo, não me deixar guia cegamente, comprovando com incessantes leituras as descrições e os relatos. Antes de reproduzir as palavras, me esforcei para analisá-las com cuidado; fiz reviver a natureza ao meu redor.

Mas esta mesma natureza muda constantemente com os homens que sustenta. Os movimentos internos elevam ou deprimem as montanhas; os rios varrem a cobertura terrestre e a arrastam até o mar; as correntes cavavam as encostas e reconstruíam os arquipélagos; a vida ferve nas ondas e renovam sem cessar a superfície terrestre; os povos, por fim, mudam, pela agricultura, a indústria e as vias comerciais, o aspecto e as condições primárias dos continentes, e eles mesmos se modificam pelas emigrações e pelos cruzamentos. A mobilidade de tudo o que nos rodeia é infinita, e há, portanto, necessidade de fazer-se conhecer, descrevendo o meio primitivo e as mudanças posteriores. Já no livro *A Terra*, que é de certo modo o prólogo desta obra, procurei descrever todos os movimentos gerais que se produzem na superfície do globo; agora se trata de segui-lo em seus detalhes através dos continentes e dos mares. É difícil, espero conseguir, realizar obra tão importante; mas encontro a desculpa de meu atrevimento na magnitude mesma da empreitada e a ela consagro sinceramente as fugazes horas de minha vida. A gota de vapor que brilha um instante no espaço reflete em sua molécula quase imperceptível o universo que a envolve com sua imensidão; assim é como eu trato de apresentar o mundo que me rodeia.

A geografia convencional, que consiste em citar longitudes e latitudes, em enumerar cidades, aldeias, divisões políticas e administrativas, ocupará somente um lugar secundário em meu trabalho: os atlas, os dicionários, os documentos oficiais, fornecem nesta parte da ciência geográfica todos os dados apetitosos. Não quis, mediante a fácil tarefa de intercalar grande número de quadros, de nomes e de cifras, aumentar inutilmente as dimensões de uma obra que certamente será muito extensa, e temeria usurpar os domínios da cartografia e da estatística. Ao acrescentar ao meu livro numerosos mapas, não tive o propósito de compor um novo atlas que dispensasse o leitor de recorrer as obras especiais. Enquanto os mapas gerais tem por objeto facilitar aos que os estudam todos os dados que se referem a configuração do solo e a posição dos mares, as gravuras e os desenhos da *Nova Geografia Universal* estão destinados unicamente a colocar em relevo os fenômenos descritos no texto; conservando as condições essenciais de exatidão e precisão, não atenderão aos detalhes secundários. Longe de substituir esses atlas, meus mapas não servem senão para comentá-los, explicando seu sentido íntimo relativamente aos fenômenos da natureza e aos acontecimentos da história.

Ao longo de minha viagem através do mundo, desde as ribeiras da Grécia, onde começa nossa civilização europeia, até as formidáveis montanhas de gelo que impedem ao homem abordar as terras antárticas, não vou me ajustar a um sistema absolutamente rigoroso. A verdade é que, sendo a natureza tão diversas em seus aspectos e não obedecendo a regime algum de regularidade convencional, somente me submeteria a uma ordem puramente exterior se seguisse sempre o mesmo na descrição dos países. Creio que seja mais oportuno deixar-me guiar em meus trabalhos pela importância relativa dos fenômenos que importam descrever, e pelas características distintas e os estados de cultura dos povos que se sucederão em

52 Tradução do autor a partir da tradução espanhola: RECLUS, Élisée. *La Geografía al Servicio de la Vida* (antología). Barcelona: Nadir, 1980. pp 79 – 82.

minhas narrativas.

Ao empreender um trabalho de tal extensão, meu dever é me obrigar com o leitor a uma extrema sobriedade de linguagem. É muito o que tenho que dizer para não me abster de empregar qualquer palavra ociosa; serei, pois tão breve como a clareza da expressão permitir. A Terra é muito grande e o um bilhão e quatrocentos milhões de homens que a habitam apresentam bastantes diferenças e contrastes, para que seja possível falar de todos eles sem incorrer em repetições inúteis.

Infelizmente minha obra não ficará isenta de erros por maior que seja o esmero com que a preparei e a escrevi. Aqueles devidos as transformações incessantes da natureza e da humanidade, em vão trataria de evitá-los; e neste ponto não tenho necessidade de pedir desculpas, porque não tenho a pretensão de antecipar-me ao tempo. Mas prevejo outros erros que virão, ora da imperfeição dos trabalhos de meus predecessores, ora, e isso é mais grave, de algum preconceito que eu mesmo não alcancei todavia me libertar. Desde agora peço indulgência a meus leitores. Ao menos, posso lhes oferecer escrupulosa atenção no trabalho, retitude nos julgamentos, constante respeito a verdade. Isto é o que me permite me dirigir a eles cheio de confiança, os convidando a estudar comigo esta Terra benevolente que a todos nos sustenta e sobre sua face seria tão bonito viver como irmãos.